



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**REGIONAL CATALÃO**  
**UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDUC**

**WILANS FLAVIANO DA SILVA**

**SABERES DA JUVENTUDE NO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO EM IPAMERI**  
**(GO)**

**CATALÃO**  
**2020**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico:**     **Dissertação**     **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**


Nome completo do(a) autor(a): Wilans Flaviano da Silva

Título do trabalho: Saberes da juventude no Assentamento Olga Benário em Ipameri - Go

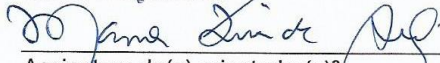
**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  **SIM**     **NÃO**<sup>1</sup>

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 01 / 04 / 2020

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

**WILANS FLAVIANO DA SILVA**

**SABERES DA JUVENTUDE NO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO EM IPAMERI  
(GO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Unidade Acadêmica Especial de Educação da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Leitura, Educação e Ensino de Língua Materna e Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Zenaide Alves.

**CATALÃO (GO)**

**2020**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Flaviano da Silva, Wilans

Saberes da juventude no Assentamento Olga Benário em  
Ipameri (Go) [manuscrito] / Wilans Flaviano da Silva. - 2020.  
CXXXIII, 133 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria Zenaide Alves.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade  
Acadêmica Especial de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Catalão, 2020.

Bibliografia.

Inclui siglas, mapas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de  
tabelas.

1. Juventude rural. 2. assentamento. 3. saberes. 4. experiência. I.  
Zenaide Alves, Maria, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE  
EDUCAÇÃO

**ATA FAE-RC SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA Nº 102/2020**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ATA DA 105ª SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.**

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado EM EDUCAÇÃO DE WILANS FLAVIANO DA SILVA.

Aos doze de março de dois mil e vinte, às 14h na sala 101 do Bloco H- Universidade Federal de Goiás (RC/UFG)/Universidade Federal de Catalão (UFCAT) Em transição", reuniram-se os componentes da banca examinadora, as professoras Dr.<sup>a</sup> MARIA ZENAIDE ALVES - PPGEDUC/UFG/RC - Orientadora; Prof. Dr. WENDER FALEIRO-PPGEDUC/UFG/RC - Membro Interno; Prof. Dr. ISMAR DA SILVA COSTA - PPGH/UFG/RC - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de WILANS FLAVIANO DA SILVA, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da UFG-RC/UFCAT Em transição, com trabalho intitulado "SABERES DA JUVENTUDE NO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO EM IPAMERI (GO)". A sessão foi aberta pela presidenta/e da banca, que fez a apresentação formal procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu o/a examinando/a. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os/as arguidores/as atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: **DEFESA APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora. dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida a/ao discente que,

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG-RC/UFCAT Em transição, doze de março de dois mil e vinte.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Zenaide Alves, Presidenta**, em 12/03/2020, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wender Faleiro Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 12/03/2020, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ismar Da Silva Costa, Professor do Magistério Superior**, em 12/03/2020, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dulcéria Tartuci, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 12/03/2020, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1213441** e o código CRC **F24E24BD**.

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação de Mestrado só foi possível acontecer graças a várias pessoas. Umás bem te perto, outras de longe, mas, cada uma que agradeço aqui teve importância para a construção do meu saber.

- ✓ Começo agradecendo a Deus, pela oportunidade de crescer um pouco mais profissionalmente e por ter colocado pessoas tão especiais ao meu lado que me ajudaram a superar momentos mais difíceis na jornada da vida.
- ✓ Agradeço aos meus pais, Dinámerico Flaviano da silva e Marcelina Maria da silva (*in memoriam*), pois foi através deles que ganhei a vida.
- ✓ Aos meus filhos: Ábner, Douglas, Emmile, Bárbara e Matheus por terem entendido as minhas ausências, a minha falta de paciência e, mesmo assim, terem me dado apoio para continuar os meus estudos. Agradeço também à Viviane, por ter me dado incentivo mesmo de longe; ela sempre dizia me “vai em frente, acredito no senhor”.
- ✓ Quero agradecer especialmente a minha colega de trabalho e minha esposa, Sebastiana L. Flaviano, a minha maior incentivadora. Foi ela a primeira pessoa a acreditar que eu poderia me tornar Mestre.
- ✓ A toda a minha família, especialmente os meus irmãos, Wilson, João e Sônia. Os meus irmãos, Valdo e Lúcia (*in memoriam*). Perdi minha irmã, Lúcia, no decorrer do Mestrado, foi duro, mas consegui superar e hoje estou aqui rendendo homenagem a ela, aquela menina do vestido “remelho” (vermelho).
- ✓ De maneira especial, agradeço aos meus primos: Carlos e Mariinha, pela acolhida em sua casa. Recordo-me da Mariinha levantando cedo para fazer um café, mesmo sabendo que ela nunca tomou café, mas dizia:  
- *Você não pode sair sem nada no estômago.*
- ✓ Aos meus colegas da vida acadêmica, da oitava turma do PPGEDUC. Recordo-me com carinho de todos vocês, mas faço menção às amigas Isabel e Janini Ingrid por estarem sempre me ajudando nos trabalhos, formatando, imprimindo, etc.... e me incentivando a estudar. Talvez elas tivessem muita paciência comigo por eu ser uns dos mais velhos da turma. Em especial, à minha amiga inseparável, Quênia Cristina, pela amizade, companheirismo, pelos cafés que tomamos juntos na Santo Pane, por estarmos sempre perdidos no campo como “dois cachorrinhos sem dono”, como dizia a minha Sebastiana.

- ✓ Agradeço de coração à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Zenaide Alves, por ter sido a minha orientadora e me guiado com dedicação e paciência pelos caminhos do saber e do conhecimento que, com muita experiência, me passou. Esta fase não foi nada fácil, pelo contrário, foi muito difícil por eu estar fora da vida acadêmica por mais de 20 anos.
- ✓ Também agradeço de coração aos professores doutores: Dr. Wender Faleiros e Dr. Ismar da Silva Costa por terem participado da minha banca examinadora de conclusão de curso contribuindo com seus conhecimentos e saberes para a realização desta dissertação, na qual buscamos identificar os saberes da juventude. Meus sinceros agradecimentos aos demais membros da banca examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Lopes Rossi e Prof. Dr. Janderson Vieira de Souza, que, de certa forma, também contribuíram com o nosso trabalho.
- ✓ Agradeço aos pais e aos jovens, agentes da minha pesquisa, pela vasta contribuição no fornecimento dos dados coletados. Agradeço também pelos cafés, almoços, doces, queijos, frutas e pelos bons momentos que passamos durante as minhas incursões ao assentamento que caracterizaram a qualidade do acolhimento que tive por aqueles “companheiros” da comunidade rural.
- ✓ Quero aqui fazer uma menção honrosa ao meu grande amigo e pastor, Valdomiro Monteiro (*in memoriam*), este homem foi um grande exemplo de vida e incentivador para mim. Mesmo doente quando ia visitá-lo, ele sempre me perguntava:  
- *Firme nos estudos? Vamos ter mais um Mestre na igreja?*

"Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes".

Paulo Freire (1987)

## RESUMO

Esta pesquisa, desenvolvida no campo da educação, tem por objetivo central investigar os saberes presentes no meio da juventude rural do Assentamento Olga Benário, analisando suas fontes e meios de circulação. Para o desenvolvimento da mesma utilizamos a abordagem qualitativa de cunho etnográfico. O trabalho de campo com os sujeitos da pesquisa durou cinco meses, estendendo-se de março a julho de 2019. O contato direto com esta juventude rural nos permitiu ouvir, observar, gravar e fotografar de modo apreender os saberes ali presentes. Utilizamos como instrumento de produção de dados o questionário sociocultural, observações e as entrevistas semiestruturadas. A base teórico-metodológica está assentada em Charlot (2001, 2005, 2014); Larrosa (2002, 2011); Weisheimer (2015), Khel (2015); Kummer e Colognese (2013); Leão e Rocha (2015), entre outros autores que contribuíram com este trabalho. A pesquisa constatou que estes jovens têm como principais fontes de saberes a família, a comunidade e a escola e os principais saberes mobilizados pelos sujeitos dentro do assentamento foram identificados e definidos como saberes sociais, ecológicos, escolares, tecnológicos, domésticos e agrários.

Palavras-chave: Juventude rural, assentamento, saberes, experiência.

## **ABSTRACT**

This research carried out in the field of education, has the main objective of investigating the knowledge present among the rural youth of the Olga Benário Settlement, analyzing their sources and means of circulation. For the development of this research we used a qualitative approach of an ethnographic nature. The fieldwork with the research subjects lasted five months, extending from March to July 2019. Direct contact with this rural youth allowed us to listen, observe, record and photograph in order to learn the knowledge present there. We used the socio-cultural questionnaire, observations and semi-structured interviews as a data production instrument. The theoretical-methodological basis is based on Charlot (2001; 2005; 2014); Larrosa (2002; 2011); Weisheirmer (2015), Khel (2015); Kummer; Colognese (2013); Leão; Rocha (2015) among other authors who contributed to this study. The research found that these young people have as their main sources of knowledge the family, the community and the school and the main knowledge mobilized by the subjects within the settlement were identified and defined as social, ecological, school, technological, domestic and agrarian knowledge.

**Keywords:** Rural youth; settlement; knowledge; experience.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- APP** – Área de Preservação Permanente
- Ascraf** – Associação Camponesa Regional de Agricultura Familiar em Ipameri
- Asproab** – Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Olga Benário
- BDTD** – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
- Cencac** – Colégio Estadual Normal Prof. César Augusto Ceva
- CEP** – Comitê de Ética em Pesquisa
- Cepem** – Colégio Estadual Prof. Eduardo Mancini
- CNPJ** – Cadastro nacional de Pessoa Jurídica
- CNS** – Conselho Nacional de Saúde
- CRE** – Coordenação Regional de Educação
- Dataluta** – Banco de Dados da Luta pela Terra
- GPS** – Sistema de Posicionamento Global
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFGoiano** – Instituto Federal Goiano
- Incrá** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- MEC** – Ministério da Educação e Cultura
- MST** – Movimento dos Sem-Terra
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PAA** – Programa de Aquisição de Alimentos
- Pnad** – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- PNUMA** – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
- PPGEDUC** – Programa de Pós-Graduação em Educação
- RFFSA** – Rede Ferroviária Federal S/A
- Senac** – Serviço Nacional do Comércio
- SR** – Superintendência Regional
- TALE** – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
- TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFG** – Universidade Federal de Goiás
- UFSCar** – Universidade Federal de São Carlos
- UnB** – Universidade de Brasília
- UNE** – União Nacional dos Estudantes
- Unesp** – Universidade Estadual de São Paulo

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa da Localização geográfica do município de Ipameri (GO) .....	31
Figura 2 -	Foto da entrada principal para o Assentamento Olga Benário de Ipameri, 15 km da cidade .....	35
Figura 3 -	Sede da Ascraf, localizada no Assentamento Olga Benário .....	40
Figura 4 -	Ponte de madeira (12m.), sobre o Córrego da Nascente dentro do Assentamento Olga Benário .....	42
Figura 5 -	Estrada vicinal que dá acesso às parcelas dos assentados, novembro de 2018 .....	43
Figura 6 -	Estrada vicinal no início do período chuvoso que já apresenta buracos que acumulam água da chuva .....	44
Figura 7 -	Estrada apresentando muita lama durante as chuvas .....	44
Figura 8 -	Mutirão: plantio de ramas de mandioca no Assentamento Olga Benário em Ipameri – GO .....	60
Figura 9 -	Produção de hortaliça no Assentamento Olga Benário – Ipameri – GO.....	108

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Taxas de rendimento escolar nos ensinos fundamentais e médios, Brasil 2014-2018 .....	74
Tabela 2 -	Categorias de saberes apontados pelos jovens do Olga Benário .....	83

## SUMÁRIO

<b>ATA FAE-RC SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA Nº 102/2020</b> .....	5
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>Os números da reforma agrária no Brasil e em Goiás</b> .....	19
<b>Definindo a metodologia</b> .....	23
<b>O contexto da pesquisa: o Assentamento Olga Benário de Ipameri - GO</b> .....	30
<b>Chegando ao Assentamento</b> .....	34
<b>Idas e vindas ao assentamento</b> .....	36
<b>Siga a rota: nas trilhas do Olga Benário</b> .....	41
<b>CAPÍTULO 1 – O SABER, A EXPERIÊNCIA E A JUVENTUDE</b> .....	45
<b>1.1 Saberes em construção</b> .....	50
<b>1.2 O saber da experiência</b> .....	53
<b>1.2.1 A experiência do mutirão</b> .....	56
<b>1.3 Definindo juventudes</b> .....	60
<b>1.4 Juventude rural</b> .....	63
<b>CAPÍTULO 2 - CONHECER PARA SABER: OS JOVENS, SUAS PREOCUPAÇÕES, INTERLOCUTORES E APRENDIZADOS</b> .....	66
<b>2.1 Caracterizando a juventude rural do Assentamento Olga Benário</b> .....	70
<b>2.2 Escolarização dos jovens</b> .....	72
<b>2.3 As principais preocupações dos jovens do assentamento</b> .....	77
<b>2.4 A relação do jovem com o saber</b> .....	79
<b>2.5 Juventude e o saber da experiência</b> .....	85
<b>2.6 No lazer também há saber</b> .....	87
<b>2.7 O saber que vem com as novas tecnologias</b> .....	89
<b>CAPÍTULO 03 – NO VAI E VEM DOS SABERES EU APRENDO, ELE ENSINA. ELE ENSINA E EU APRENDO</b> .....	93
<b>3.1 Juventude e as fontes de saberes</b> .....	94
<b>3.2 O que é ser jovem na visão dos jovens</b> .....	98
<b>3.3 A relação da Juventude do assentamento com o lugar e o saber</b> .....	103
<b>3.4 Um exemplo para a juventude rural</b> .....	107
<b>3.5 Jovens rurais e saberes: o que ensinar a outros jovens</b> .....	115
<b>3.6 O saber que alimenta a luta pela terra</b> .....	122
<b>3.7 Os saberes ecológicos e a questão da sustentabilidade</b> .....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129

**REFERÊNCIAS** ..... 131

## INTRODUÇÃO

A temática central desta pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC) da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (GO), está relacionada aos saberes da juventude rural do Assentamento Olga Benário, em Ipameri, Goiás. Para a realização do presente estudo, tivemos como motivação a busca por conhecer melhor os jovens do assentamento, estudantes das escolas na cidade, buscando compreender como se relacionam com os saberes em diferentes situações da vida cotidiana. A nossa intenção foi identificar como os saberes são socializados e quais as instituições se fazem presentes nesse processo. Essa dinâmica objetivou entender o papel da família, da igreja, dos amigos, sobretudo, da comunidade para esses jovens, compreendendo todos esses espaços de produção de saberes, afinal, como afirma Freire (1987, p. 68), “não há saberes mais ou saberes menos, há saberes diferentes”. Neste sentido, entendemos que existem vários saberes na sociedade, nas comunidades, e estes se caracterizam como diferentes uns dos outros, porém, todos os saberes possuem sua importância e significado para as pessoas.

Partindo dessa ideia de que todos nós fazemos parte de uma sociedade em que os saberes circulam entre seus integrantes, em diferentes lugares, grupos sociais, comunidades, classes sociais e idades, somos levados a pensar que, em linhas gerais, entre o ensinar e o aprender existe uma simbiose contribuindo para a disseminação de saberes entre as pessoas. Nessa linha de pensamento, Brandão (2013), ao se referir aos saberes populares em grupos sociais primitivos ou não, afirma que o saber circula em todos os lugares e situações, independente dos indivíduos ou da idade, promovendo o ciclo do processo de ensino e de aprendizagem:

Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas para o ato de ensinar. Nas aldeias dos grupos tribais mais simples, todas as relações entre a criança e a natureza, guiadas de mais longe ou mais perto pela presença de adultos conhecedores, são situações de aprendizagem. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa. São também situações de aprendizagem aquelas em que as pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados: a turma de caçada, no barco de pesca, no canto da cozinha da palhoça, na lavoura familiar ou comunitária de mandioca, nos grupos de brincadeiras de meninos e meninas, nas cerimônias religiosas. (BRANDÃO, 2013, p. 5)

De acordo com Brandão (2013), a troca de conhecimento com os outros membros do grupo se dá por meio dos exemplos, quando o que se faz é imitado ou reproduzido pelas crianças e adolescentes. E no contexto atual do Assentamento Olga Benário não é diferente, o processo

é o mesmo, os filhos dos assentados aprendem com os pais e uns com os outros na escola da vida. Existe um ditado popular que diz “que o saber não ocupa lugar”, portanto, aprender nunca foi demais, e todo saber adquirido uma hora será colocado em prática por quem aprendeu.

A justificativa para a realização desta pesquisa começa a partir da minha atuação como professor de Geografia, disciplina ministrada desde a minha entrada no magistério em 1999, oportunizando-me um diálogo mais próximo com alunos das zonas urbana e rural, jovens que frequentavam o Ensino Médio no Colégio Estadual Normal Professor César Augusto Ceva (Cencac), mesmo porque a passagem destes jovens pelo colégio é geralmente de três anos, um ou outro devido à repetência fica alguns anos a mais.

A opção por pesquisar a juventude rural foi o caminho encontrado para dar um pouco de visibilidade a esses indivíduos com origem no campo, que vivem na invisibilidade social, como explica Weshemeir (2015), e, ao mesmo tempo, contribuir com as pesquisas acadêmicas sobre esses sujeitos que, segundo Spósito (2009), representavam apenas 4% das pesquisas sobre a juventude rural no Brasil desenvolvidas entre 1999 e 2006 nas áreas das ciências sociais e educacionais.

Evidenciar esta juventude rural, filhos de assentados, despertava o interesse não só pelas suas histórias contadas, mas também pela sua origem rural, pelas experiências que passaram até serem assentados. Ao mesmo tempo, descobrir um pouco mais sobre esses sujeitos que aparentemente demonstram ter conhecimentos inerentes ao ambiente em que vivem, o modo de vida, a família e as relações interpessoais tornando significativo o saber, uma vez que esses diálogos por eles compartilhados eram motivadores para saber mais sobre esses jovens do Assentamento Olga Benário, sobretudo: De onde vieram? Qual o papel desses jovens para a família? Que saberes eles carregam, com quem aprenderam? O que sabem fazer? Esperamos que essas respostas sejam desvendadas com o desenvolvimento da pesquisa.

Boas lembranças ficaram na memória deste pesquisador de momentos em frente ao Cencac, onde existiam grandes sibipirunas<sup>1</sup>, que proporcionavam sombreados e abrigos contra o sol escaldante do meio dia para alguns jovens. Esses ficavam conversando enquanto esperavam o ônibus para retornarem aos seus lares no campo. Infelizmente, essas árvores não

---

<sup>1</sup>A sibipiruna é uma árvore semidecídua (árvores que perdem as folhas durante o período de estiagem. Com o início da estação chuvosa, ocorre a recuperação) de rápido crescimento e florescimento ornamental. Nativa da Mata Atlântica seu porte é alto, podendo atingir de 8 a 25 m de altura. O tronco é cinzento e se torna escamoso com o tempo, seu diâmetro é de 30 a 40 cm. A copa é arredondada, ampla, com cerca de 15 m de diâmetro. Suas folhas são compostas, bipinadas (Folha cuja raque principal saem ramificações que sustentam os folíolos que podem ser peciolados ou não), com folíolos elípticos e verdes. No inverno ocorre uma queda quase total das folhas, que voltam a brotar na primavera. Disponível em: <https://www.jardineiro.net/plantas/sibipiruna-caesalpinia-peltophoroides.html>.

existem mais, foram cortadas, pois, segundo a Prefeitura, estas árvores estavam com risco de cair e foram substituídas por plantas ornamentais, de menor porte, que não contemplam o mesmo sombreado de antes.

Da sala dos professores, através da janela que direcionava para a rua, eu observava o movimento na porta do colégio, o que despertou o interesse em conhecer sobre essa juventude do campo, que ora eram admirados pelos colegas, ora eram hostilizados pelos mesmos por serem conhecidos como os sem-terra/assentados. Esses fatores foram considerados motivadores para compreensão deste universo e das relações desses indivíduos na comunidade em que vivem, mas, sobretudo, como já dito antes, buscamos entender a importância da família, da igreja, da escola e de outras instituições na vida desses indivíduos.

### **Os números da reforma agrária no Brasil e em Goiás**

Como o nosso campo de pesquisa é o Assentamento Olga Benário, e por se tratar de um assentamento de Reforma Agrária, julgamos necessário apresentar alguns apontamentos sobre esta questão em nosso país antes de evidenciar o referido assentamento e os sujeitos envolvidos neste trabalho.

De acordo com os dados extraídos no *site* do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), atualmente no Brasil existem 9.394 assentamentos rurais<sup>2</sup>. Já o *site* Dataluta<sup>3</sup> (Banco de Dados da Luta Pela Terra), um órgão não governamental, em 2017 registrava 9.444 assentamentos. Notamos que existe uma divergência de dados entre o governo e o Dataluta. A hipótese para essa divergência de informações apresentadas entre o Incra e o Dataluta possivelmente está relacionada à velocidade das informações que a eles são repassadas. Enquanto o Incra, um órgão oficial do governo, espera a consolidação do processo de desapropriação e a posterior distribuição dos lotes aos assentados para que haja a confirmação de um assentamento, o Dataluta apresenta a informação mais rápida que é coletada diretamente com os líderes dos movimentos de sem-terra, alimentando o seu banco de dados, assim um assentamento que ainda não aparece para o Incra já pode aparecer para o Dataluta.

Segundo o IBGE (2017), as famílias assentadas ocupam uma área de 88.276.525,811 km<sup>2</sup>, totalizando 1.127.078 famílias assentadas no Brasil. Dos 9.394

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.incra.gov.br/assentamento> Acesso em 21 mar. 2019.

<sup>3</sup> Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/323934944\\_RELATORIO\\_DATAUTA\\_BRASIL\\_2017](https://www.researchgate.net/publication/323934944_RELATORIO_DATAUTA_BRASIL_2017). Acesso: 21 mar. 2019.

assentamentos existentes no País, de acordo com o Incra<sup>4</sup> (2017), o estado de Goiás possui 306 assentamentos sob a jurisdição da SR (Superintendência Regional), 04 e 116 assentamentos na SR 28, que foram consolidados ao longo dos anos de Reforma Agrária no País, totalizando 422 assentamentos no Estado de Goiás.

Na região Sudeste de Goiás oficialmente encontramos 7 assentamentos rurais, sendo 6 já consolidados e 1 em fase de implantação. É importante destacar que estes assentamentos se encontram em apenas quatro municípios da região: Goiandira, Ipameri, Orizona e Silvânia, totalizando juntos 174 famílias assentadas.

Dos sete assentamentos localizados nesta região, destaque para o Assentamento Olga Benário, criado em 2005, e que possui a maior quantidade de famílias assentadas. Para que o assentamento fosse criado houve o processo de desapropriação das fazendas Ouro Verde e Santa Rosa. Sobre esta questão, Monteiro (2014, p. 203) relata:

[...] aquisição do imóvel rural Fazenda Ouro Verde/Santa Rosa, que possui extensão total de 4.322 hectares, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) por um valor de R\$ 8.355.547,27. Houve uma negociação entre o proprietário da fazenda (juntamente com o gerente) e o Incra. Ressalta-se que foi um negócio vantajoso, uma vez que o órgão governamental estabelece preços acima do mercado. O decreto de desapropriação data do dia 11 de agosto de 2004, havendo emissão na posse em 22 de julho de 2005 e criação oficial em nove de agosto de 2005.

Após a aquisição das fazendas pelo Incra, os sonhos de alguns trabalhadores e trabalhadoras ligadas ao MST estavam sendo realizados. As antigas fazendas Ouro Verde e Santa Rosa tornaram-se o local de moradia de 84 famílias, que chegaram trazendo na bagagem poucos pertences e uma história na luta pela terra, que não é o nosso foco neste estudo.

Ao receberem os lotes ou parcelas, outras batalhas estavam por vir, como por exemplo: improvisar moradias e preparar a terra para plantar. No entanto, essas práticas não eram novidades para esses sujeitos, pois, as experiências que passaram em acampamentos, como montar suas barracas de lonas, agora serviriam para erguer o seu barraco na parcela recebida com um diferencial: os barracos estavam sendo erguidos dentro da terra que foi conquistada por eles.

Ressaltamos que antes da implantação de um assentamento rural, os trabalhadores sem-terra vivem um período em acampamentos rurais, um estágio anterior ao assentamento. Nesse sentido os acampamentos servem para que os trabalhadores sem-terra aprendam sobre a luta

---

<sup>4</sup> Lista completa dos Assentamentos rurais em Goiás. Disponível em: <http://painel.incra.gov.br> ou <https://incragoias.wordpress.com/distribuicao-dos-assentamentos-no-estado-de-goias/#centro>. Acesso: 21 mar. 2019.

pela terra, é uma espécie de escola, essa é uma etapa para a vivência e o aprendizado do indivíduo sobre a luta pela terra no Brasil. É nesse momento que esses trabalhadores rurais conhecem mais sobre os movimentos sociais do campo e se organizam no sentido de reivindicar os seus direitos constitucionais, de acordo com a Constituição Brasileira em vigor desde 1988. Aprende a lidar com as divergências e com ideias contrárias.

Com as famílias assentadas no Olga Benário não foi diferente. Antes mesmo de chegarem ao município de Ipameri, a maioria destes trabalhadores sem-terra passaram pela experiência de viver em acampamentos instalados nas beiras de rodovias, como relata Firmino (2013)<sup>5</sup>: “Homens, mulheres, crianças, jovens e idosos que enfrentavam ora o frio, ora o calor, além dos preconceitos da sociedade, que os viam como intrusos e baderneiros.” É dessa forma que as reportagens da imprensa televisada, falada e impressa, expõem esses trabalhadores.

Segundo Belo (2014, p. 72), os acampamentos “representam um importante espaço de socialização, sendo o lócus inicial de mobilização de indivíduos e famílias de diferentes origens”. Percebemos, desta maneira, que os acampamentos são importantes espaços de socialização e mobilização, que unem os trabalhadores e trabalhadoras camponeses num mesmo projeto. O acampamento é uma fase que precede o assentamento e se manifesta como uma fase importante para o aprendizado sobre o movimento social, a consciência de classe e a valorização da terra após a sua conquista. Os acampamentos ocorrem geralmente próximos às rodovias, onde os trabalhadores levantam seus barracos improvisados de lonas, com poucas condições de higiene e moradia.

No acampamento, os trabalhadores sem-terra envolvidos nos movimentos sociais levantam questões, discutem em reuniões promovidas pelos líderes sobre política social e políticas públicas voltadas para os menos favorecidos. Destacam a questão agrária no Brasil e em outros países, além de traçarem estratégias de luta, formas de organização coletiva nos acampamentos e assentamentos. Discutem também sobre sobrevivência e resistência durante o processo de luta, em busca dos seus objetivos, que é ser assentado pela Reforma Agrária.

[...] nesse espaço, tem lugar um importante momento de constituição da identidade sem-terra, de criação de um elo entre trabalhadores que têm em comum uma história de exploração, de miséria, de violência e de desilusão. Está em jogo a possibilidade de tornar a experiência do acampamento num aprendizado, o que significa dar sentido a ela, potencializá-la (VENDRAMINI, 2005, p. 72).

---

<sup>5</sup> Ver Dissertação completa on-line deste autor no repositório da UFG.

De acordo com a autora, a experiência de vida adquirida dentro dos acampamentos é o que fortalece o grupo de trabalhadores na busca de seus objetivos. É no acampamento que os líderes dos movimentos sociais do campo ensinam a não desistir dos sonhos, a persistir, a seguir em frente, a vencer os obstáculos encontrados pelo caminho, reforçando a ideia de que a luta não é individual, mas, sim, coletiva e contra o sistema capitalista de produção.

Esses trabalhadores sem-terra são atores sociais, participantes de um movimento que logra êxito por um pedaço de chão. São homens e mulheres que trazem consigo histórias de vida, gente sofrida, marcada pelo tempo e pelo trabalho duro, da lida de sol a sol em busca de um futuro melhor. Com rostos queimados pelo sol, trazem também experiências que o tempo não apaga e que servem de combustível para continuarem a peleja e o sonho de ter o seu pedaço de terra.

Neste contexto e diante de inúmeras possibilidades de objetos e sujeitos de pesquisa, acreditamos na relevância e na escolha em pesquisar a juventude rural, constituída por filhos dos assentados. Jovens que enfrentam o preconceito dos colegas nas escolas, não apenas por morarem no campo, mas por fazerem parte do movimento dos sem-terra e assim serem conhecidos como “os sem-terra”. Jovens que vivem no campo, mas que desejam ser tratados sem preconceitos pela condição social em que vivem. Por falar em preconceito, esta foi uma questão que ficou nítida na fala de Bárbara, uma das nossas entrevistadas para a pesquisa.

*A gente sofre muito preconceito. Muitos têm a opinião que o que temos hoje, aqui na fazenda, a parcela que ocupamos foi roubada, né? Muitas pessoas nos veem como ladrões. Só que não é assim! O que temos hoje, tivemos que “ralar” para conseguir. Teve sofrimento, foram muitas lutas que os nossos pais passaram e nós também tivemos que passar para conseguir tá aqui hoje. (Bárbara, 19 anos).*

Essa experiência vivida, retratada e compartilhada conosco por essa jovem pressupõe que deixou marcas em sua vida, quando expõe o preconceito que ela e os demais jovens assentados enfrentam, ao ouvirem uma expressão pejorativa referindo-se a eles “como ladrões”. Na opinião desta jovem isso machuca, porque na verdade eles não roubaram terras de ninguém, elas foram conquistadas com muita luta e sacrifício e o proprietário não perdeu a terra, ela foi vendida ao Incra e repassada às famílias assentadas. Experiências vivenciadas também por outros jovens que são militantes deste movimento social e vivem o cotidiano dos trabalhadores sem-terra, seja num acampamento ou assentamento, sofrem os mesmos preconceitos perante uma sociedade capitalista e que não enxerga ou não quer enxergar a realidade dos fatos. Segundo Whitaker (2009, p. 35), “preconceitos não acontecem por acaso. Eles brotam da dominação e compõem cirandas perversas no gigantesco caleidoscópio das ideologias, com

suas descontinuidades, ilusionismos e inversões”. Na visão desta autora o preconceito está presente na sociedade e ocorre de forma histórica e por influência da classe dominante.

Supostamente, os indivíduos que participam de movimentos sociais como estes, por mais que estejam preparados para enfrentarem situações como a que foi relatada, ainda sentem quando ouvem uma expressão pejorativa como essa, “ladrões”. Expressão de um ideal preconceituoso presente em algumas pessoas da sociedade em pleno século XXI.

A hipótese para que aconteça esse tipo de preconceito vem de uma sociedade que absorve informações especialmente da mídia, que, de maneira geral, divulga informações contrárias ao movimento dos sem-terra. Um discurso que vem carregado de ódio e encontra-se arraigado nas entranhas da sociedade capitalista na qual vivemos que é difundido por proprietários de terras, influenciando outras pessoas a pensarem da mesma forma: que os trabalhadores sem-terra invadem, destroem e tomam a propriedade. Mas, na verdade, não é isso que acontece, pois uma área só se torna um assentamento depois de todo um processo do Inca de desapropriação da área, e posteriormente é realizado um estudo de georreferenciamento quando a propriedade que foi desapropriada é dividida em lotes e são assentados os indivíduos, só assim de fato é que passa a existir um assentamento rural.

### **Definindo a metodologia**

No que precedeu à pesquisa de campo no Assentamento Olga Benário, salientamos que o nosso projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética da UFG-RC, obedecendo à Resolução 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que estabelece normas regulatórias para as pesquisas científicas que envolvem seres humanos com o objetivo de garantir o anonimato dos envolvidos em pesquisas desta natureza. O parecer favorável para a realização desta pesquisa foi emitido no dia 03 de maio de 2019, sendo aprovado sob o número 8409. Somente após termos preenchido todos os pré-requisitos foi que iniciamos os trabalhos de campo no Assentamento Olga Benário.

Inicialmente, com vistas a estabelecer um contato formal com as lideranças do assentamento, visitamos os presidentes das associações e as famílias assentadas visando apresentar a pesquisa e dar ciência de algumas demandas que julgamos depender para a realização da pesquisa. Também visitamos alguns pais e/ou responsáveis pelos jovens menores de 18 anos, de modo a iniciar a aproximação com a juventude do Assentamento Olga Benário. Essas incursões foram oportunas para os devidos protocolos iniciais para a realização da pesquisa empírica.

Posteriormente a estes trâmites e levantados a quantidade de jovens residentes no assentamento Olga Benário de Ipameri, iniciamos os nossos trabalhos de campo. Assim à medida que íamos informando aos jovens e os pais sobre a pesquisa eles também eram convidados a participar.

Na sequência dos trabalhos, organizamos o questionário sociocultural que foi devidamente impresso e entregue pessoalmente a cada um dos participantes em suas residências. Para a realização desta tarefa rodamos alguns quilômetros internamente no Olga Benário, para isso, percorremos por estradas vicinais, utilizando carro e, outras vezes, moto para chegar até os jovens. Quanto aos questionários, alguns foram recolhidos de imediato, ou seja, quando foi possível esperávamos que respondessem, enquanto os outros jovens, por questões de trabalho ou horário de ir para a escola, pediam que voltássemos depois, o que foi feito em momentos posteriores.

Esta pesquisa foi desenvolvida tomando como referência a abordagem qualitativa cujos instrumentos de produção de dados foram questionários, entrevistas e observação. O método utilizado na pesquisa de campo foi inspirado na etnografia, embora saibamos que não se trata de uma pesquisa etnográfica, que demandaria uma imersão no campo, o que não é possível em uma pesquisa de mestrado dado o curto período de tempo.

Entendemos que a abordagem qualitativa nos auxilia no entendimento, na descrição e nas análises de fenômenos sociais e culturais de um grupo social ou de uma comunidade, revelando diretamente os sujeitos e suas relações com o meio. Nesta direção, entendemos a etnografia como:

um trabalho de busca, de observação, de reflexão, de perguntação, de escuta das respostas, de registro sistemático e reflexão constante, e também de construção de mais perguntas [...] de anotação de cada detalhe, de registro escrito e fotográfico e de sistematização dos dados. (ALVES, 2013, p. 32)

Assim, o trabalho de campo se deu por meio de observações, diálogos, participações em atividades comunitárias e anotações sistemáticas do cotidiano do trabalho do pesquisador. Nessa direção, Ludke e André (1986, p. 26, grifos dos autores) salientam que “a observação direta permite que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas abordagens qualitativas”. Nesta linha de raciocínio, Martins (2006 p. 294) defende que “para que a pesquisa se realize é necessário que o pesquisado aceite o pesquisador, disponha-se em falar sobre a sua vida, introduza o pesquisador no seu grupo e dê-lhe liberdade de observação.”

Para que isso aconteça, é necessário que o pesquisador tenha certa interação com os pesquisados, para, sobretudo, conquistar confiança e facilitar, de certa maneira, a participação em atividades no cotidiano dos sujeitos da pesquisa. O registro escrito é uma das formas eficientes no processo de observação. Para tal, o pesquisador deve portar diário de bordo para relatar as suas observações enquanto visitante/pesquisador junto ao local da pesquisa, no caso específico desta, o Assentamento Olga Benário. Portanto, entendemos que as visitas e observações no local de pesquisa pretendem oferecer subsídios para a realização de um bom trabalho:

Do ponto de vista essencialmente prático, é interessante que, ao iniciar cada registro, o observador indique o dia, a hora, o local da observação e o seu período de duração. Ao fazer as anotações, é igualmente útil deixar uma margem para a codificação do material ou para observações gerais (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 32).

Salientamos que as anotações feitas pelo pesquisador posteriormente à visita ao campo devem ser analisadas distantes dos pesquisados, para que não haja interferências dos sujeitos envolvidos. Por fim, acreditamos que a essência das respostas obtidas por meio das entrevistas semiestruturadas e também das observações em campo devem compor o texto, sobretudo, aparecer nos resultados da pesquisa.

Em busca dos resultados sobre os saberes da juventude no Assentamento Olga Benário, utilizamos o método etnográfico que nos deu um suporte na investigação.

Evidentemente tanto o Ouvir quanto o Olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambos se complementam e servem para o pesquisador como duas muletas (que não nos percamos com essa metáfora tão negativa...) que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento. (OLIVEIRA, 1996, p.18)

Concordando com Oliveira (1996), as faculdades por ele colocadas de ouvir, observar e descrever são fundamentais ao processo de construção do nosso texto, que tem como objetivo trazer à luz fatos que estão na obscuridade e passam despercebidos. Cabe ao pesquisador, com seu olhar clínico, observar, anotar para, em um momento posterior, relatar, descrever os fatos encontrados em campo. Apoiar-nos nessas faculdades expostas por este autor facilita o nosso caminhar como pesquisador, mesmo com dificuldades, mas com a esperança de que estamos trilhando o caminho certo. O olhar aguça em nós a observação e, de acordo com Oliveira (1996), a importância da observação está em extrair o máximo de realidade do local pesquisado. Para este autor:

Os atos de Olhar e de Ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar (i.e., peculiar à antropologia), por meio da qual o pesquisador busca interpretar (melhor dizendo: compreender) a sociedade e a cultura do Outro “de dentro”, em sua verdadeira interioridade. (OLIVEIRA, 1996, p. 31, grifos do autor).

Nesse sentido, o caderno de campo serve para registrar o que se passa na comunidade e é muito importante para captar, por meio da observação, o que se passa para haver uma melhor interpretação dos fatos e da cultura presente na sociedade e, quando for escrever, relatar o que viu e trazer o cotidiano dessa comunidade o mais próximo possível da realidade.

Nessa mesma linha de raciocínio, ao falar do trabalho de registrar a cultura do outro, segundo Geertz (2008), devemos seguir uma rotina na coleta dos dados, amarrando as informações obtidas, que às vezes poderão parecer desconectas, estranhas, equivocadas, mas, ao serem analisadas, elas fazem todo sentido.

E isso é verdade em todo os níveis de atividade do seu trabalho de campo mesmo, o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico...escrever seu diário. Fazer a etnografia, é tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008, p. 7, grifos do autor)

O autor nos adverte para a interpretação dos dados coletados junto aos pesquisados, no nosso caso os jovens do Assentamento Olga Benário. Nessa linha de pensamento, este autor chama a atenção de quem está fazendo etnografia ou pesquisa de cunho etnográfico para a interpretação dos dados coletados em campo, sendo necessário que o pesquisador fique longe do campo de pesquisa, se possível, isole-se no gabinete para que não haja interferência na escrita. De acordo com este autor, é preciso nos despirmos de todo preconceito, de achismos e de paixão, para que seja evitado o que ele caracteriza como “comentários tendenciosos”. No processo de escrever é preciso buscar uma interpretação isenta para que os fatos e os sujeitos apareçam de forma despretensiosa, sem que ocorra distorção dos dados em virtude da proximidade do pesquisador com os pesquisados.

Com o intuito de compreender melhor os jovens do Assentamento Olga Benário, aplicamos um questionário sociocultural para o qual contamos com a participação de 15 jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos residentes no Assentamento Olga Benário.

A partir das respostas obtidas nesta fase da pesquisa, foi possível trabalhar no sentido de organizar um roteiro de perguntas para a realização das entrevistas semiestruturadas, com questões que foram previamente preparadas com o propósito de investigar e compreender melhor a realidade desta juventude.

Para saber mais dos nossos sujeitos da pesquisa, “os jovens rurais”, utilizamos a entrevista semiestruturada, ferramenta que possibilita uma densa investigação por meio dos fatos narrados pelos próprios personagens pesquisados, permitindo, através de suas vozes, captar não só os relatos, mas registrar o que se passa no dia-a-dia, a maneira de se expressar desses sujeitos, contribuindo assim para uma posterior reflexão sobre as falas dos mesmos a partir da cultura que eles vivem. Segundo Geertz (1989, p. 38): “O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva”. Nessa perspectiva, todo detalhe captado, seja ele por via oral ou pela observação, é devidamente registrado e contribui para entender esse grupo social pesquisado.

O recurso da entrevista semiestruturada permite ao pesquisador, a qualquer momento, inserir novas perguntas caso seja necessário de acordo com o assunto abordado, até mesmo para deixar o entrevistado confortável.

A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Neste instrumento, os questionamentos dão frutos a novas questões ou hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes, mas o foco principal deve ser mantido pelo investigador-entrevistador (TRIVIÑOS 1987, p.146 apud FLAVIANO, 2017, p. 21).

Consideramos que o recurso de entrevistas semiestruturadas tem importância dentro do processo de coleta de dados aliado ao método qualitativo, por essa razão, tal abordagem tornou-se instrumento usual nas pesquisas no campo social (LUDKE; ANDRÉ, 1986). As formas de registro de dados podem ser realizadas de duas maneiras na narrativa das autoras supracitadas, a saber: as anotações feitas durante a observação e a gravação direta.

Deve-se ter cuidado para que não haja perda do foco central, que, no nosso caso específico, é elucidar como ocorre a circulação dos saberes na perspectiva da juventude rural do Assentamento Olga Benário. Quanto às entrevistas semiestruturadas, entendemos que esta ferramenta oportuniza ao pesquisador deixar confortáveis os atores sociais que se propuserem a responder às perguntas a eles formuladas. Dessa forma, os encontros com os jovens do Assentamento Olga Benário sustentaram-se nos registros comportamentais desses sujeitos, como, por exemplo: o jeito de falar, a maneira com que os jovens se relacionavam com os pais e com os outros membros da comunidade. Além disso, sem que eles percebessem, era possível detectar saberes nos afazeres a eles designados pelos pais. Segundo Ludke e André (1986, p. 33), “Na entrevista a relação que se cria e de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.”

Ao realizarmos as entrevistas percebemos, por meio desta ferramenta, a vantagem de registrar a realidade dos nossos sujeitos, em que as informações a nós passadas ocorrem de forma fidedigna, além da oportunidade dos registros sonoros, como a linguagem e as expressões culturais dos sujeitos.

A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado. Por outro lado, ela só registra as expressões orais, deixando de lado as expressões faciais, os gestos as mudanças de postura e pode representar para alguns entrevistados um fator constrangedor. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 37)

Desta feita, a entrevista semiestruturada no caso supracitado serve como elemento para registrar as informações passadas pelos jovens nesta pesquisa, enquanto, por outro lado, percebemos a necessidade do pesquisador de anotar as informações que estarão no trabalho. Em outras palavras, por meio da observação, o olhar do pesquisador deve estar atento, apurado para observar os fenômenos que ocorrem a sua volta e registrar na hora ou assim que puder no diário de campo. Nessa perspectiva, Oliveira (1996) ressalta que as entrevistas são muito importantes, pois elas revelam, por meio da fala, coisas que não conseguimos captar somente em nossas observações.

A obtenção de explicações, dada pelos próprios membros da comunidade investigada, permitiria se chegar àquilo que os antropólogos chamam de “modelo nativo”, matéria-prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da “entrevista”, portanto, de um Ouvir todo especial. Mas, para isso, há de se saber Ouvir. (OLIVEIRA, 1996, p. 19, grifos do autor)

Durante o nosso trabalho de campo observamos que as famílias assentadas vieram de diferentes lugares do Brasil, e chegaram ao assentamento com suas famílias trazendo costumes, culturas, diferentes saberes, que se misturaram neste lugar. Esse fato colabora, entre outras coisas, para a troca de saberes uns com os outros, assim como afirma Ferreira (2015, p. 53): o “Olga Benário se torna um ponto convergente das influências de vários lugares do Estado de Goiás e, também, de outros Estados brasileiros dos quais migraram, anteriormente, alguns dos assentados”.

No advento dos fatos supramencionados, buscamos compreender que saberes esses jovens mobilizam em diferentes situações da vida cotidiana dentro e fora do assentamento, uma vez que esses sujeitos fazem parte de uma nova realidade de um novo contexto. Segundo Firmino (2013, p. 94):

Os assentados do Olga Benário em Ipameri (GO) partiram de lugares diferentes, não se conheciam, e nos acampamentos construíram teias de relações sociais que se estenderam ao Assentamento. Muitos partiram e percorreram caminhos diferentes até se encontrarem no mesmo lugar, no Assentamento Olga Benário.

De acordo com Firmino (2013), as famílias deste assentamento passaram por vários lugares antes de chegarem em Ipameri. Identificamos que algumas crianças, filhas dos assentados da época da criação do assentamento, hoje são jovens que compõem o grupo familiar fazendo parte dessa nova realidade social presente no Olga Benário.

Para a realização das entrevistas escolhemos quatro jovens, sendo que um dos critérios que utilizamos foi quem morava no assentamento desde o início. Outro critério foi em relação ao sexo: dois meninos e duas meninas, além da disponibilidade e do interesse em participar da pesquisa. Para esta fase da pesquisa, em que se dispuseram a participar voluntariamente, foram colhidas as assinaturas do TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), para os jovens menores de 18 anos, e do TCLE (Termo de Consentimento livre e Esclarecido), destinado aos pais ou responsáveis de jovens menores de 18 anos.

Embora todos os envolvidos na pesquisa tenham autorizado utilizar os nomes verdadeiros, preferimos usar nomes fictícios para preservar a identidade dos jovens e dos pais do assentamento. Somente depois de todos os termos devidamente assinados foi que iniciamos as nossas entrevistas.

Antes das gravações, foram realizados contatos junto aos participantes com o intuito de marcar hora, data e local para que pudéssemos realizar as entrevistas de forma individual, até mesmo para que não houvesse interferência dos outros entrevistados nas respostas. Após esta tarefa, fomos a campo para a realização das entrevistas, que foram gravadas, separadas e realizadas em local diferente a fim de deixar os nossos entrevistados mais à vontade. A hipótese é que os jovens em seu ambiente fariam com mais tranquilidade, expondo a sua vida e a realidade por meio das nossas perguntas.

De modo geral, os jovens foram receptivos. Igualmente, os seus familiares ou responsáveis que costumam receber os visitantes no assentamento com o costumeiro “cafezinho”, que às vezes vem acompanhado de quitandas, queijo ou outra iguaria produzida por eles.

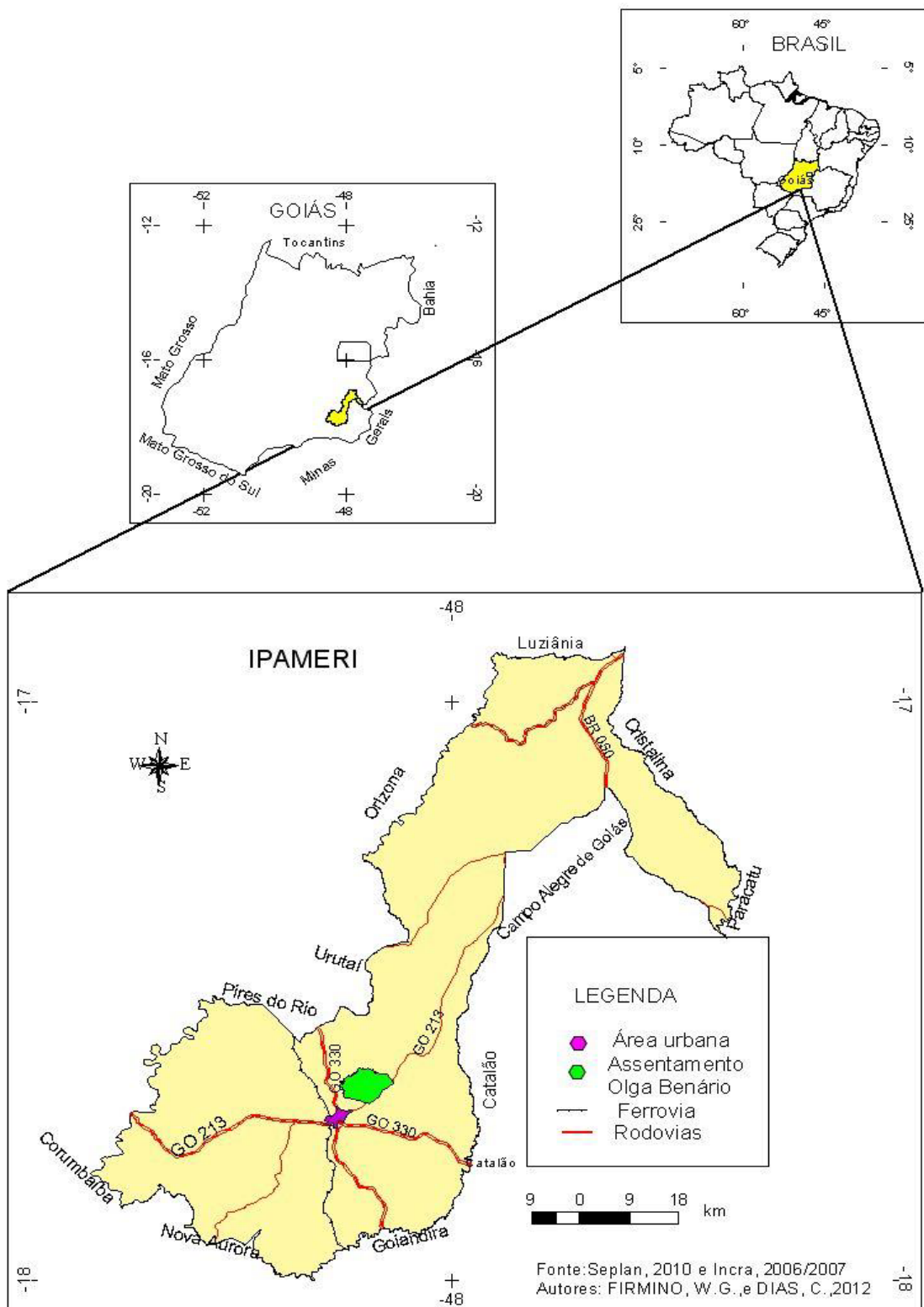
O nosso contato direto com os pesquisados ocorreu a partir do mês de março de 2019 com as assinaturas dos TCLE. Em seguida, no mês de abril, foram realizadas algumas incursões de conhecimento na área de pesquisa e, ao mesmo tempo, explicávamos sobre a nossa pesquisa aos participantes.

Em maio foi aplicado o questionário sociocultural com a intenção de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa, traçando um perfil daquela juventude rural. Ainda no mês de maio foram realizadas as gravações das entrevistas semiestruturadas com os jovens do assentamento para esta etapa da pesquisa. Nos meses de junho e julho realizamos uma organização dos dados obtidos com o questionário sociocultural e as transcrições das entrevistas. Em suma, o contato direto com os sujeitos da pesquisa em campo ocorreu de março a julho de 2019 nos possibilitando realizar uma observação direta da relação entre pais e jovens desta comunidade.

### **O contexto da pesquisa: o Assentamento Olga Benário de Ipameri - GO**

O Assentamento Olga Benário, conforme demonstra o Mapa 1, de Firmino e Dias (2012, p.48), encontra-se localizado na região Sudeste de Goiás, na Microrregião de Catalão, como já mencionado anteriormente, conhecida também como “Região da Estrada de Ferro”, no município de Ipameri. Para maiores informações confira no mapa a seguir.

Figura 1 - Mapa da Localização geográfica do município de Ipameri (GO)



Fonte: Firmino e Dias (2012, p. 48).

O município de Ipameri pertence à Microrregião de Catalão, no Sudeste Goiano, é uma pequena cidade do interior de Goiás, sua área total se estende por 4.368 km<sup>2</sup>, e tem uma população de 24.735 habitantes, sendo que essa população é predominantemente urbana, 86%, enquanto a população rural somava pouco mais de 13%, segundo o censo do IBGE (2010), incluindo as zonas urbana e rural e dois distritos: Domiciano Ribeiro, distante a 149 km, e Cavalheiro, a 94 km da sede do município. Ipameri oficialmente está localizada na Região Sudeste de Goiás, também conhecida como a “Região da Estrada de Ferro”, sendo que a mesma integra uma região com outras pequenas cidades cortadas atualmente pela estrada de ferro Centro-Atlântica, antiga Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA) que liga Brasília ao Porto de Santos, no litoral paulista.

Ipameri encontra-se bem localizada em relação aos grandes centros urbanos como: Goiânia, que está a 200 km, ligada pela GO 320, Uberlândia – MG, localizada a 171 km, com acesso pela rodovia GO 320 até Catalão e, posteriormente, pela BR 050, e Brasília – DF, que se encontra a 300 km de distância, com a rota passando por Campo Alegre de Goiás – GO através da GO 213 e, em seguida, a BR 050 até a Capital Federal. Talvez essa localização pudesse ser melhor explorada com planejamento e um trabalho em conjunto com Associações, Cooperativas e o poder público municipal, ampliando o mercado consumidor dos produtos ipamerinos, tendo em vista a qualidade da produção, especialmente a agropecuária. E aqui não nos referimos somente ao Olga Benário, mas também ao potencial de outros pequenos agricultores que praticam a agricultura familiar. De acordo com Neves (2012, p. 35), “a agricultura familiar corresponde a formas de organização da produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas”. Esse tipo de agricultura é praticado em pequenas unidades de produção no campo e comum dentro dos assentamentos rurais em todo Brasil.

Atualmente em Ipameri existem seis instituições de ensino que oferecem a modalidade de Ensino Médio: Instituto Federal Goiano (IFGoiano), quatro estaduais: Colégio Estadual Rodolfo Braz de Queiroz, localizado no Distrito de Domiciano Ribeiro e Jurisdicionado à Coordenação Regional de Educação (CRE) de Luziânia, desde junho de 2017; Colégio Estadual Prof. Eduardo Mancini (Cepem); Colégio Estadual Normal Prof. César Augusto Ceva (Cencac); e Colégio Polivalente José Pinto de Figueredo – que foi transformado em Colégio Militar no ano de 2018; e um colégio particular, Colégio Universitário. Todos os colégios localizados na sede do município estão jurisdicionados à CRE em Pires do Rio - GO.

Em 2019, o Assentamento Olga Benário, com extensão de 4.322 hectares, registrava 85 famílias assentadas e uma população aproximada de 310 habitantes. Segundo o Presidente da

Asproab, o senhor Pedro (conhecido por Pedrinho), essa quantidade de moradores no assentamento “pode ser variável”, pois, de acordo com determinadas épocas do ano, período em que acontece a colheita ou o plantio de algumas culturas nas cercanias do assentamento, os pais, e até mesmo alguns jovens, deixam as parcelas em que estão assentados sob os cuidados de outros membros da família, como “mãe e outros filhos menores” tomando conta do lote em que estão assentados e saem à procura de trabalho, contribuindo de forma direta para aumentar a renda da família. De acordo com Castro (2014, p. 1, grifos do autor):

Quem migra, na grande maioria, são os homens, os “pais de família”, e os filhos mais velhos. A saída dos homens provoca, somente pela ausência física, um rearranjo das posições e das funções que cada integrante da família ocupa. As “roças” e as “criações” agora ficam a cargo das mulheres.

A necessidade econômica leva os trabalhadores rurais a esta prática que se torna comum todos os anos, promovendo essa reorganização dos afazeres temporários em sua parcela, mas é de fundamental importância para que sejam contempladas as necessidades econômicas desses indivíduos. Durante as nossas incursões no assentamento foi possível perceber este movimento, sendo intensificada uma migração sazonal para as propriedades vizinhas, retornando para as suas parcelas diariamente e/ou no fim de cada temporada, embora o Incra não permita tal prática. Segundo Firmino (2013, p. 105, grifos do autor):

Os assentados confirmam que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) os “proíbe” de ausentarem de suas parcelas para trabalharem para terceiros, e eles (os assentados) têm consciência disso, mas devido a necessidades diversas como alimentos, vestimentas, medicamentos e outros produtos de necessidade é impossível cumprir essa determinação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), pois é uma realidade, a falta de condições para trabalharem exclusivamente em suas parcelas.

Esse movimento ocorre devido às dificuldades que as famílias assentadas passam, necessidades econômicas que ainda não conseguiram ser supridas dentro de suas parcelas.

De acordo com o presidente da Asproab, esse movimento dos trabalhadores rurais é normal, pois ajuda a reforçar o orçamento das famílias, que, na maioria das vezes, sofrem com poucos recursos financeiros, “levando” esses trabalhadores a tal prática. Segundo o presidente desta associação nos revelou em uma conversa informal e foi registrado no Caderno de campo, essa não é a melhor opção.

*O bom seria que todos conseguissem trabalhar em suas parcelas, produzir, vender e retirar o sustento de suas famílias aqui mesmo. (Pedro, 2019)*

Ao iniciar os nossos trabalhos sobre juventude e saberes no Assentamento Olga Benário, deparamo-nos com outros assentamentos em vários estados do Brasil utilizando o mesmo nome. Por esse motivo, despertamos para uma busca eletrônica a fim de registrar todos os assentamentos que levam o nome “Olga Benário” para não haver confusão de informações e localidade. Ao todo foram encontrados outros 27 assentamentos<sup>6</sup> rurais com esse nome, por essa razão, entendemos ser necessário destacar, após a seção “Saberes da Juventude, no Assentamento Olga Benário”, o município e o Estado em que se localiza este assentamento, para que não se confunda com outros assentamentos que utilizam o mesmo nome.

Até à década de 1990 os assentamentos tinham nomes ligados à natureza ou a questões religiosas, como relata Filho (2004, p. 139, grifos do autor):

Tal mudança pode ser percebida nos nomes dos assentamentos. Após a década de 1990, ganham nomes não mais de santos, de base cristã como: “São Francisco”, “São José”, “Santa Rita” etc., ou de elementos da natureza como “Entre Rios”, “Sanga Azul”, “Capão Grande” etc., mas de personagens ou de palavras com representações e espírito de luta em prol dos oprimidos, como “José Maria”, “1º de Maio”, “União”, “Contestado”, “Chico Mendes”, “Palmares”, “Zumbi dos Palmares”, “Maria Rosa”, “São João Maria”, “Nova conquista”, “Nova Conquista”, “Vitória dos Palmares” etc.

Portanto, foi neste contexto histórico da luta pela terra no Brasil que surgiu o assentamento com o nome “Olga Benário” em Ipameri. Vários foram os personagens que receberam e continuam a receber homenagens por todo o país, e, segundo Filho (2004), eles são “tidos como exemplos na luta por terra e por novas relações sociais”. São homens e mulheres que lutam por justiça social e por mais igualdade entre os homens

### **Chegando ao Assentamento**

Para quem se dispõe a ir ao Assentamento Olga Benário, a primeira entrada está localizada a 12 km da cidade de Ipameri, logo após atravessar a ponte sobre o Rio do Braço, à margem esquerda da rodovia GO-213, no sentido Ipameri/Campo Alegre de Goiás. Aproximadamente 3 km à frente, na mesma rodovia, sob as coordenadas geográficas

---

<sup>6</sup> Foram localizados assentamentos com o nome Olga Benário nos seguintes municípios: Piranhas – AL; Igrapeúna e Vitória da Conquista – BA; Russas, comunidade Riacho das Melancias – CE; Amarante do Maranhão e Vargem Grande – MA; Goianá, Buritis e Visconde do Rio Branco – MG; Rondonópolis, União do Sul e Cláudia – MT; Campo Grande e Terenos – MS; Santa Tereza do Oeste e Laranjal – PR; Acará – PA; Queimadas – PB; Teresina e Nazária – PI; Mossoró – RN; Fortaleza do Tabocão e Rio dos Bois - Obs: Ainda na condição de Acampamento – TO; Tremembé e Pereira Barreto – SP.

17°45'08.7"S e 48°03'06.9"W, temos acesso à entrada principal para o Assentamento Olga Benário de Ipameri. Além desta entrada principal, existem outras cinco entradas que dão acesso aos lotes/parcelas dos assentados do Olga Benário, todas localizadas à margem esquerda da rodovia, sendo que essa admissão número quatro é a principal.

Figura 2 - Foto da entrada principal para o Assentamento Olga Benário de Ipameri 15 km da cidade



Fonte: Arquivo pessoal para esta pesquisa.

Por esse caminho, seguindo em frente, chegamos ao antigo retiro da fazenda Santa Rosa, que antes de ser desapropriada pelo Incra, servia como abrigo para os trabalhadores rurais da fazenda. No início do assentamento foi utilizado como uma área comunitária, onde eram realizadas as reuniões de formação (um trabalho interno que acontece em todos os assentamentos e acampamentos, serve também para tratar da luta pela terra e criar estratégias de lutas dentro do MST), bem como discutir o que poderia ser feito no assentamento pelas famílias assentadas. Atualmente essa área, que antes era comunitária, foi destinada para assentar mais uma família.

O Assentamento Olga Benário está localizado em uma área sobre o domínio do Bioma<sup>7</sup> Cerrado. Ao adentrar o assentamento, é possível observar áreas que estão sendo utilizadas para

---

<sup>7</sup> Bioma é conceituado como um conjunto de vida (vegetal e animal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história

a agricultura e a pecuária, áreas de reserva natural que servem de abrigo para animais típicos desta região e algumas veredas<sup>8</sup>. As terras em que se localiza o assentamento são pouco recortadas por córregos e possuem uma topografia mais ou menos plana, favorecendo a agricultura e a pecuária. Embora essa terra se apresente favorável à mecanização da agricultura, esse recurso é pouco utilizado pelos assentados, e a hipótese para explicar essa questão está relacionada aos poucos recursos financeiros das famílias assentadas prevalecendo, assim, nessa comunidade, a agricultura familiar com o uso de ferramentas e técnicas simples.

### **Idas e vindas ao assentamento**

No processo de aproximação com os assentados, foi possível vislumbrar algumas dificuldades que os moradores deste assentamento enfrentam no seu cotidiano. Dificuldades essas que poderiam ser vencidas se os mesmos tivessem mais apoio das políticas, que, em tese, poderiam fazer a diferença por meio de recursos públicos, a fim de atender a esta coletividade.

Com a intensidade das visitas ao Assentamento Olga Benário, em determinados momentos tínhamos a sensação de estar incomodando. Porém, esse sentimento foi aos poucos sendo amenizado pelo fato de já conhecermos alguns jovens, tornando assim a nossa aproximação com outros jovens mais fácil. Percebemos que aos poucos fomos sendo aceitos pelos outros jovens à medida que íamos sendo conhecidos. Este processo tão importante contribuiu para que a pesquisa fluísse como planejado. Aqueles que ainda não tinham se familiarizado com as nossas visitas ao assentamento perguntavam se éramos do Incra, do Conselho Tutelar, entre outros órgãos. Porém, mediante conversas, as dúvidas entre a comunidade foram sendo sanadas, fato que contribuiu para uma maior interação entre pesquisador e pesquisados.

Alguns momentos valiosos na compreensão da juventude rural consistiam em identificar o que eles sabiam fazer e o que poderia ser mostrado. Depois de algumas visitas adquirimos confiança, não apenas com os jovens, mas também com os outros membros de suas famílias.

---

compartilhada de mudanças, o que resulta em uma diversidade biológica própria. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm> Acesso: 21 jun. 2019.

<sup>8</sup> As Veredas são subsistemas do bioma Cerrado, que podem ser entendidos como áreas pantanosas, formados geralmente por caminhos mal delimitados de água em solos hidromórficos, com presença da palmeira buriti (*Mauritia vinífera* e/ou *M. flexuosa*) Disponível em: <http://www.caliandradocerrado.com.br/2014/10/veredas-oasis-do-cerrado.html> Acesso: 21 jun. 2019.

Posterior a este momento de ganho de confiança e com olhos e ouvidos atentos, fomos anotando os fenômenos ao nosso redor. Ludke e André (2015, p.13) afirmam que “o pesquisador deve atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada”, sendo assim, não desprezávamos nenhuma oportunidade possível ou situação para irmos ao assentamento e ficarmos próximos da realidade destes jovens. Compreendemos que as visitas de campo sevem para conhecer melhor e interagir com os sujeitos da pesquisa, fazendo-nos presentes no dia a dia em busca identificar não só o espaço de vivência, mas também os seus costumes e a realidade em que vivem. Neste caso específico, a busca pelo saber da juventude no Assentamento Olga Benário é o que nos motiva a estarmos presentes. Essa aproximação permitiu conhecermos as histórias desses jovens, os seus hábitos e vivenciar de perto o modo de vida desses sujeitos.

Ao mergulhar no cotidiano desses sujeitos fomos compreendendo suas histórias e suas conquistas. Quando esses sujeitos chegaram a esse território não havia nada além da terra para cultivar, ou seja, tudo foi construído pelos braços desse povo, homens, mulheres, jovens e crianças desbravando a terra e estradas vicinais que eram essenciais para a mobilidade dentro do assentamento e da própria comunidade.

Quinze anos se passaram desde a chegada dos trabalhadores rurais no município de Ipameri, e de lá pra cá muitas coisas mudaram, apenas as estradas do assentamento parecem continuar quase da mesma forma, em alguns trechos com velhos problemas, segundo alguns moradores do lugar. O Senhor Sandro, presidente da Asproab, reclama, por exemplo, que as estradas nem sempre estão conservadas e em alguns lugares do trajeto até as propriedades existem apenas trieiros<sup>9</sup>, que, na maioria das vezes, estão cobertos por mato. Pelos caminhos, encontramos pontes de madeira, pinguelas<sup>10</sup> e mata-burros<sup>11</sup>, que contribuem no processo de interligação entre as pessoas.

Ao andarmos pelo assentamento e observarmos o lugar, notamos a presença de alguns animais e pássaros típicos desta região, fator positivo em relação à preservação da fauna e da flora. O assentamento encontra-se localizado totalmente dentro do bioma Cerrado, com várias espécies nativas como: papagaios do peito-amarelo, periquitos, araras azuis, tatus, seriemas, canários da terra (amarelos) e árvores que se destacam em meio à vegetação com flores cores

---

<sup>9</sup> Na linguagem do campo são caminhos estreitos no meio mato que faz ligação com a vizinhança.

<sup>10</sup> Ponte rústica feita com paus ou improvisada com troncos, sem proteção lateral. <https://www.dicio.com.br/pinguela/>

<sup>11</sup> Pequena ponte sobre um fosso, constituída de traves espaçadas, geralmente colocada na entrada de propriedades rurais, destinada a vedar o trânsito de animais, porém, permitindo o de veículos. Para saber mais sobre o assunto acesse: <https://www.girodobo.com.br/dicionario/mata-burro/>

vivas, como, por exemplo, as sucupiras, ipês amarelos<sup>12</sup> e quaresmeiras, entre outras espécies que florescem durante o inverno.

Segundo relatos dos moradores, a questão ambiental no assentamento é tema de reuniões que discutem sobre a importância da preservação ambiental, momentos que servem para transmitir aos jovens o respeito e as formas de proteção ambiental. Nessas reuniões, discutem, por exemplo, a importância de manter as Áreas de Preservação Permanentes (APP), realizando ações simples como: cercar as nascentes para evitar que o gado pisoteie o terreno e plantar árvores nativas do Cerrado próximo às nascentes.

A preservação ambiental no Olga Benário, embora seja discutida em reuniões, é uma ação que pouco foi notada dentro do assentamento, com ações isoladas de alguns assentados dentro dos seus lotes. Embora eles comentassem dessas reuniões durante o período em que passamos dentro do assentamento para a realização da pesquisa, infelizmente não presenciamos nenhuma delas com a finalidade de discutir a questão ambiental.

Nesse sentido, foi possível observar que ações voltadas para a conservação do meio ambiente são pouco trabalhadas entre os moradores do assentamento, embora quando ocorra alguma atividade no campo esse saber é transmitido aos jovens.

Percebemos que o saber ecológico na prática vem sendo repassado de pai para filho, nesse aspecto, observamos a importância dos pais e da família no processo de construção e transmissão desses saberes.

O tema meio ambiente também é trabalhado na escola, e, embora não tenha uma disciplina específica, o assunto é discutido principalmente nas aulas de Geografia e de Ciências/Biologia, também em grupos de jovens, nas igrejas e no próprio assentamento por meio do coletivo e/ou das associações presentes no Olga Benário.

Ao citarmos as associações detectamos que existem dentro do assentamento seis associações de pequenos produtores, no entanto, segundo levantamento realizado no local, apenas duas estão funcionando regularmente com a utilização de CNPJ e podem emitir notas fiscais e comercializar seus produtos. As demais associações existem, mas não estão formalizadas, este fato levanta uma questão presente entre os assentados: a falta de união entre eles provoca uma fragmentação e contribui para o enfraquecimento de ações comunitárias. Além das seis associações, há ainda uma Cooperativa que está em processo de formação pelos

---

<sup>12</sup> **Ipê Amarelo** - *Handroanthus ochraceus* ou *Tabebuia ochracea*. Espécie comum na região centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, sua árvore pode alcançar de 6 até 14 metros de altura e tronco de 30 a 50 cm. Suas flores são amarelas e costumam florescer a partir do final de julho até setembro. Sua florada é exuberante e fantástica, muito utilizada no paisagismo, podendo ser considerada uma das mais belas dentre as espécies de ipês. Mais informações no site: <https://www.ibflorestas.org.br/conteudo/especies-de-ipe-conheca-todos-os-tipos-e-cores>

assentados, porém, ainda não está funcionando regularmente devido a questões burocráticas e a disputas internas para o controle da mesma. A hipótese para essa fragmentação entre os assentados pode estar na política externa ao assentamento que influencia no interno. Esta fragmentação de associações, além de provocar a divisão entre os assentados, também impede o crescimento e o desenvolvimento da comunidade como um todo.

De todas as associações presentes no assentamento Olga Benário de Ipameri, as duas que funcionam regularmente são: Associação Camponesa Regional de Agricultura Familiar (Ascraf) e Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Olga Benário (Asproab). Segundo levantamento, essas duas associações estão regularizadas junto aos órgãos competentes, como já foi relatado anteriormente, e atendem aos pré-requisitos dos órgãos oficiais e, mesmo com dificuldades internas, conseguem desenvolver um trabalho junto aos seus associados, contribuindo de certa forma para aumentar a renda dos trabalhadores e trabalhadoras filiados a elas. Quanto às demais associações elas existem, mas só no papel, pois enfrentam problemas com documentação para o seu funcionamento.

Segundo a Senhora Geni, Presidente da Ascraf, e o Senhor Pedro, presidente da Asproab, foram assinados convênios com as escolas estaduais e municipais em Ipameri para o fornecimento de alimentos, como hortaliças e panificados, produzidos pelos assentados, contribuindo diretamente com o aumento da renda das famílias associadas.

Existem também os assentados que preferem comercializar o que produzem diretamente com o consumidor, aos domingos na feira da cidade, de seis ao meio dia. Os pais contam com a participação dos filhos e outros membros da família nessa tarefa e, às quartas-feiras acontece a “feira do produtor” no pátio do Jóquei Clube de Ipameri. Essa feira é específica com as famílias assentadas filiadas ou não em uma associação.

Figura 3 - Sede da Ascraf, localizada no Assentamento Olga Benário



Fonte: Arquivo pessoal, para esta pesquisa.

A agricultura familiar está presente no Olga Benário e as participações dos membros das famílias contribuem para essa prática, inclusive dos jovens. Entendemos que o trabalho familiar é fundamental para a troca de saberes entre esses sujeitos, fato que contribui para o desenvolvimento da sociedade, especialmente destes jovens, que, de certo modo, por questão de necessidade, já ajudam a tomar conta dos negócios da família no campo, com responsabilidades assumidas ainda na juventude. Embora essa autonomia não seja realidade da maioria, já é realidade para alguns jovens, que começam a se destacar nesse fenômeno no Assentamento. Compreendemos essas questões como um processo sociológico, como afirma Weisheirmer (2015, p. 37):

Os jovens agricultores familiares constituem uma categoria social específica devido à sua socialização no processo de trabalho familiar agrícola. Como eles são membros de uma unidade doméstica que também atua como unidade de produção agrícola, predomina a instituição de saberes, normas e valores do universo familiar e do processo de trabalho que esta realiza.

Esse processo de socialização entre os jovens e suas famílias é essencial para a continuidade dos trabalhos no campo. De acordo com Weisheirmer (2015), “Os jovens são ao mesmo tempo herdeiros e trabalhadores da unidade de produção familiar”. Destarte, alguns jovens assentados no Olga Benário já adquirem essa perspectiva de que um dia aqueles bens serão suas posses, neste cenário, faz-se importante zelar e produzir de maneira correta.

## **Siga a rota: nas trilhas do Olga Benário**

Vários são os caminhos ou estradas vicinais que cortam o Assentamento Olga Benário, são por essas estradas que os moradores das 85 parcelas transitam diariamente pelo assentamento. São estradas vicinais<sup>13</sup>, trilhas<sup>14</sup> e trieiros que formam uma verdadeira rede de ligações entre si. Esses caminhos emaranhados alternativos unem as famílias, os amigos e permitem a interação entre os vizinhos.

Ao mencionar sobre os caminhos do assentamento, compartilhamos a Figura 5, que mostra uma ponte de madeira em uma das várias estradas que percorremos, ponte esta que foi construída pelo poder público sobre Córrego da Nascente. Segundo informações de moradores da região, antes, neste mesmo local, havia uma outra ponte de madeira que foi construída pelos próprios moradores do assentamento em regime de mutirão, porém, devido à falta de conhecimentos técnicos e poucos recursos a ponte não ficou bem-feita e com as chuvas e consequentes enchentes a mesma não resistiu, sendo levada pelas águas. De acordo com Firmino (2013, p. 67), “a primeira ponte que os assentados construíram sobre o Córrego das Nascentes, em caráter provisório, não tinha capacidade para veículos pesados, no entanto foi o que eles puderam fazer naquele momento.”

Neste trabalho coletivo dos assentados, naquele momento, estavam sendo colocados em prática os saberes que eles tinham, que permitiram, mesmo que de forma precária, ter uma via de comunicação entre as parcelas.

Como se vê na Figura 4, hoje a ponte encontra-se em perfeitas condições de tráfego, porém, outros pontos do assentamento não se encontram na mesma situação: existem pontes e estradas em péssimas condições de trafegabilidade, representando uma das causas de contestações junto ao poder público por parte dos moradores, principalmente dos jovens, que utilizam esses caminhos diariamente para irem à escola.

---

<sup>13</sup> Estrada de chão, destinada principalmente a dar acesso às propriedades ou caminhos que ligam povoações relativamente pequenas e próximas. No caso do assentamento, as parcelas dos assentados à linha principal, que interliga com à rodovia asfaltada GO 213.

<sup>14</sup> Trilhas são caminhos abertos no meio do mato, por onde passam animais e pedestres.

Figura 4 - Ponte de madeira (12m.), sobre o Córrego da Nascente dentro do Assentamento Olga Benário



Fonte: Arquivo pessoal, para esta pesquisa.

Durante o período chuvoso, os moradores enfrentam a lama e os buracos; já no período da seca, sofrem com a poeira. É esse cenário que a juventude rural deste assentamento enfrenta durante todo o ano para poder frequentar as aulas na cidade. Situações como as acima citadas talvez seja um dos motivos que lhes causam vergonha frente aos demais alunos da escola. Esses mesmos caminhos também servem para o escoamento da produção dos assentados até a cidade, seja para participar de feiras, entregar produtos nos comércios ou atender às escolas por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Em diálogos com a juventude do Assentamento Olga Benário com registro no diário de campo, eles demonstraram aprender a viver com essas diversidades. Experiências que se transformam em saberes relacionados ao clima e ao meio de transporte utilizados por eles.

Figura 5 - Estrada vicinal que dá acesso às parcelas dos assentados, novembro de 2018



Fonte: Arquivo pessoal, para esta pesquisa.

Nas observações realizadas em trabalho de campo e pelas informações obtidas juntos aos moradores, percebemos que as estradas vicinais nem sempre se encontram bem conservadas como mostra a Figura 7, entretanto, essa realidade ocorre em determinadas épocas do ano e também por se tratar de uma estrada principal ela recebe uma maior atenção, no entanto, as vias secundárias que dão acesso às parcelas geralmente se encontram em péssimo estado de conservação. Segundo informações dos moradores, na maior parte do ano, as estradas apresentam estado quase que intransitável, motivo de constantes reclamações dos trabalhadores assentados, uma vez que as condições precárias impedem a circulação de veículos e prejudicam o transporte escolar, além de causarem prejuízo econômico pela impossibilidade do escoamento da produção feita por esses sujeitos. Nas Figuras 6 e 7 é possível ver as estradas no início do período chuvoso que já começavam a apresentar buracos, que, segundo os moradores do assentamento, sem a devida conservação, evoluem ampliando os estragos e, em certos casos, até interrompendo a tráfego nas estradas do assentamento.

Figura 6 - Estrada vicinal no início do período chuvoso que já apresenta buracos que acumulam água da chuva



Fonte: Arquivo pessoal para esta pesquisa.

Figura 7 - Estrada apresentando muita lama durante as chuvas



Fonte: Arquivo pessoal para esta pesquisa.

## CAPÍTULO 1 – O SABER, A EXPERIÊNCIA E A JUVENTUDE

Utilizando dos estudos sobre educação popular e ancorados em alguns estudiosos sobre esta questão, buscamos identificar os saberes que se fazem presentes no Assentamento Olga Benário em Ipameri – Goiás. Grosso modo, podemos classificar a educação em: educação burguesa e educação popular. A primeira atende à classe burguesa que se encontra no poder e é ofertada pelo Estado, que oferece uma educação liberal baseada principalmente na formação de um cidadão para o mercado de trabalho, levando-o a aceitar a sociedade dividida em classes sociais. Já a segunda, por estar ligada às chamadas teorias críticas (socialistas), atuam na formação do indivíduo, de ordem social, participativa, para a formação de um sujeito que lute pelos seus direitos e preserve uma cultura popular (PALUDO, 2012). De acordo com esta autora:

As raízes da educação popular são as experiências históricas de enfrentamento do capital pelos trabalhadores na Europa, as experiências socialistas do Leste Europeu, o pensamento pedagógico socialista, as lutas pela independência na América Latina, a teoria de Paulo Freire, a teologia da libertação e as elaborações do novo sindicalismo e dos Centros de Educação e Promoção Popular. (PALUDO, 2012, p. 283)

Podemos dizer que a educação popular contempla, ao seu modo, as teorias e as práticas educativas com o objetivo de trazer libertação aos oprimidos e uma nova consciência de classe na sociedade.

Para Brandão (2017), educação não é somente aquela adquirida na escola, é um saber que pode ser adquirido, nas aldeias, junto à família, à comunidade, aos amigos, etc.

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. (BRANDÃO, 2017, p.6)

Para a realização da presente pesquisa, tivemos como ponto de partida a busca pelos saberes e as maneiras pelas quais esses saberes circulam no meio da juventude rural do Assentamento Olga Benário, em especial, destacando a forma como são transmitidos.

Essa dinâmica tem como objetivo entender o papel da família, da igreja, dos amigos, sobretudo, da comunidade para esses jovens. Freire (1987, p. 68) afirma que “não há saberes mais ou saberes menos, há saberes diferentes”. Nessa linha de pensamento, entendemos que existem vários saberes na sociedade distintos uns dos outros, e no assentamento isso não é diferente. Cada indivíduo tem o seu conhecimento, o seu saber, que são compartilhados uns

com os outros, assim, quem não sabe aprende com quem sabe e assim segue o destino. Dessa forma, entendemos que integramos uma sociedade onde os saberes se completam, “quem sabe ensina, quem não sabe aprende”, portanto, nas comunidades, existem esses saberes que se encontram entrelaçados uns com os outros.

Partindo da reflexão freiriana mencionada, quando falamos em saberes, devemos entender que estes são diferentes. Isso contribui para que ocorra uma troca de saberes de uns com os outros, pois, quando um indivíduo não sabe fazer alguma atividade, ele necessita da busca desse conhecimento, sejam esses saberes entre a família, na escola, com amigos, vizinhos, ou seja, indivíduos e/ou instituições que exercem essa experiência e contribuem no processo de ensinar.

Sendo assim, o saber constitui-se parte de nossas vidas. Quando o bebê nasce, ele já tem o saber inato<sup>15</sup>, por exemplo, o ato de mamar no peito da mãe, sem que ninguém o ensine ocorre pelo instinto, porém, ao longo da vida outros saberes são adquiridos e incorporados pelo indivíduo. Dessa forma, agregam-se outros saberes para o seu desenvolvimento pessoal, contribuindo no processo de formação deste ser humano.

O processo de construção do saber não tem fim, ele ocorre em todas as fases da vida, de modo que entendemos o ser humano em constante aprendizagem, ora mais, ora menos. Segundo Lavine e Dione (1999, p. 17), “Para sobreviver e facilitar sua existência, o ser humano confrontou-se permanentemente com a necessidade de dispor do saber, inclusive de construí-lo por si só.” Nesse sentido, entendemos que o ser humano, vivendo em comunidade, aprende com os outros.

Conforme Charlot (2001, p. 27), “Toda relação com o saber é também uma relação com o outro”, portanto, para que ocorra o saber é necessário certo relacionamento com outros indivíduos que vivem à sua volta. O autor ainda enfatiza que “toda relação com o saber é também uma relação com o mundo” (CHARLOT, 2001, p. 27) e nos leva a perceber que o saber também se constrói fora do ambiente escolar, por meio das relações pessoais, da mídia, da internet, etc. O que ocorre é que a escola tem se configurado muito mais como um espaço onde os saberes são repassados do que propriamente construídos.

O principal modo de transmissão do saber, na instituição escolar, assemelha-se, ao mesmo tempo, ao da tradição e ao da autoridade. Autoridades escolheram o saber que parece útil ou necessário a transmitir aos membros da sociedade; saber já construído oferecido aos estudantes, sem que esses sejam convidados a determinar o sentido e os limites de cada um deles. Desse modo, por exemplo, a escola ensina habitualmente

---

<sup>15</sup> Inato - que pertence ao ser desde o seu nascimento; inerente, natural, congênito.

<https://www.dicio.com.br/>

apenas uma única interpretação de um fato histórico, mesmo podendo haver várias. E que a interpretação escolhida pareceu preferível as autoridades responsáveis pelo sistema escolar ou por aqueles que nele intervêm por diversas razões. Esse saber não é, entretanto, saber espontâneo. Pelo contrário, a maioria foi construída a partir de reflexões elaboradas e resulta, com frequência, de operações metódicas de pesquisa. Mas somente determinados resultados das pesquisas são ensinados; escolhidos como são os saberes transmitidos pela tradição. No entanto, a escola tem por missão ensinar, além disso, o modo de construção do saber, de modo que os estudantes também aprendam os princípios de sua validade e se tornem progressivamente capazes de julgar o saber oferecido e, até, eventualmente, de preferir outro ou de construir, por si mesmos, um saber diferente (LAVINE; DIONE, 1999, p. 21)

Nessa relação entre escola como instituição de ensino e sujeitos, ocorre uma construção de saberes, o que nos leva a afirmar que há saberes construídos na relação com o outro e na relação com o mundo. Há saberes que podem vir com as experiências de vida, daquilo que se faz e/ou participa. De acordo com Larrosa (2002, p. 27), “O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.” Entendemos que saber e experiência são companheiros, andam juntos.

A experiência, para Larrosa (2002, p. 21), “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Sendo assim, a experiência edifica um saber, pois o que nos toca, deixa marcas, aprendizados, conhecimentos que o sujeito levará por toda a vida. Larrosa (2002, p. 21) ainda afirma que “informação não é experiência”, assim entendemos, pela narrativa do autor, que não adianta ouvir sobre algo, pois isso não dará ao sujeito a experiência necessária: é preciso passar por ela, ou seja, sentir, viver, experimentar.

Em concordância com este autor, durante as visitas de campo ao Assentamento Olga Benário, foi possível perceber, diante da experiência de alguns jovens, o desempenho de funções apreendidas com seus respectivos pais, em outras palavras, esses jovens estavam colocando o conhecimento em prática e assim adquirindo/vivendo experiências em suas atividades. Daí a importância em se viver a experiência. Por essa razão, consideramos que no relacionamento “do um com o outro” ocorre a troca desse saber da experiência. Experimentar é viver, passar por situações ou submeter a uma ação, colocando em prática algo que foi aprendido e, neste processo, a juventude é uma etapa da vida em que a experiência parece ganhar um sentido diferente.

Entendemos a categoria “juventude” para além das questões biológicas visto que abrange questões de ordem sociológica e cultural, pois, esses são sujeitos participantes de forma direta nas transformações sociais. De acordo com Machado (2016, p. 147), “O jovem sofre influência de seus familiares, amigos, escola, meio tecnológico e de comunicação”, assim, somos levados a entender que o jovem se encontra inserido no meio e faz parte do meio em que vive.

Consideramos os jovens da atualidade diferentes dos jovens de outras épocas. Assim, perguntamo-nos: o que caracteriza essa diferença? Compreendemos o desenvolvimento tecnológico atual, por exemplo, como um aspecto diferencial, pois esse permite a vivência desses jovens no mundo digital, diferentemente dos jovens do final do século XX. No caso do Brasil, poucos jovens tinham telefones, computadores, celulares, tablets, etc.

De acordo com Spósito (2009), tem aumentado a preocupação no meio acadêmico quanto à temática juventude, porém, quando se trata de jovens rurais o tema é pouco expressivo. Em pesquisa realizada no período de 1999 a 2006, Spósito (2009) catalogou apenas 35 pesquisas com o tema “juventude rural”, totalizando 3,60% do total de produções encontradas no período pesquisado. Esses dados evidenciam uma lacuna que pode ser explorada. Spósito (2009) ainda demonstra que as pesquisas priorizam jovens urbanos, principalmente nas grandes cidades.

Os eixos temáticos que articulam a produção discente têm como elemento comum a condição juvenil urbana, sobretudo de grandes regiões metropolitanas, investigada a partir de enfoques diversos. A predominância de investigações sobre a vida de jovens em grandes metrópoles pode induzir a generalizações apressadas sobre a juventude brasileira, se não forem levadas em conta as condições de vida das pequenas e médias cidades e das zonas rurais. (SPÓSITO, 2009, p. 24)

Ao realizarmos buscas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) sobre a temática das juventudes do campo, no período de 2007 a 2017, usando as palavras chaves: assentamento, sudeste goiano e Ipameri, encontramos o total de 52 publicações; sendo 50 na Universidade de Brasília (UnB), 1 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e 1 na Universidade Estadual Paulista (Unesp), essas, em diversas áreas do conhecimento como: Geografia, Educação, Agronomia, História, entre outras.

Ainda com relação às buscas utilizando as palavras chaves mencionadas e acrescentando “Olga Benário”, foram localizadas duas publicações, com destaque para a tese de Doutorado apresentada na UNB, em 2017, no Programa de Doutorado em Geografia com o título “As relações de poder e as territorialidades nos assentamentos rurais no sudeste goiano”.

No repositório da UFG, quando utilizadas essas mesmas palavras chaves, encontramos 1.459 publicações. Refinando a busca e utilizando apenas as palavras chaves: assentamento, Ipameri, Olga Benário, tivemos o número de 407 teses e dissertações. Excluindo a palavra Ipameri, tivemos a totalidade de 324 publicações. Entre todas as publicações mencionadas, três são dissertações de Mestrado, sendo uma na área da Educação, produzida por Ricardo Ferreira e defendida em março de 2015, com o título “Estudando na cidade eles querem o quê? Sentidos

de escolarização no Assentamento Olga Benário”. Tal dissertação trata da chegada dos alunos do assentamento na escola da zona urbana de Ipameri e os seus comportamentos.

Vale comentar sobre outra dissertação, na área da Geografia, produzida por Valdivino Gomes Firmino, em maio de 2013, com o título: “Itinerários camponeses: de lá pra cá daqui pra li até o Assentamento Olga Benário em Ipameri”. A mesma trata das lutas camponesas pelo acesso a terra e da peregrinação dos assentados até a sua conquista.

A terceira dissertação, produzida por Miriam Rosa Pereira, do curso de Pós-Graduação em Agronomia/Agronegócios Ciências Agrárias da UFG de Goiânia, defendida em 2016, com o título: “Custos de transação e canais de comercialização da produção do Assentamento Olga Benário (Ipameri-GO)”, trata da agricultura familiar, bem como do processo de comercialização dos produtos produzidos no assentamento, enfatizando as dificuldades de comercializar na cidade.

Em pesquisas produzidas sobre o Assentamento Olga Benário de Ipameri, Firmino (2012) e Ferreira (2015) discutem os problemas enfrentados pelos assentados, desde a luta pela conquista da terra, os desafios do cotidiano em viver em assentamentos rurais, bem como as dificuldades enfrentadas pelos jovens residentes do Olga Benário em busca do conhecimento secular e da formação escolar. Abordaram também os problemas enfrentados pelos assentados – que são comuns – em produzir e comercializar na cidade. Esses estudos corroboram com a necessidade de mais pesquisas que visam compreender estes atores sociais rurais.

Firmino (2013) faz menção sobre relatos de camponeses que viveram na peregrinação, em acampamentos nas margens de rodovias, na luta pela conquista por um pedaço de terra. Trabalhadores de diferentes lugares, buscando conquistar seu espaço para poderem plantar, construir suas casas e produzir os seus alimentos. A dissertação de Firmino (2013) relata sobre a luta pela terra que envolveu todos os membros da família: crianças, jovens, adultos e idosos, em um processo que chegou ao fim com a demarcação das terras no Assentamento Olga Benário, em Ipameri.

Esses elementos empíricos e teóricos contribuem para sustentar a defesa e também a relevância desta pesquisa, uma vez que alguns aspectos referentes à categoria “juventude rural” apresentam lacunas, por exemplo, na forma como os jovens se relacionam com o saber em suas diversas facetas. Jovens camponeses e suas famílias enfrentam a dura realidade do campo, as poucas políticas públicas voltadas para a sua valorização, bem como o fato da reforma agrária ser marginalizada no Brasil. Esta reforma agrária que não sai do papel efetivamente frustra os militantes das organizações sociais do campo, que lutam para a redistribuição de terras no país. Stédile e Fernandes (2005) fazem ponderações a respeito da reforma agrária no Brasil, vejamos:

O que existe no Brasil atualmente é uma política de assentamentos sociais, em que o governo federal e às vezes até governos estaduais, premidos pelos movimentos sociais, e para evitar que os conflitos de terra se transformem em conflitos políticos, resolvem conseguir algumas áreas, seja de terras públicas, seja negociada, seja desapropriada, e assentar as famílias. Essa é uma política de assistência social, apenas para se livrar do problema dos sem-terra (STÉDILE; FERNANDES, 2005, p. 159).

A crítica velada sobre militantes da causa agrária no Brasil, como afirma Stédile (2005), dá-se pela falta de política propriamente dita para realizar a Reforma Agrária Clássica, que ocorreu em outros países como o Japão, que pretendia atender na época a uma sociedade industrial emergente, durante a primeira Revolução Industrial. De acordo com Stédile (2005), o que temos no Brasil não é uma Reforma Agrária, mas sim um processo muito lento de assentamentos rurais, para ele, a criação de assentamentos pelo Incra ocorre de forma lenta e não dá um aspecto de reforma agrária de fato, como ele gostaria que fosse.

### **1.1 Saberes em construção**

Compreendemos saberes como conhecimentos adquiridos pelo indivíduo ao longo de sua existência, é o aprendizado que nos acontece em todo o tempo, lugares e instituições. Dessa maneira, o saber faz parte de nossas vidas desde os primórdios da humanidade. A evolução humana está intimamente ligada aos saberes, uma vez que a espécie humana é dotada de inteligência e de saberes que contribuem para o desenvolvimento da vida.

A própria vida começou a fazer com que aos poucos a evolução corporal cessasse de se modificar significativamente menos no cérebro. Tal como outros seres vivos, antropóides que nos antecederam de alguns milhões de anos terão sobrevivido porque aprenderam a viver em bandos errantes onde, com uma flexibilidade muito maior do que em outras espécies de animais, havia uma progressiva diferenciação de tarefas (BRANDÃO, 2017, p. 8).

O viver em conjunto, em bandos ou grupos e as atividades de experimentação, entre acertos e erros, constituíram-se no diferencial da espécie humana em seu desenvolvimento. Vale dizer que nos primórdios da humanidade o conhecimento científico não era parte da vida do homem, existia em tal época apenas o conhecimento popular e empírico que circulava em meio a comunidades, contribuindo para o aprimoramento dos modos de vida. Para Silva e Neto (2015, p. 139), “Esses saberes práticos acumulados vieram estabelecer-se como sabedoria - o acervo de conhecimentos originários daquelas pessoas mais observadoras das relações com a natureza”.

Notamos que a curiosidade humana no decorrer da história despertou entre os indivíduos a busca por conhecimentos da vida, até naturalmente surgir o saber. Em conformidade com essa ideia, Brandão (2017, p. 5) considera que “as pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não sabe-e-aprende”. Portanto, o desenvolvimento da humanidade, no processo de transferência de conhecimento nas comunidades primitivas, sobretudo, as relações interpessoais, tornou-se prática, através da necessidade de construir abrigos, ferramentas, proteção das intempéries climáticas e dos predadores, além da busca por alimentos. Esses fatores foram imprescindíveis tanto na existência, como no desenvolvimento da humanidade. Conforme Silva e Neto (2015, p. 139, grifos do autor), “Os 'machados' simbolizam o acúmulo desses saberes úteis, gerados pela vivência humana e que formarão a sabedoria ancestral. Por meio da sabedoria humana é que foi possível a existência da humanidade”.

Nesse contexto, podemos dizer que o conhecimento e o saber na sociedade humana ocorreram naturalmente por indivíduos que buscavam solucionar os problemas encontrados por eles no seu dia a dia. Aqueles que tinham mais saberes detinham a autonomia sobre os demais. Esta autonomia estava ligada àqueles que dominavam práticas como a de rezar, construir uma ferramenta ou caçar. Esses que detinham mais conhecimentos persistiam na liderança dos demais membros da tribo. Nessa perspectiva, quando abordamos sobre os saberes, estamos nos referindo às competências, habilidades, aptidões, práticas adquiridas, experiências ou destrezas para a realização de tarefas executadas por esses sujeitos.

Esses são alguns sinônimos que fazem referência ao saber, que, por sua vez, está em sintonia com o aprender, as práticas e as experiências. Assim, as pessoas estabelecem uma relação do saber com o mundo, segundo Charlot (2001). Nessa ótica, os saberes podem ser adquiridos ao longo do tempo, em diferentes lugares e situações, como, por exemplo, da família, na escola, na igreja, dentro do ônibus ou nas relações com o outro.

Charlot (2000) apresenta os conceitos de saber e aprender, em que o “saber” significa um conteúdo intelectual e o “aprender” tem significado amplo, existindo variáveis maneiras de aprender e instituições que podem ensinar. Destarte, podemos adquirir saberes através da escola, aprendendo Física, Química e Matemática, por exemplo. Esses saberes podem vir também por meio das relações familiares, da igreja e da comunidade, saberes como domar um animal, manusear ferramentas, desenvolver atividades, realizar diferentes trabalhos no campo, entre outros. “Chamo relação com o saber o conjunto de imagens, de expectativas e de juízos que concernem ao mesmo tempo ao sentido e à função social do saber e da escola, à disciplina

ensinada, à situação de aprendizado e a nós mesmos” (CHARLOT, 2000, p. 80 apud VIANA, 2003, p. 178).

A relação com o saber abordada por Charlot constitui-se em uma relação com o mundo e as coisas que estão a nossa volta, essas estão além do aprender escolar, mas sim, considerando o aprender da vida. Desta forma, os termos juventude e saberes despertam o interesse em compreender o que se passa nesse universo, bem como de qual maneira esses jovens do Assentamento Olga Benário se relacionam com esses saberes. Ainda sobre essa relação com o saber, Charlot (2005, p. 45, grifos do autor) acrescenta: “A relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito estabelece com um objeto, um ‘conteúdo de pensamento’, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc.”

Se a relação com o saber ocorre de forma interpessoal, relacional e sem um lugar definido, podemos dizer, então, que independente do lugar ou do momento, os saberes podem ser agregados aos indivíduos, esses que são expostos às experiências de vida de maneira particular. Essa ligação com o saber, na narrativa de Charlot, acontece de forma espontânea, nas relações interpessoais, no lugar de vivência do sujeito, na escola, no grupo familiar, na comunidade etc.

De acordo com Charlot (2001), existe uma relação de saber entre as pessoas, nesse sentido, para adquirir o saber é necessária a relação de uns com os outros, a convivência, o relacionamento pessoal, social e comunitário. Tal relação contribui para o “aprender” com o próximo. Nessa perspectiva de aprender, apresentamos os seguintes conceitos, segundo Charlot: “Aprender é apropriar-se do que foi aprendido, é tornar algo seu, é ‘interiorizá-lo’. Contudo aprender é também apropriar-se de um saber, de uma prática, de uma forma de relação com os outros e consigo mesmo [...]” (CHARLOT, 2001, p. 20, grifos do autor).

Nesse sentido, compreendemos o saber como algo a ser transmitido de um para o outro, através da troca de experiências, da realização de atividades práticas e ações que contribuem no processo de formação dos indivíduos. Na busca pelo entendimento do saber, vale dizer que destacamos neste trabalho não somente a juventude e os saberes, mas também a própria experiência do saber.

Partimos da ideia de que o saber acontece de forma espontânea, em ambientes de convivência, e que nas instituições ganham força, como nas escolas, na família e na igreja como *lócus* da troca de saberes. Em sua tese de doutorado, Ribeiro (2013), ao analisar os currículos de duas escolas ligadas ao MST, nos conteúdos de Geografia e Ciências elenca vários saberes como: ecológicos, políticos, de reforma agrária, anti-latifundiários e sanitaristas. A autora, em

sua percepção, afirma que os jovens daquela comunidade aprendiam os conteúdos oferecidos na grade curricular, mas também colocavam em prática os saberes que adquiriam com os seus pais no ambiente familiar.

De acordo com Ribeiro (2013, p. 117), “Os saberes ecológicos presentes nos currículos investigados, solicitam, de modo geral, dos/as Sem Terra, uma maneira de se relacionar com o ambiente – no uso da terra e na relação das pessoas com ela”. Nesse sentido, o saber ecológico está presente na sociedade do assentamento rural, e conclui dizendo:

Um conjunto de saberes ecológicos que definem o certo e o errado são levantados e categorizados, de modo que os sujeitos sejam objetivados em relações de poder-saber. Mais que isso, esses saberes não se fecham nos saberes ditos universais, pois eles são ressignificados e se juntam a outros saberes estrategicamente para produzir um sujeito específico. (RIBEIRO, 2013, p. 117)

Queremos trazer sob à luz desta autora outros saberes identificados por ela. Por exemplo, saberes sobre a reforma agrária (RIBEIRO, 2013, p. 168) “é preciso saber que lutar pela reforma agrária e lutar pelos direitos” e aprender a defender a reforma agrária surge o saber antilatifundiário, “que ensina lutar pela Reforma Agrária e ser contra o latifúndio.” (RIBEIRO, 2013, p. 168).

Por esse aspecto, o indivíduo convive com vários saberes ao mesmo tempo, que são absorvidos ou não, mas o que fica é que todos têm o direito e as competências para ampliar os saberes com eles compartilhados.

Segundo Charlot (2001, p. 17), “só há saber numa relação com o saber, e só há aprender numa relação com o aprender. Isso significa que não se pode definir o saber, o aprender, sem definir, ao mesmo tempo, uma certa relação com o saber, com o aprender (e também com um tipo de saber ou de aprender”. Nesse caso, somos levados a entender que o aprender descortina novos saberes, cria possibilidade de fazer algo diferente, daquilo que já era sabido, justamente diante da relação saber-aprender.

## **1.2 O saber da experiência**

A palavra experiência tem sua origem do latim *experientia*. Em português, experiência significa uma ação, experimentar algo ou passar por uma situação pela qual o indivíduo terá a oportunidade de comprovar através da prática o que aconteceu. De maneira geral, podemos dizer que o conhecimento empírico adquirido espontaneamente no decorrer da vida se

transforma em experiência. Esses atos deixam marcas durante as vidas dos sujeitos. Neste sentido, Larrosa (2002) contribui explicando que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2002, p.21).

Portanto, a experiência ocorre quando alguém está envolvido por uma situação, seja de trabalho, lazer ou outra dinâmica. Quando os sujeitos vivenciam determinadas ações, ou seja, o aprender a fazer, dizemos que esses indivíduos estão condicionados a uma experiência. Sobre isso, Vendramini (2005, p. 75) explica que:

A formação ou a experiência humana apresentam-se como elementos centrais para pensar a organização da vida social de forma ampla, sem perder de vista a especificidade das inúmeras experiências coletivas que vêm se constituindo diante da crescente impossibilidade de produção e reprodução humana através do trabalho.

A experiência nos remete a algo concreto que experimentamos durante a vida, sobretudo, pelas relações interpessoais, seja na sociedade, na escola ou na família e em grupos de amigos da comunidade em que vivemos. No desenvolvimento da pesquisa “saberes da Juventude” foi oportuno para nós estreitar os relacionamentos com esta juventude e seus familiares.

Diante do mencionado, acreditamos que é quase impossível fazer a separação entre o saber e experiência, pois, a experiência evolui para o saber (LARROSA, 2002, p.26), portanto, “o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos”. No advento das experiências é possível construir algo diferente na comunidade e na própria vida dos seres humanos. Larrosa (2002, p. 27) complementa ao explicar que:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo.

O saber da experiência é construído pelo convívio, conhecimento empírico e científico com o qual estamos em contato, já o saber ocorre em múltiplos lugares, em diferentes instituições e ambientes. Na visão de Larrosa (2002, p. 21): “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência e cada vez mais rara”. Partindo deste pensamento, o indivíduo aprende ao participar de tarefas ou ações de manifestações culturais, conhecimentos políticos, entre outros.

Isso permite aos sujeitos contato direto com os saberes, contribuindo para seu leque de conhecimentos, fatos que podem apresentar mais oportunidades, autonomia e liberdade para o indivíduo.

Vale dizer que, para o desenvolvimento desta pesquisa, as falas dos jovens do Assentamento Olga Benário, através das entrevistas, revelaram histórias de vida carregadas em suas memórias. Entre outras coisas, a interlocução foi transmitida pela oralidade, por meio de histórias mencionadas pelos seus respectivos pais. As visitas realizadas no Assentamento Olga Benário valeram também para observação em campo, sobretudo, para registrar algumas experiências adquiridas, bem como narradas por esses sujeitos. Hábitos familiares como a forma de falar, agir e reproduzir o trabalho aprendido com os mais velhos foi um dos destaques desta pesquisa, essas informações fortaleceram o entendimento das experiências, que se transformam em saberes para os jovens. Ainda valeram para entender como esses saberes foram proporcionando diferenças no cotidiano da comunidade em que os jovens rurais vivem.

Nesse sentido, Larrosa (2011, p. 5, grifos do autor) afirma: “poderíamos dizer que a experiência é *“isso que me passa”*. Não isso que passa, senão *“isso que me passa”*, nesse contexto, a experiência é o ato de passar um acontecimento de trabalho, algum experimento ou prática. O que o autor está dizendo é que o indivíduo só tem experiência se vivê-la, passar por ela. Só de ver alguém realizando uma atividade não quer dizer que ele tem experiência. Para Larrosa (2011, p. 6), “a experiência é um movimento de ida e volta”, quer dizer que pode ocorrer experiência externa do indivíduo para com o outro, da mesma forma que pode ocorrer do outro para si. É nesse movimento, nessa troca de experiências, que acontece o que denominamos: circulação do saber.

Na busca por identificar os saberes e as experiências no meio da juventude rural do Assentamento Olga Benário, foram realizadas visitas nas casas dos sujeitos, onde houve interação com os mesmos. O nosso trabalho enquanto pesquisador foi lançar um olhar com mais atenção para esta comunidade (especialmente sobre os jovens, nosso objeto de pesquisa), observando a sua maneira de agir, de comunicar, de se divertir, de gesticular, sua linguagem e até mesmo quando ficam em silêncio na presença dos pais ou mais velhos. Todo esse comportamento registrado ajudou a entender essa gente.

Nesse trabalho de campo, foi possível observar a participação dos filhos e filhas dos assentados ajudando os pais em diversas atividades na propriedade. A nossa presença no assentamento não atrapalhou a rotina desses jovens que aparentavam desempenhar as funções com conhecimento do que faziam. A nossa intenção em acompanhar o dia a dia de alguns jovens foi para ver como esta juventude estava envolvida nos afazeres do lar e do campo, com a

intenção de registrar como o saber era transmitido a partir das práticas rotineiras na propriedade e na realização das atividades que aos jovens eram designadas a fazer pelos pais. Percebemos que nessas atividades eles ganhavam experiências através das tarefas que faziam. Nesse sentido, Larrosa (2002, p. 23) contribui dizendo “no trabalho se adquire a experiência, o saber que vem do fazer ou da prática”. Na visão deste autor a experiência adquirida aumenta o leque de saberes. No entanto, Larrosa (2002, p. 23) adverte que “às vezes se confunde experiência com trabalho”. Isso quer dizer que nem sempre o trabalho gera experiência.

Dando sequência aos dizeres relacionados às experiências, discorreremos a seguir sobre o mutirão, uma prática que pouco tem sido realizada no assentamento, mas que, quando acontece, propicia a troca de experiências entre os participantes. A prática do mutirão pode ser entendida na comunidade rural como um saber comunitário.

### **1.2.1 A experiência do mutirão**

A vida no campo proporciona momentos em que os trabalhadores reúnem os membros da comunidade em um determinado local para discutir sobre a realização de trabalhos em grupos que visam atender a uma necessidade de trabalho de um membro da comunidade. Essa prática “ocorre em diversos lugares do mundo, sendo mais comumente encontrada nos ambientes rurais” (FONSECA, 2015). Esse evento que acontece geralmente no campo é muito conhecido pelos mais antigos como “mutirão”, um trabalho em equipe em que ocorre troca de saberes, o que Brandão (2013) chamaria de “socialização”, mas que pode receber diversos nomes, dependendo da época, local ou cultura:

São inúmeras as variantes, como mutirum, muxirão, puxirum, putirum, ou ainda, batalhão, traição, adjutório, ajuri, brão, suta e outros. Alguns autores o colocam como prática tradicionalmente presente entre as culturas indígenas e africanas, porém reportam sua presença também à Europa medieval. (FONSECA, 2015, p. 15)

Essa prática reforça a ideia de que os homens são seres sociais, que precisam uns dos outros, especialmente em comunidades mais simples como apresentado pelo autor, inclusive esta é uma prática encontrada no período medieval. Em diálogos com os pais e jovens do Assentamento Olga Benário, descobrimos que no início do assentamento, de acordo com as necessidades das famílias assentadas, de vez em quando aconteciam trabalhos coletivos como os mutirões. Esse trabalho também servia para aproximar as famílias assentadas fortalecendo entre elas laços de amizade que haviam começado, por exemplo, na fase de acampamentos rurais.

Não seria demais dizer que o mutirão é um saber comunitário, que vem de longe, passando de geração a geração, e que ainda hoje contribui para o processo de socialização comunitária e, no caso do assentamento, também serve para aproximar as famílias no tocante a uma determinada tarefa em que um companheiro necessita. Desses mutirões participam homens, mulheres e crianças, cada um realizando uma atividade de acordo com suas habilidades e, no final do dia, a tarefa proposta para a ação é concretizada.

Uma prática comum nesses encontros são as cantorias que ajudam a passar o tempo e “transformam” o mutirão em uma verdadeira festa para quem está participando. Geralmente os mutirões são organizados com antecedência e podem ter objetivos distintos, como a preparação de uma área a ser plantada, bater o pasto, limpar uma roça, promover uma colheita, plantar ramas de mandioca, etc.

Outra derivação de mutirão que trazemos é a *treição ou traição*, que é diferente do mutirão, que é combinado na presença de quem for beneficiado. Na *treição* há uma combinação escondida de quem será o beneficiado. A *treição* é uma cooperação ao colega que, segundo Caldeira (1956, p. 31), “nasce do impulso instintivo de socorrer alguém que se encontra necessitado e que, por este ou aquele motivo, deixou de solicitar ajuda. É uma manifestação do espírito fraternal do grupo, um meio talvez de reafirmar, para que não pereçam, os sentimentos solidários”. Nesse caso, os participantes se reúnem em um determinado lugar, geralmente nas primeiras horas do dia, e chegam todos de surpresa pegando o companheiro que será beneficiado na *treição*. Importante colocar aqui que o companheiro que está sendo beneficiado com a ação não terá a obrigação de fornecer o alimento, pois ele não estava preparado para esta ocasião, mas acaba por fazer o almoço servindo aos companheiros que estão na lida.

Durante o tempo que estivemos mais próximos das famílias e dos jovens do assentamento Olga Benário, registramos a ocorrência de apenas um mutirão nessa comunidade rural, uma prática que, como relata Douglas, está ficando cada vez mais no esquecimento. Confira.

*Bom, na verdade, essa é uma prática que está sendo perdida, é uma prática muito boa, principalmente para o pequeno produtor. Porque se reúne dez produtores um dia, trabalha na casa do 'fulano', outro dia trabalha na casa do 'ciclano', as dez pessoas ajudam o outro. É uma prática muito boa, porém, como hoje todo mundo anda muito atarefado, é uma prática que vem se perdendo essa cultura, que vem desde antigamente, e que está se perdendo hoje. (Douglas, 26 anos).*

De acordo com este jovem, a quase inexistência de mutirões atualmente pode estar ligada aos afazeres de cada um em sua parcela. Notamos que a juventude assentada vem

perdendo essa prática, tornando-se mais individual e menos coletiva. Ainda sobre mutirão, em sua narrativa, Douglas relata uma experiência pela qual passou:

*Eu quero contar uma história que participei de um trabalho coletivo. Bem, não foi aqui nesse assentamento, porém foi em outro assentamento, a gente foi participar do mutirão da roçagem de pasto, porque o vizinho, diante de todas as suas tarefas, estava passando da hora, o mato já estava tomando conta de todo o seu pasto, aí o que ele fez? Um mutirão. Reuniu a comunidade, aí a gente passou parte da manhã, até por volta das 3 horas da tarde e desafogamos totalmente o seu serviço, roçamos totalmente o seu pasto, depois de uma semana o seu pasto saiu vigoroso, forte e o que acontece: deu suporte para o gado dele. Então aquela que é a grande vantagem, você ajudar ali o seu vizinho e depois ser retribuído também, né? Porque depois você pode pedir um mutirão ele vem, e a gente faz com gosto. E depois do mutirão tem um almoço, tem uma festa, tem uma confraternização. Então essa experiência de mutirão não é só para a roçagem de pasto, talvez a limpeza de uma rocinha, de um rego d'água que tem chegar no seu final, então, é qualquer coisa que o colega precisa na sua propriedade e ele pode pedir um mutirão. A experiência com o mutirão, ela é muito gratificante, tanto pra quem pede, quanto para aquela pessoa que vai lá ajudar. (Douglas, 26 anos)*

No primeiro momento, Douglas relata que a prática dos mutirões está se perdendo com o tempo, mas ele nos conta uma história de participação em um deles. Este jovem mostra que juntar para ajudar o vizinho é muito importante, pois amanhã pode ser ele o beneficiado com esta ação. Esta troca de serviços comunitários prevalece nas comunidades de agricultura familiar. Ele ressalta que o trabalho fica pronto, mas também fala do almoço coletivo, da festa que é participar desse processo. Ações como esta servem para que ocorra uma troca de saberes e experiências entre os sujeitos da comunidade. Por outro lado, notamos que também servem para passar esta prática aos mais novos.

Ressaltamos que quando os jovens acompanham os seus pais nos mutirões, eles aprendem sobre a importância da coletividade, do companheirismo e da solidariedade. Ocorrem, nesses momentos, trocas de conhecimentos entre os membros da comunidade, jovens e adultos, que, além de resgatarem suas tradições da cultura familiar, também servem para estreitar laços de amizades entre as famílias assentadas e amigos convidados.

Com relação ao mutirão que foi realizado na parcela do Sr. Abner, registramos a participação de mais ou menos 30 pessoas entre homens, mulheres e crianças, com o objetivo de plantar um hectare de ramas de mandioca (1 hec = 10.000 m<sup>2</sup>), esta ação foi realizada num sábado pela manhã de 8h ao meio dia.

Fomos convidados a participar desse mutirão, e prontamente aceitamos, o que contribuiu com o nosso trabalho no campo. Mas também estivemos participando com um olhar observador de pesquisador e notamos que cada um tinha uma função a ser executada.

Uns cortavam as manivas<sup>16</sup>, outros as colocavam num carrinho de mão, que era levado para a área que ia ser plantada, onde havia outros trabalhadores recebendo os toletes/manivas e realizando o plantio.

Percebemos que no campo havia muitas brincadeiras e às vezes um ou outro começava uma cantoria e eram seguidos pelos demais companheiros. Observamos que alguns jovens estavam encarregados de levar água para os trabalhadores, enquanto as mulheres estavam na cozinha da casa preparando o almoço, que foi servido aos trabalhadores debaixo de uma mangueira na porta da casa; cada um se ajeitava como podia para almoçar. Havia pessoas sentadas em tamboretas, cadeiras e numa paredinha que circunda a área.

Segundo o que apuramos, a mandioca foi plantada com destino certo: fabricação de farinha e consumo *in natura*. Conforme Freitas (2011, p. 30), “A mandioca constitui um dos principais alimentos energéticos para cerca de 500 milhões de pessoas, sobretudo nos países em desenvolvimento, onde é cultivada em pequenas áreas com baixo uso de insumos e baixo nível tecnológico”. Com relação à fabricação de farinha de mandioca, constatamos que no assentamento ela é produzida de forma tradicional e faz parte dos hábitos alimentares da comunidade.

A farinha produzida pelo Sr. Abner é totalmente artesanal, embora ele utilize um ralador elétrico para facilitar o trabalho, este agricultor construiu uma prensa para retirar o excesso de água da massa e o tacho onde ocorre a torra da farinha, a mesma é comercializada na cidade, nas feiras e nos eventos de que participa. A imagem da Figura 8 registra a realização deste mutirão no Assentamento Olga Benário.

---

<sup>16</sup> Maniva ou manivas-semente, também denominadas manafbas ou toletes ou rebolos, que são pedaços das hastes ou ramos do terço médio da planta, com mais ou menos 20 cm de comprimento e com 5 a 7 gemas. Para maiores informações [acesse: https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mandioca/mandioca\\_cerrados/sementes.htm](https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mandioca/mandioca_cerrados/sementes.htm)  
Aceso em 15/01/2020 às 16:03

Figura 8 - Mutirão: plantio de ramas de mandioca no Assentamento Olga Benário em Ipameri – GO



Fonte: Arquivo pessoal para esta pesquisa.

Aproveitando a participação nesse evento, perguntamos ao Matheus, 19 anos, o que ele achava da prática do mutirão.

*Uai, é “bão”, porque a gente quando se reúne, conta muita piada, esses “trem”. Muita brincadeira, né? É “bão” participar da roçada de pasto, quando a gente pega assim a gente vai, é “bão”.* (Matheus, 19 anos).

Percebemos na fala deste jovem a importância de participar desses encontros, desses momentos de socialização que, para este jovem, são um momento de distração. Na sua fala possivelmente esse jovem está querendo dizer que ao participar do evento o riso fica fácil devido às piadas contadas por alguns colegas e a diversão continua através das brincadeiras, que reúnem jovens e adultos nessa prática de um saber comunitário.

### 1.3 Definindo juventudes

De acordo com a Organização das Nações Unidas, os jovens compreendem  $\frac{1}{4}$  da população mundial. A categoria Juventude pela narrativa da ONU são os indivíduos que se encontram na faixa etária de 15 a 24 anos. No caso do Brasil, são considerados jovens indivíduos na faixa etária entre 15 e 29 anos. Nessa perspectiva, Santos (2009, p. 49) entende

que “não existe consenso sobre a faixa etária que delimite a juventude, sendo quase sempre o ponto de partida para definir quem deve ou não ser considerado jovem”. Portanto, ser jovem pode ser, além da faixa etária, uma condição social.

O termo juventude exige inicialmente uma explicação do seu uso. Isso demanda um primeiro esforço de desconstruções sociais que operam no senso comum e tendem a delimitar a juventude ao recorte etário com determinados valores e práticas comuns (LEÃO; ROCHA, 2015, p. 18).

Nessa perspectiva, não podemos enxergar os jovens apenas pelo aspecto físico ou biológico, sem levar em consideração os aspectos sociológicos e culturais. De acordo com Melucci (1996, p. 9), “Na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural”. Sendo assim, o jovem é descolado e ligado ao seu tempo: o do mundo contemporâneo, que muda de tendências constantemente. Seria impossível, dessa forma, explicar a juventude em todas suas nuances. Leão e Rocha (2015, p. 19) aludem da seguinte forma a essa questão:

Em termos universais, podemos dizer que a juventude é uma fase da vida em que os sujeitos vivem intensas e rápidas transformações biológicas, emocionais e cognitivas, que impactam o seu modo de ser no mundo [...] É uma fase também em que se ampliam as relações pessoais, políticas e sociais para além dos espaços restritos à família e da escola (LEÃO; ROCHA, 2015, p. 19).

Diante do exposto sobre juventude, percebemos que compreender tal categoria não é uma tarefa simples, em virtude das metamorfoses biológicas, culturais e sociológicas vigentes. Em discussões à parte sobre a faixa etária da juventude, notamos que não é fácil definir esse grupo social. Alves (2013) aborda da seguinte maneira estes sujeitos:

A juventude é uma daquelas categorias cuja definição não é tão simples, do mesmo modo que não é tão simples identificar quem é jovem. Há quem diga que esta é muito mais uma tarefa de hetero-atribuição do que de auto atribuição. Ou seja, são os outros quem nos dizem, quando passam a nos chamar “rapaz” ou “moça” ou, quando não nos vêem mais como jovens, “senhor” ou “senhora”, em geral pelo critério idade (ALVES, 2013, p. 189, grifos do autor).

O que percebemos é que a definição etária do ser jovem é algo que está na sociedade de um modo geral. Ao definir juventude como categoria, temos a oportunidade de compreender os jovens a partir do seu ambiente de vivência, do seu mundo, da sua realidade, do seu modo de vestir, da sua classe social, do lugar, seja urbano ou rural, em outras palavras, são várias as juventudes e talvez, por isso, torna-se complexo esse assunto.

Diante do exposto, vale questionar: afinal, o que é juventude? Na concepção de Kehl (2004, p. 89) “o conceito de jovem vai além da idade e torna-se um “estado de espírito” que envolve tendências, moda, esporte e lazer”, em outras palavras, um sujeito que se torna consumidor e desejado pelo mercado capitalista, mas que, às vezes, vive na invisibilidade social.

De acordo com a Lei<sup>17</sup> nº 12.842, de 05 de agosto de 2013, o Estatuto da Juventude, são considerados jovens as pessoas entre 15 e 29 anos. Weisheimer (2015) discute este tema no sentido de compreender os jovens a partir de suas relações com ele mesmo e com os outros. Vejamos:

Entendemos por juventude uma categoria relacional fundada em representações sociais, tais como as que conferem sentidos ao pertencimento a uma faixa etária que posiciona os sujeitos na hierarquia social atribuindo-lhes papéis sociais através dos diferentes processos de socialização e que configuram as transições da infância a vida adulta (WEISHEIMER, 2015, p. 34).

Ao nos referirmos à “juventude” estamos mencionando um grupo social subordinado aos membros mais experientes da família como, por exemplo, os pais e responsáveis que obtêm a tutela desses indivíduos. Nessa acepção, considera-se não só o aspecto financeiro, mas também o emocional e o familiar, nota-se que esses sujeitos buscam o seu reconhecimento numa sociedade classista, como é a capitalista, portanto, “não podemos dizer que a apenas uma definição de juventude, apenas uma representação, uma imagem do jovem de ontem, de hoje ou do futuro” (FREITAS; SANTOS, 2015, p. 169). Considerando o exposto, concordamos que existem várias juventudes e, por essa razão, foi delimitada a juventude rural como categoria de desenvolvimento desta pesquisa. Esses sujeitos vivem no campo, às vezes até contra sua própria escolha, ou seja, por motivos a eles impostos, pelas condições sociais, familiares, econômicas e/ou culturais.

Destarte, a juventude rural está presente no contexto da sociedade, e, por esse motivo, buscamos essa categoria com o intuito de pesquisar sobre os saberes da juventude no Assentamento Olga Benário.

---

<sup>17</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm) acesso em 07 jul. 2019.

## 1.4 Juventude rural

A categoria juventude rural chama a atenção por se tratar de indivíduos que vivem no campo e ajudam nas tarefas diárias, tais como trabalhos domésticos ou no que for preciso: capinar, plantar, tirar leite, entre outras tarefas pertinentes ao espaço rural. De acordo com Kummer e Colognese (2013, p. 207), a juventude rural pode ser entendida “como uma categoria social específica”, pois, para estes autores (KUMMER; COLOGNESE, 2013, p. 207, grifos do autor) “ser jovem rural não é apenas ‘estar’ no espaço rural e situar-se numa baliza cronológica de idade que configura de modo claro o que ‘é’ um jovem rural ou o que é ‘ser’ um jovem rural”. Dessa forma, entendemos que ser um jovem rural vai muito além de estar no campo, mas sim viver o campo, conhecer do campo, adquirir os saberes do campo. São alguns desses adjetivos que caracterizam esse indivíduo como “um jovem rural”.

De acordo com o Censo de 2010 realizado pelo IBGE, a população jovem brasileira correspondia a 51,3 milhões de brasileiros na faixa etária de 15 a 29 anos. Segundo este órgão, 84,8 % viviam na zona urbana e 15,2 % na zona rural.

O êxodo rural tem sido uma constante no meio da juventude rural contemporânea, uma hipótese para esse esvaziamento do jovem no campo pode estar ligada à baixa remuneração do trabalho camponês e, conseqüentemente, à não valorização da mão de obra da juventude rural, uma vez que geralmente os jovens ajudam as famílias e pouco recebem para isso. Essa dinâmica da população apresentada pelo IBGE vem ao encontro do trabalho de Benicá (2012) realizado no Sudeste goiano, nos municípios de Jataí e Perolândia, no qual a autora relata:

Essa é também uma realidade dos assentamentos de reforma agrária do sudoeste de Goiás, onde a mão de obra é constituída por pessoas com faixas etárias mais elevadas, em função do elevado índice de jovens que saem em busca de alternativas nos centros urbanos. O êxodo rural nas regiões de predomínio da agricultura familiar atinge hoje as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores (BENICÁ, 2012, p. 2).

Essa conjuntura parece ser uma tendência nacional que se repete em diversos lugares. Inclusive o mesmo fenômeno tem ocorrido no Assentamento Olga Benário, localizado no Sudoeste goiano, o fenômeno se repete com a juventude que busca alternativas de vida fora do assentamento, tendo em vista que a oferta de trabalho dentro deste assentamento se restringe à própria família. Desta forma, sem a disponibilidade de trabalho permanente que poderia assegurar a renda no campo, estes sujeitos migram para a zona urbana na esperança de encontrarem independência financeira. Segundo Kummer e Colognese (2013, p. 216, grifos do autor):

A falta de acesso a uma renda efetiva contribui para desestimular os jovens a permanecerem na atividade, principalmente as moças. Os rapazes recebem, às vezes, recompensas pelo empenho nas atividades de ciclo mais longo, ou afiançam o cuidado de uma parte da lavoura, “um canto”, “um eito”.

A baixa remuneração no campo também pode ser um dos motivos que levam os jovens a migrarem para a zona urbana. Nessa perspectiva, os autores citados destacam a falta de incentivo no campo que contribui para o esvaziamento de jovens na zona rural.

A redução da população jovem no campo traz outro problema citado por Weisheimer (2015, p 31), que é a “invisibilidade social” que ocorre e a falta de reconhecimento desses indivíduos na sociedade. De acordo com Kummer e Colongese (2013, p. 211), “a situação de invisibilidade da juventude rural é constituída pelo não reconhecimento dessa categoria como agente social.”. Ainda se soma a isso a falta de respeito e o preconceito da sociedade para com as pessoas do campo, sobretudo, os assentados, fatos que fortalecem a invisibilidade desse grupo social no interior do Brasil.

Infelizmente, os jovens do campo vivem na invisibilidade, porém, esperam por outrem para escutá-los e torná-los visíveis nesta sociedade. Diante disso, Weisheimer (2015) fala da invisibilidade social na qual vive essa juventude no Brasil:

Essa invisibilidade se processou pela reprodução de determinado olhar que tanto nega a existência do outro, quanto o uniformiza em uma unidade descaracterizante. Isso implica a negação do direito de ter tratamento e oportunidades iguais e, nesse caso, a negação do próprio direito ao reconhecimento e à identidade. (WEISHEIMER, 2015, p. 31).

Jovens que vivem no campo, não por opção, mas por necessidade, que acompanham os seus pais na luta pela reforma agrária no Brasil. Mas a sociedade parece não os reconhecer como cidadãos, e quando se trata de jovens rurais assentados o preconceito é ainda maior, pois são conhecidos como os “sem-terra”, um rótulo que alguns jovens do assentamento se sentem constrangidos em carregar. E talvez aqui se encontre uma das respostas para o esvaziamento dos jovens do meio rural.

Ao tratarmos especificamente dos jovens do Assentamento Olga Benário, percebemos que são jovens que possuem alguma proximidade com o movimentos social porque os pais fazem parte, não por opção própria, por outro lado, percebemos que são indivíduos que, por terem vivido em acampamentos rurais antes de serem assentados, viram e aprenderam a lutar pelos seus direitos desde criança, buscando um lugar para viver. Mas, mesmo assim sofrem com a discriminação, uma vez que são tratados com desprezo na maioria das vezes que vão para a cidade, seja nas escolas, no comércio, nas igrejas, nos locais de diversão, entre outros

lugares. Fatores que vêm gerando na juventude rural o desprezo pelo campo. Nessa perspectiva, Leão e Rocha (2015, p. 22, grifos do autor) explicam que:

Sobre os jovens do campo pesa uma grande expectativa e ao mesmo tempo certa culpabilização. Vistos como atores-chaves no desenvolvimento e na continuidade da vida rural, em geral há um consenso entre os adultos quando se pergunta pelos jovens no campo. A constatação mais comum é “os jovens estão abandonando o campo e decretando sua morte”.

Essa situação exposta pelos autores é uma realidade presente no campo, que tem se agravado nesse início do século XXI, mostrando que os jovens, mesmo com ligação no campo, rejeitam essa condição e desejam sair em busca de “uma vida com menos trabalho duro”. Assim, relata um jovem em uma das nossas visitas ao Assentamento Olga Benário: “viver no campo, trabalhar no campo, não é para qualquer um. Tem que ter opinião” (anotação caderno de campo). Possivelmente, o que esse jovem quis dizer com essa frase é que a vida no meio rural é cheia de dificuldades, e fazer parte desse universo nem sempre ocorre por opção, mas sim por precisão.

## **CAPÍTULO 2 - CONHECER PARA SABER: OS JOVENS, SUAS PREOCUPAÇÕES, INTERLOCUTORES E APRENDIZADOS**

Várias são as facetas que tratam sobre a juventude de um modo geral no Brasil e no mundo, porém, de maneira ímpar, a presente pesquisa trata especificamente da juventude rural residente no Assentamento Olga Benário, em Ipameri, interior do Estado de Goiás, região central do Brasil.

O nosso contato com esses jovens, como já dito anteriormente, deu-se a partir do Cencac, durante as disciplinas de Geografia no Ensino Médio e, posteriormente, através do conhecimento e do relacionamento que passamos a ter com algumas famílias residentes no Olga Benário. Portanto, percebemos que neste caso a educação foi o elo entre professor, jovens e comunidade. De acordo com Mascarenhas (2004, p. 15), “A educação é um processo rico e complexo, sendo elemento vital para a constituição da vida em sociedade e, também, instrumento por excelência da socialização dos indivíduos.”. Viver em uma comunidade exige do cidadão um processo de socialização, portanto, de acordo com Brandão (2017, p. 10): “A socialização realiza em sua esfera as necessidades e projetos da sociedade, e realiza, em cada um de seus membros, grande parte daquilo que eles precisam para serem reconhecidos como ‘seus’ e para existirem dentro dela”

Também por entendermos que a educação cumpre esse papel de socialização, é por meio dela que a nossa pesquisa busca conhecer a juventude rural do Assentamento Olga Benário de Ipameri e a cultura presente nesta comunidade, a família, os seus hábitos, as relações sociais, a relação com o meio ambiente e as condições de vida desses sujeitos, sempre com o objetivo central de identificar os saberes da juventude e como ocorre a circulação dos destes nesta comunidade.

Sair da zona de conforto e ir ao encontro dos outros, entender os outros, preocupar-se com as questões dos outros ajuda a entendermos a nós mesmos, pois somos parte integrante da sociedade. E não podemos nos esquecer que dentro da sociedade existem as comunidades, e o conjunto de comunidades forma a sociedade. E estreitar as nossas relações com a comunidade do Assentamento Olga Benário nos deu a oportunidade de conhecer melhor esses sujeitos, no nosso caso específico, a juventude que nela se encontra. Partindo desse princípio, estreitar as relações com os jovens e seus familiares, que são os outros, também serviu, entre outras coisas, para que pudéssemos observar mais de perto esta comunidade que faz parte da nossa sociedade ipamerina.

Embora todas as famílias assentadas recebam o mesmo tratamento junto ao Incra, recebendo os mesmos repasses para a construção de moradia e investimentos em sua parcela, foi possível observar que, dentre as 85 famílias assentadas, existem diferenças entre os assentados, nem todos aparentam ter as mesmas condições financeiras. Aquelas famílias que possuem um recurso particular, não contando somente com a ajuda do governo, acabam também fazendo outros investimentos fora do que recebem do governo, gerando mais renda e produção. Percebemos que na comunidade existem algumas residências que já estão prontas e outras inacabadas, fator que nos leva a considerar que existe esta desigualdade. Possivelmente, as construções inacabadas são daqueles assentados que somente dispõem dos recursos financeiros repassados pelo governo, não possuindo outras fontes de investimento.

Em busca dos saberes e suas experiências começamos as nossas visitas ao assentamento e fomos bem recebidos pelos responsáveis, pais e jovens que contribuíram muito por meio de uma boa prosa. Destarte, os diálogos estabelecidos com esses sujeitos foram valorosos para compreender o modo de vida desses atores sociais, as relações de amizade e companheirismo entre eles, a interação entre pais e filhos e as relações entre amigos e vizinhos.

Observadas as moradias, percebemos que todas elas são de alvenaria e em conversas com os moradores eles disseram que algumas foram construídas em regime de mutirão. Quem não tinha condição de levantar a sua casa, recebia a ajuda dos outros companheiros, de modo que em pouco tempo a primeira etapa das construções estavam prontas.

De acordo com o Incra, até o ano de 2010 foi investido pelo governo federal no Assentamento Olga Benário de Ipameri “um valor total de R\$ 546 mil<sup>18</sup>” na construção de moradias. Outro dado que chama a atenção e que se encontra disponível no *site* do Incra é que dentro do assentamento em todas as parcelas existe energia elétrica. Os assentados foram beneficiados através do Programa Luz para Todos<sup>19</sup>, e, segundo o Incra, neste caso: “foram investidos R\$ 785 mil para instalar energia elétrica no assentamento.” Os recursos para a implantação de energia elétrica nessa comunidade vieram do Ministério de Minas e Energia.

O fato da energia elétrica se fazer presente em todas as parcelas contribui melhorando a qualidade de vida dos assentados e é muito importante na visão dos jovens, pois possibilita a eles terem em casa eletroeletrônicos como os jovens da cidade: geladeira, TV, aparelhos de som

---

<sup>18</sup> Acesso em 13/01/2020.

<sup>19</sup> O Luz Para Todos é uma ação do Ministério de Minas e Energia, operacionalizado em Goiás por Furnas e executado pela Celg. Um comitê gestor integrado por várias entidades e órgãos públicos define o cronograma de obras no estado de Goiás. Acesso em 16/10/2019.  
<http://www.incra.gov.br/assentados-de-ipameri-go-comemoram-construcao-de-casas-e-chegada-da-energia-eletrica>

e o que eles mais gostam - acesso à internet, embora em nem todos os lugares do assentamento seja possível terem este acesso devido ao sinal de internet ser muito fraco, mas sempre dão um jeitinho se deslocando até áreas mais altas para a captura de sinal.

Lembramos que antes da aplicação do questionário sociocultural foi realizado reconhecimento do campo de pesquisa, com o intuito de conhecer melhor o terreno em que estávamos pisando. Este era um campo de pesquisa a ser explorado e, por isso mesmo, não tínhamos a dimensão de para onde a pesquisa poderia nos levar. Entrar nesse mundo em busca de respostas era um desafio.

Um dos nossos informantes dentro do assentamento é o Senhor José Carlos, que, além de ser assentado, é também o agente de saúde responsável por visitar os demais moradores verificando as condições sanitárias e de saúde nesta comunidade, alertando para as vacinações, aferindo a pressão dos companheiros, etc., trabalho que exige dele conhecer todas as famílias residentes nesta localidade. O Sr. José Carlos foi fundamental para nos aproximarmos das famílias e dos jovens do assentamento.

De acordo com as informações a nós repassadas por este informante, no assentamento existe uma quantidade “razoável de jovens, meninos e meninas”, que o Sr. José Carlos afirma conhecer bem: *“conheço todo mundo que mora aqui no Assentamento, tim tim por tim tim”* (Caderno de campo, 2019). Por conhecer todos os residentes do Olga Benário, o Senhor José Carlos tornou-se um informante em potencial para nós, passando, por exemplo, informações de onde encontrar os jovens, qual o melhor horário e quem se encontrava ou estava ausente em determinados momentos. Perguntamos a ele se tinha um levantamento de quantos jovens residem no assentamento, ele disse que tem cerca de 25 a 30 jovens na faixa etária de 15 e 29 anos. No entanto, com um olhar mais apurado, observamos que alguns jovens constam como residentes do assentamento, mas ficam a maior parte na zona urbana.

Ainda de acordo com o nosso informante, essa quantidade de jovens no assentamento pode variar para mais ou para menos, uma vez que os jovens migram em busca de trabalho fora do assentamento ou mudam para a cidade para ficar mais fácil de estudar. Diante desta situação, conseguimos manter contato com 17 jovens, embora soubéssemos da existência de mais, em nossas visitas não encontrávamos esses sujeitos. Essa foi uma dificuldade que tivemos durante os nossos trabalhos.

Dos 17 jovens que encontramos no assentamento todos se dispuseram a participar da pesquisa, sendo entregue a estes os questionários, no entanto, registramos que dois desses jovens não foram encontrados para a devolução dos mesmos. Assim sendo, dos 15 jovens que

responderam, 4 foram selecionados para a realização das entrevistas semiestruturadas, sendo 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, e 1 dos meninos conta com a experiência de ser casado.

Levantamos informações básicas sobre a vida escolar destes jovens, como, por exemplo, o tempo gasto no trajeto de suas casas até a escola e o tipo de transporte utilizado por eles. Conhecer essa juventude a partir da sua origem nos abriu uma possibilidade para descobrir, por exemplo, qual tema de interesse que pretendiam ou gostariam de estudar na escola. Em nosso questionário também foram abordados assuntos sobre a desistência e a repetência escolar entre esta juventude. A nossa intenção foi identificar se os jovens param de estudar ou desistem da escola e se isso acontece e quais são os motivos.

Outro eixo explorado diz respeito à relação dos jovens com os saberes e a experiência que a eles é transmitida. Nessa linha de pensamento, as questões foram elaboradas com o sentido de identificar os saberes adquiridos no seio familiar e na comunidade e como estes jovens utilizam destes saberes.

O lazer, tão importante como os outros temas propostos, foi abordado entre os eixos temáticos com o intuito de compreender o que estes jovens gostam de fazer em seu tempo livre, os diferentes tipos de diversão de que participam no assentamento e/ou na cidade. Nesse contexto, abordamos não só o meio rural, mas também o urbano, uma vez que o assentamento se localiza muito perto da cidade facilitando a esses sujeitos estarem nos dois ambientes: campo/cidade, cidade/campo. Por esse aspecto achamos interessante investigar sobre o uso das novas tecnologias por parte desta juventude rural, como: computadores, celulares e internet.

Ao todo, no questionário sociocultural, trabalhamos com cinco eixos temáticos de investigação: os dados pessoais e familiares; os interesses dos jovens; a vida escolar; a relação com os saberes e experiências; e, por último, a cultura e o acesso a serviços.

Ao todo os cinco eixos abordam diversos assuntos de interesse para esta pesquisa. O intuito da aplicação deste questionário foi levantar informações que pudessem contribuir para ajudar a “traçar o perfil” dos jovens, buscando a identidade desses sujeitos, e também identificar as origens, as fontes de saberes e os saberes que os jovens possuem. No assentamento, encontramos os jovens e seus familiares, pessoas que integram o movimento social de Reforma Agrária. São pessoas de diversos Estados e regiões do país que trazem consigo hábitos e culturas diferentes que se encontram e se entrelaçam num mesmo ambiente, permitindo assim que esses jovens tenham contato com outros jovens, com histórias parecidas.

## 2.1 Caracterizando a juventude rural do Assentamento Olga Benário

Sem nenhuma pretensão de realizar um trabalho antropológico, mas utilizando técnicas da etnografia, fomos a campo em busca de respostas à nossa pergunta de pesquisa. De acordo com Geertz (1989, p. 4),

praticamos etnografia quando estabelecemos relações pessoais selecionando informantes, participantes, ouvindo, observando e registrando em caderno de campo o máximo de informações que irá contribuir posteriormente na análise dos dados obtidos e construção do texto.

Nesse sentido, partimos em busca dos dados para a caracterização da juventude rural presente no assentamento Olga Benário de Ipameri.

Desenvolvemos um trabalho de aproximação e observação com esta comunidade utilizando um olhar de pesquisadores, procurando aquilo que se encontrava oculto, sem chamar a atenção. Desta feita, entendemos que o olhar e o ouvir do pesquisador se complementam no trabalho de campo, em contato direto com os sujeitos e no ambiente de pesquisa. De acordo com Oliveira (1996, p. 16), é “certamente no Olhar que essa refração pode ser bem mais compreendida”, o autor explica como “refração” aquilo que foi observado e registrado, o que colabora para refletir o mais próximo da realidade. Também lançamos mão do ouvir, que é tão importante quanto o olhar. O ouvir foi fundamental para a caracterização desta juventude rural, pois, por meio das entrevistas, registramos as falas, as histórias e as diversas situações vividas por estes atores sociais que contribuíram de forma direta para conhecermos a cultura deste povo. Ao conhecermos a cultura do outro, damos mais valor a ela, pois a cultura possibilita identificar a identidade de um povo. Segundo Geertz (1989, p. 24), “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos. Ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível”. Ouvir, observar e, de certo modo, conviver através das nossas incursões com estes jovens nos favoreceu conhecer melhor a cultura dessa gente, dessa comunidade rural. Segundo Alves e Belo (2018, p. 61), “a valorizações das culturas locais são fundamentais na construção das identidades dos sujeitos”.

Na sequência, apresentamos cinco pontos, os quais julgamos fundamentais no processo de delineamento dos jovens do Assentamento Olga Benário de Ipameri.

Em primeiro lugar, são jovens rurais e assentados; são meninos e meninas que se encontram na faixa etária entre 15 e 29 anos. Ao observarmos essa juventude podemos dizer que alguns aspectos aproximam esses jovens uns dos outros, como a familiaridade com os

saberes agrícolas, pecuários, ecológicos, domésticos e populares. Ao mesmo tempo, verificamos que por morarem muito longe uns dos outros (são 85 parcelas distribuídas em 4.322 hectares), isso colabora para o distanciamento dos jovens, dificultando o encontro entre eles. São jovens que geralmente integram a agricultura familiar.

Outra característica comum entre estes jovens é o preconceito que enfrentam na relação com a cidade. Segundo eles, o preconceito ainda é muito forte contra os “sem-terra”, maneira como são conhecidos na cidade, condição que gera vergonha, causando transtornos em algumas situações.

Ao empregar o método de cunho etnográfico, foi possível percebermos entre a juventude pesquisada do Olga Benário alguns fatores que unem esses jovens. Por serem moradores do assentamento se reúnem de vez em quando e tratam de assuntos relacionados ao local onde moram, falam de festas que podem ser organizadas, etc.

Dos 15 jovens que responderam ao questionário sociocultural quanto à cor/raça, 8 marcaram que são pardos, 5 brancos, 1 amarelo e 1 preto. Somados, pardos e pretos chegam a um total de 9 jovens, o que representa mais da metade dos jovens, o que vem ao encontro dos dados divulgados pelo IBGE em 2015 sobre a população brasileira quanto à cor/raça ser da ordem de 53,92%.

Durante as nossas visitas realizadas ao assentamento, percebemos que a questão financeira estava sempre presente nas conversas dos moradores desta comunidade, essa mesma preocupação também foi detectada nas narrativas dos jovens. Tanto os jovens, quanto os seus pais reclamavam da falta de recursos financeiros para implementar a produção ou colocar em prática alguns projetos. Assim, a questão econômica parece ser um dos principais problemas a serem resolvidos entre esses atores sociais. De acordo com Pereira (2016, p. 53): “Em sua maioria esses atores sobrevivem da renda oriunda do que é produzido na parcela”. O problema é que a produção deles nem sempre é satisfatória, o que causa certa apreensão a esses trabalhadores e trabalhadoras do campo quando se trata da renda familiar.

Ao serem questionados sobre a renda familiar, 10 jovens afirmaram que a renda está entre 1 e 2 salários mínimos; 2 disseram que a renda é de até 1 salário mínimo, outros 2 responderam que a renda familiar está entre 2 e 3 salários mínimos e 1 não soube ou não quis responder. Esses números revelam a predominância de baixa renda entre as famílias assentadas. Nesse sentido, os recursos se tornam escassos e o que reverbera nas dificuldades em investir nas parcelas recebidas, supostamente causando desânimo entre os jovens do assentamento Olga Benário. Os dados coletados junto a esta comunidade constataam as dificuldades financeiras que algumas famílias assentadas passam.

Temos ciência de que a renda informada pode não corresponder à renda real, pois nem sempre os jovens detêm informações precisas sobre este aspecto familiar ou ainda podem ter medo de revelar o real faturamento do rendimento da família e isso gerar problemas à família, dificultando acesso a possíveis financiamentos ofertadas pelo Governo Federal em que as famílias assentadas podem ter direitos. Por exemplo, o Pronaf – Programa Nacional da Agricultura Familiar, que atende os agricultores em cinco grupos. De acordo com Do Carmo (2018, p. 42):

A forma de liberação dos recursos pelos agentes financeiros, que preferem atender aos agricultores já estabilizados por apresentarem garantias de pagamento dos financiamentos, está na base desse forte direcionamento do crédito ao grupo já mais capitalizado. Assim, os agricultores menos capitalizados (grupos A e A/C), aqueles que realmente necessitam dos recursos públicos não encontram as mesmas facilidades de financiamentos que os demais grupos, conseqüentemente, os benefícios concentram-se entre os agricultores dos grupos C, D e E. A medida adotada (disponibilização de créditos) não atende as expectativas dos assentados rurais devido à reduzida quantidade de recursos ofertada entre os agricultores familiares, em conseqüência de não conseguirem oferecer as garantias exigidas pelas instituições financeiras.

Os trabalhadores assentados enquadram-se no primeiro grupo daí a dificuldade em conseguir o financiamento, o que às vezes causa desânimo à famílias assentadas e conseqüentemente atinge os jovens. A segunda hipótese a ser levantada é que realmente os jovens não têm acesso à renda familiar de fato, porque geralmente o dinheiro que entra com a venda dos produtos, fruto do trabalho familiar, fica concentrado com o pai e não é compartilhado com os filhos.

## **2.2 Escolarização dos jovens**

Buscamos, inicialmente, informações quanto à escolaridade dos pais dos jovens até mesmo para saber qual era a relação dos pais com os filhos no tocante à educação ou à realização de tarefas escolares. Segundo os dados obtidos juntos aos filhos dos assentados, o pai é o que apresenta um menor índice de escolaridade. Dos 15 jovens que responderam ao questionamento, 10 disseram que o pai estudou só até a quarta série do ensino fundamental, 1 tem o ensino fundamental incompleto, 1 tem o ensino fundamental completo, 1 tem o ensino médio incompleto e 2 jovens admitiram que os pais nunca estudaram. De acordo com dados, essa é a situação encontrada dentro do assentamento em que os pais apresentam baixo índice de escolaridade e ainda temos pessoas analfabetas.

Quando feita a mesma pergunta para as mães encontramos a seguinte situação: 3 estudaram até a quarta série do ensino fundamental, que, de acordo com o MEC, hoje seria o quinto ano. Outras 3 têm o ensino fundamental incompleto, 4 delas possuem o ensino fundamental completo, 2 possuem o ensino médio incompleto e 3 têm o ensino médio completo. Percebemos que as mães apresentam um grau de escolaridade maior que os pais. Um detalhe positivo entre as mães é que nenhuma, segundo os jovens, é analfabeta. O baixo índice de escolaridade encontrado dentro do assentamento sugere que os filhos não podem contar com os pais na hora de realizarem as tarefas escolares que trazem para casa, pelo contrário, são os filhos que às vezes ensinam aos pais a resolverem algumas questões ligadas à matemática e à leitura.

De acordo com os dados obtidos nesse mesmo item - educação, nenhum dos assentados, pai ou mãe, conforme seus os filhos, chegou a ingressar em uma faculdade. Diante disso, deduzimos que a possibilidade de ingresso na faculdade estará a cargo dos filhos, pois os mesmos recebem apoio familiar para que possam realizar o que os pais não conseguiram, *estudar*. Em diálogos com os pais dos jovens durante a pesquisa de campo eles relataram que era muito difícil estudar, e tiveram que abandonar os estudos pela necessidade de trabalhar e ajudar em casa. Todavia, as famílias reconhecem a importância e a necessidade dos estudos. Para a mãe de um jovem, ela não pode dar nada ao filho, mas pode incentivá-lo a estudar, porque “*o que ele aprende na escola ninguém vai tomar dele*”. (Caderno de campo). A valorização dos estudos por pais não escolarizados também foi encontrada por Alves (2013) com jovens rurais no interior de Minas Gerais. Segundo a autora:

O fato de os filhos estarem em um nível de escolaridade cuja maioria dos pais jamais cogitou chegar, requer dos pais – em boa parte dos casos das mães – estratégias de incentivo à escolarização que são pouco convencionais aos padrões urbanos pós-modernos que conhecemos. Nesse sentido, os castigos e os couros (surras) são muitas vezes a forma que essas mães encontram para demonstrar o valor que aferem aos estudos e estimular os filhos a continuarem estudando. (ALVES, 2013, p. 77)

Mesmo que os fatos narrados tenham ocorrido em lugares e tempos diferentes, (em Minas Gerais, 2013, e em Goiás, 2019), observamos que os dois casos refletem a mesma realidade encontrada junto às famílias que vivem no campo. Essas situações revelam que, apesar de os pais terem baixa escolaridade, em ambos os casos eles não querem que isso se repita com os seus filhos.

A realidade encontrada junto aos pais no Assentamento Olga Benário, em 2019, revelando a existência de analfabetismo, vem ao encontro dos dados da Pnad (Pesquisa

Nacional por Amostra de Domicílios) de 2009<sup>20</sup>, que revelaram que a taxa de analfabetismo das pessoas a partir dos 15 anos era predominante entre os homens, chegando a 9,8%, e entre as mulheres a 9,6%. A partir dos dados divulgados pelo IBGE 10 anos antes, percebemos que essa situação não mudou, inclusive, de acordo com a nossa pesquisa no Assentamento Olga Benário, foi possível encontrar situações similares: as mulheres apresentando um grau de escolaridade superior ao dos homens. Podemos considerar que os dados corroboram a tendência pesquisada pelo IBGE a nível nacional com divulgação em 2018. Os dados do IBGE mostram que as mulheres apresentam maior índice de escolarização no Ensino Médio, com 73,5%, ao contrário dos homens que têm um índice um pouco menor, 63,2%, sendo assim, a realidade mostra que as mulheres estudam mais do que os homens.

Passando à escolarização dos jovens, perguntamos sobre aprovação/reprovação e, seguindo a tendência apresentada pelo Inep, percebemos que os índices de reprovação entre os jovens do assentamento também são baixos. Apenas 4 jovens admitiram que já repetiram de ano escolar uma vez, e 11 responderam que nunca repetiram.

Tabela 1 - Taxas de rendimento escolar nos ensinos fundamental e médio, Brasil 2014-2018

<b>Taxas de rendimento escolar nos ensinos fundamental e médio – Brasil 2014-2018</b>									
<b>Ano</b>	<b>Ensino fundamental</b>						<b>Ensino médio</b>		
	<b>Anos iniciais</b>			<b>Anos finais</b>			<b>Aprovação</b>	<b>Reprovação</b>	<b>Abandono</b>
	<b>Aprovação</b>	<b>Reprovação</b>	<b>Abandono</b>	<b>Aprovação</b>	<b>Reprovação</b>	<b>Abando</b>			
2014	92,7	6,2	1,1	84,8	11,7	3,5	80,3	12,1	7,6
2015	93,2	5,8	1,0	85,7	11,1	3,2	81,7	11,5	6,8
2016	93,2	5,9	0,9	85,6	11,4	3,0	81,5	11,9	6,6
2017	94,0	5,2	0,8	87,1	10,1	2,8	83,1	10,8	6,1
2018	94,2	5,1	0,7	88,1	9,5	2,4	83,4	10,5	6,1

Fonte: Inep (2018).

Um dos grandes problemas da educação no Brasil diz respeito à evasão escolar. Segundo o Inep (2018)<sup>21</sup>, os dados revelam que 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do Ensino Médio, respectivamente, evadiram da escola de acordo com o Censo Escolar entre os anos de 2014 e 2015. O 9º ano do ensino fundamental tem a terceira maior taxa de evasão, 7,7%, seguido pela 3ª série do ensino médio, com 6,8%. Considerando todas as séries do ensino

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.ufjf.br/ladem/files/2010/09/PNAD-20092.pdf> Acesso: 18/07/2019.

<sup>21</sup> [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206) Acesso em 23/12/2019

médio, a evasão chega a 11,2% do total de alunos nessa etapa de ensino. Nessa mesma temática educacional foi perguntado aos jovens se eles já haviam parado de estudar, e, se sim, quais foram os motivos que os levaram a interromper os estudos. Mais da metade dos jovens que participaram da pesquisa, ou seja, 8 deles afirmaram que nunca deixaram os estudos.

Dos jovens que pararam de estudar 2 disseram ter sido por motivo de trabalho, 1 disse que esteve ligado à doença/morte na família, 1 respondeu que foi a má conservação das estradas que o levou a interromper os estudos, outros 2 disseram que o motivo foi por mudança de cidade e 1 deles não respondeu ou não quis revelar o seu motivo. Mesmo estes 7 jovens tendo admitido que já interromperam os estudos, no momento, apenas 1 está fora da sala de aula. Dos itens apontados como motivos para terem parado de estudar, dois chamaram a atenção que foram: por trabalho e mudança de cidade. No primeiro caso, a questão trabalho pode estar ligada às condições econômicas dos jovens e de seus familiares, uma vez que os jovens veem no trabalho uma opção de poderem melhorar a renda, tornando-se mais independentes dos pais ou responsáveis. Com relação à mudança de cidade, a hipótese que levantamos está ligada às constantes mudanças dos seus pais ou responsáveis, que antes de serem assentados viviam em acampamentos e mudavam muito de cidade. Este fenômeno também foi registrado por Firmino em (2013).

O assentado disse que esteve sessenta dias no acampamento João do Vale no município de Caldas Novas, perto da ponte do Rio Corumbá, com a companheira e os dois filhos. Após aquele período a companheira dele foi para a cidade (Caldas Novas) para que os filhos pudessem estudar, pois, onde eles estavam acampados não tinha escola. O assentado disse “[...] gente tinha que tá saindo... tava sempre se movendo de um lugar, indo para outro” (FIRMINO, 2013, p. 112, grifos do autor).

Ainda sobre a vida escolar dos jovens do Assentamento Olga Benário, perguntamos sobre as demandas escolares e o que consideravam como temas de preferência para estudo. Os temas agricultura familiar e trabalho/renda apareceram com mais destaque. Em relação à agricultura familiar, consideramos normal até mesmo porque estes jovens vivem num ambiente de agricultura familiar e poder entender mais sobre o tema iria ajudá-los no processo de produção e comercialização dos produtos na cidade e no futuro também poderão ser herdeiros desta terra e, por isso, precisam entender melhor desta área. A parcela que pertence à família no futuro poderá ser herdada pelos jovens, talvez esteja aí um dos motivos pelos quais eles querem estudar mais sobre o assunto. De acordo com Weisheimer (2015), “Os jovens ao mesmo tempo são herdeiros e trabalhadores da unidade de produção familiar”. Conforme este autor, os jovens filhos de agricultores familiares poderão no futuro herdar a terra e se tornar proprietários, no caso dos jovens assentados poderão dar continuidade aos trabalhos na parcela que residem.

Outros Temas como democracia, meio ambiente e política pouco despertam interesse dos jovens desta comunidade rural. Quando falamos em democracia, estamos nos remetendo aos direitos participativos dos cidadãos em nossa sociedade. Segundo Bogo (2003, p. 77): “A democracia significa poder popular e não representação popular”. É esse poder popular que parece estar faltando entre os jovens ao mostrarem total desinteresse pelos assuntos relacionados à democracia e à política.

Somente através da educação é que podemos construir um futuro melhor, e a escola tem a função de instruir o cidadão em suas diferentes disciplinas. Quando falamos em escola, estamos pensando no ato de escrever, fazer contas e ler. Nesse sentido, Silva (1988) escreve:

O ato da leitura tem por princípio o conhecimento da palavra, sendo assim, o conceito de leitor pode ser visto como aquele que busca nas palavras do texto seja ele escrito ou visual, o significado correto de cada símbolo explícito e os combina com aqueles que se encontram de forma implícita, podendo assim compreender as ideias lidas. Sabemos que ler não é uma tarefa simples, uma vez que para tornar-se um leitor devemos partir do conceito que “leitura” vai além da decodificação e exige do leitor uma postura crítica, [...] vivenciadas na orientação da leitura, ressaltando que a interpretação, compreensão e a reflexão, são passos básicos para o desenvolvimento do senso crítico, que deve estar presente em cada leitor. (SILVA, 1988, p. 4-5)

Ler e escrever se constituem como um ato contínuo do cidadão e envolve desde os primeiros dias na escola. Segundo Rossi e Peres (2018, p. 73),

sabemos que o processo de alfabetização, principalmente dos alunos das camadas populares, tem enfrentado inúmeros problemas, sendo o principal deles, o fato de muitos alunos ao final de quatro ou mais anos na escola, não conseguirem ler e escrever com fluência.

Os problemas citados pelas autoras infelizmente continuam da educação básica até o terceiro ano do ensino médio.

Segundo Rossi e Perez (2012, p. 81), “Se nos anos de 1950, o Censo identificava como alfabetizado o indivíduo que conseguia ler um bilhete simples, já nos anos 2000 reconhece-se como alfabetizado aquele que consegue dominar a leitura e a escrita em seus usos cotidianos’. Nessa perspectiva, podemos inferir que quem domina a escrita e a leitura possui os saberes escolares. Importante registrar que todos os 15 jovens que participaram desta pesquisa admitiram que têm estes saberes. Constatamos no questionário sociocultural respondido pelos jovens que estes saberes têm ajudado muito não só a eles, mas também os seus pais, pois, de certo modo, a maioria apresentam um baixo índice de escolaridade e os jovens demonstram justamente o contrário, inclusive com relatos de que ajudam os pais a fazerem as contas e a lerem também.

O ato de ler ajuda a descortinar mundos, e cabe ao educador incentivar os seus alunos o gosto pela leitura. O ato de ler é muito importante na formação do indivíduo, por isso, buscamos informações sobre este tema entre os jovens do assentamento. Perguntamos a eles qual foi a última vez que haviam lido um livro, dos 15 jovens respondentes, 9 disseram ter lido um livro nesta Semana; 2 responderam de 2 a 6 meses atrás; 1 admitiu que foi de 6 meses a 1 ano e 4 disseram que foi há mais de 1 ano. Com essa questão a ideia era identificar a relação do jovem com a leitura e o tempo que havia lido um livro.

A hipótese que levantamos aqui é que talvez esteja faltando incentivo para que estes jovens possam ler mais e com menor frequência. De acordo com Kleiman (1989, p.13): “Ler é construir significados, e quanto mais lemos, maior rede de sentidos podemos tecer”. Este saber literário é adquirido principalmente na escola e, a partir dele, vemos sentidos nas palavras.

Quando perguntamos se eles haviam lido um livro, na verdade, queríamos saber não um livro didático, mas um livro paradidático ou literário com temas transversais e que de certo modo possa contribuir para a formação do sujeito. O que esses dados nos revelam? Em primeiro lugar, merece destaque a quantidade de jovens que disseram ter lido um livro, esta quantidade pode estar relacionada aos jovens que estão frequentando regularmente a escola, sendo levados a ler mesmo que sejam livros didáticos, mas eles estão realizando uma leitura. Por outro lado, aqueles jovens que responderam que leram de dois a seis meses, acima de seis meses ou acima de um ano, hipoteticamente fazem parte de um grupo de jovens que não estão em sala de aula ou até mesmo jovens que estão estudando, mas, não se interessam pela leitura indicada, o que não é nenhuma novidade entre os jovens.

Diante do exposto, surge uma questão: Qual a importância de saber ler para estes jovens? Intrigados com essa situação encontrada junto a essa juventude rural, questionamos: Que tipo de leitura os professores das escolas que esses jovens frequentam têm indicado? Que proveito os jovens tiram dos livros indicados para leitura? São questões que ficam quando o assunto é leitura. Ressaltamos que nenhuma dessas questões levantadas aqui foram abordadas pelos jovens do assentamento durante o nosso trabalho de campo. A hipótese que podemos levantar é a seguinte: se os professores indicassem livros que estão mais relacionados com a realidade que eles vivem, o interesse poderia ser diferente.

### **2.3 As principais preocupações dos jovens do assentamento**

Às vezes, pensamos que por serem jovens não existem preocupações entre eles, engana-se quem tem esse pensamento, na verdade, os jovens se mostram apreensivos frente a alguns

temas apresentados a eles. Devemos lembrar que o jovem é um indivíduo em formação, pronto para aprender coisas novas, novos saberes que eles podem encontrar no ambiente familiar ou em outros lugares com os quais se relacionam, como igreja, escola, grupos de amigos, etc. Assim, nossa intenção com esta questão foi tentar apreender as preocupações no sentido de pensar como elas se relacionam com a busca por novos saberes.

Várias são as questões que preocupam os jovens na atualidade, o que não é diferente da juventude rural do Assentamento Olga Benário de Ipameri. Diante desse dilema, perguntamos quais os três principais assuntos que eles consideravam mais preocupante. As respostas obtidas, por ordem, foram: em primeiro lugar apareceu emprego/profissão apontado por 12 jovens. A questão saúde foi a causa de preocupação apontada por 7 jovens, por último, 6 jovens disseram que a educação é algo que preocupa. No entanto, sabemos que a educação não é somente a que se adquire na escola, o indivíduo aprende mesmo fora do ambiente escolar. Segundo Brandão (2017, p. 6):

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser.

Na visão deste autor, a educação acontece em qualquer ambiente, por exemplo, na família, na comunidade, na igreja, entre os amigos, etc.

Diante das preocupações apontadas por estes jovens, identificamos a questão trabalho como preocupante entre esta juventude rural. De certo modo, este tema está ligado indiretamente à qualificação profissional e ao mundo do trabalho. Embora saibamos que a escola tem por objetivo oferecer conhecimentos e aspectos culturais, também sabemos que geralmente é através da educação que se abre portas para uma melhor qualificação profissional. Tal manifestação vai ao encontro do que explica Charlot (2014, p. 60): “Hoje em dia, cada vez mais se esquece da escola como lugar de saber e se pensa nela como caminho para o emprego”. Ao pesquisar a juventude rural de São Geraldo da Piedade em Minas Gerais, Alves (2013) contribui, nesse sentido, afirmando que “por um lado, esses jovens afirmam precisar estudar para ter um futuro melhor, por outro, muitos precisam trabalhar para viver o presente”. Essa é uma realidade também presente entre os jovens do Assentamento Olga Benário, evidenciando que a juventude desta comunidade vive os mesmos dilemas de outros jovens, como o que foi

mostrado por Alves (2013). Os jovens então vivem um dilema entre viver o presente e aproveitar a juventude ou se concentrar nas preocupações do futuro.

Assuntos como sexualidade, fome e miséria, drogas e eleições, que também estavam nesta questão, não foram apontados por nenhum dos jovens como preocupantes. Uma hipótese que levantamos é que os jovens têm vergonha de falar sobre o assunto (sexualidade), por outro lado, pode ser que o tema não seja preocupante, porque ele é discutido nas escolas, entre os próprios jovens, em alguns casos no seio familiar e nos meios de comunicação.

Quanto à questão relacionada à fome e à miséria presente nesta pergunta, deduzimos que estes jovens assentados no Olga Benário talvez não tenham sido privados de alimentos, ou não passaram por tais necessidades, como os seus pais, por exemplo, pois cresceram em um ambiente com fartura de alimentos, uma situação por vezes distinta daquela dos seus pais, que, em conversas e observações de campo, relataram terem passado fome durante a infância devido às dificuldades enfrentadas. Ainda assim, não deixa de ser estranho que esses jovens, que cresceram em meio a movimentos sociais do campo, não demonstrem preocupação com um tema tão sério, visto que, pelo terceiro ano consecutivo, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO)<sup>22</sup> registrou um aumento no número de pessoas passando fome no mundo, que subiu de 815 milhões de indivíduos, em 2016, para quase 821 milhões em 2017. Ainda de acordo com as estimativas da ONU das 108 milhões de pessoas que convivem diariamente com a fome no mundo, pelo menos 9 milhões estão no Brasil. No entanto, essa é uma situação bem diferente do que os jovens do assentamento Olga Benário passam, pois na condição de assentados hoje tanto os jovens como os seus pais não passam mais pela privação básica de alimentos, uma vez que as famílias assentadas têm a sua mesa os alimentos que eles mesmos produzem, e o que no passado era preocupação para os pais hoje isso não assombra essa juventude do campo. No entanto, entendemos que pelo fato de esses jovens viverem no campo, esta juventude não está imune aos problemas contemporâneos da sociedade.

#### **2.4 A relação do jovem com o saber**

Afinal, o que é aprender, como esses jovens aprendem e como se relacionam com que detêm, com os saberes que almejam e com os que precisam aprender? De acordo com Bernard Charlot (2001, p. 22):

---

<sup>22</sup> <https://nacoesunidas.org/fao-fome-aumenta-no-mundo-e-afeta-821-milhoes-de-pessoas/>

De fato, a relação com o saber é constituída de um conjunto de relações, do conjunto de relações que o indivíduo mantém com o fato de aprender, com o saber, com tal ou tal saber ou aprender. Essas relações variam de acordo com o tipo de saber, com as circunstâncias (inclusive com as institucionais).

Charlot fala de saberes no plural, entendendo que os jovens aprendem uma variedade de saberes em sua relação com os outros e nas instituições em que se fazem presentes como a escola e a família, por exemplo. Uma questão que esteve sempre presente em nossos questionamentos foi: Qual é a relação do jovem com o saber? Será que o meio em que vivem interfere nesse processo? Filho (2004, p. 129) entende que “A forma de vida camponesa mantém sua especificidade a partir da relação concreta com a produção da sua existência”, ou seja, o autor quer dizer que o indivíduo aprende a partir da relação dele com o meio e com as pessoas que fazem presença em sua vida.

Quando perguntados se estes jovens contribuíam com seus pais nas atividades diárias nas parcelas onde moram, todos os 15 participantes responderam que sim. Nesse sentido, percebemos a participação juvenil nas tarefas diárias onde vivem, ocorrendo uma divisão social do trabalho entre todos os membros da família, sendo que cada um desenvolve uma função e todos contribuem para o bom andamento dos serviços na parcela, o que certamente demanda dos jovens saberes aprendidos no seio da família, em muitos casos, ainda na tenra idade.

Foi perguntado com que idade eles começaram a ajudar os pais em casa ou na parcela. Dos 15 jovens, 9 disseram ter começado a trabalhar antes dos 13 anos, 3 disseram que foi com 13 anos, e os outros 3 admitiram que começaram a trabalhar depois de terem completado 15 anos. Deduzimos que o fato de os jovens terem começado a “ajudar” a família com pouca idade pode ser porque os pais percebem o trabalho como um valor a ser repassado aos filhos desde cedo, pois os jovens realizam tarefas simples dentro da divisão social do trabalho familiar e ainda, na visão dos pais, eles estão ensinando os filhos para a vida. Por vezes, ouvimos de alguns pais do assentamento um ditado popular que vem ao encontro dessa afirmação: “*O trabalho de criança é pouco, mas quem dispensa é louco*”. Sobre essa questão, Marim (2018) contribui dizendo:

Nas unidades agrícolas familiares, o trabalho de crianças sempre integrou estratégias de socialização das novas gerações e de complementação da força de trabalho nas atividades agrícolas e domésticas. Mesmo na contemporaneidade, agricultores familiares atribuem valor significativo ao trabalho das crianças, mas reconhecem a importância da educação escolar na formação das novas gerações. (MARIM, 2018, p. 52)

No meio rural, nas unidades de agricultura familiar essa situação é uma relação cultural que existe e que promove, de certo modo, a socialização e a interação entre os membros da família, dando importância a cada um. Ainda de acordo com Marim (2018, 51), “o trabalho

executado por crianças em unidades de agricultores familiares tem caráter de “ajuda”, cujos princípios são educação e socialização, se diferenciando legal e sociologicamente do trabalho assalariado”.

Ao realizar pequenas tarefas na divisão do trabalho familiar estes jovens passam por experiências que incorporam novos saberes, ampliando os que já possuem e foram adquiridos em outras oportunidades. Segundo Weisheimer (2015, p.38), “Através das práticas cotidianas do trabalho familiar – se realizam a formação e a capacitação dos jovens para se tornarem agricultores”. Mesmo que de forma inconsciente os saberes estão sendo repassados a eles para que possam, no futuro, saber fazer as tarefas que envolvem o meio rural. Estes dados coletados em nossa pesquisa vão ao encontro do que relatam Janata e Vendramini (2015, p. 129):

Todos os jovens entrevistados admitem ter “ajudado os pais nos serviços que envolvem o cuidado com o lote” desde pequenos, ainda antes da entrada na adolescência, mesmo que em tarefas simples e mais leves, do plantio à colheita. O mesmo acontece com as moças, sobretudo no âmbito doméstico, e também fora dele.

Tanto na fala das autoras quanto na nossa pesquisa percebemos que o trabalho faz parte da vida desses meninos e meninas desde muito cedo, consumindo não só suas energias, mas também o tempo que eles poderiam utilizar, por exemplo, para melhorar o desempenho escolar.

Por meio de nossas observações em campo, percebemos que os jovens rurais apresentam saberes típicos do meio rural, fruto das relações desses jovens no ambiente em que vivem. Dessa maneira, é possível detectar entre esses jovens os saberes rurais e os saberes do campo que eles apresentam. Na fala da Emmile isso fica claro quando ela revela o que sabe fazer e com quem aprendeu, percebemos que ela fala de saberes peculiares ao meio rural.

*Eu aprendi a fazer com a minha mãe farinha, polvilho, arrumar a casa, fazer comida. Com o meu pai eu aprendi a tirar leite, apartar o gado, ajudo ele a arrumar a cerca, essas coisas assim.*  
(Emmile, 18 anos)

Os saberes aqui apresentados por esta jovem revelam que o que ela aprendeu com a família pode ser chamado de saberes domésticos e saberes do campo. Porém, o que diz saber fazer é importante para ela e também para os seus pais. Estes conhecimentos dão a essa jovem uma independência dos pais com relação aos trabalhos na parcela. Isso quer dizer que se eles estiverem presentes ou não os serviços poderão ser feitos, pois ela possui estes saberes.

Nem sempre os pais estão presentes em casa, deixando os filhos sozinhos na parcela, o que dá a este sujeito a condição de colocar em prática o que aprendeu ou viu seus pais fazerem. Importante dizer que quando os jovens não estão na escola geralmente estão envolvidos com

alguma atividade no campo. Os pais ou responsáveis chamam os seus filhos para ajudarem nas tarefas em suas parcelas/lotês, momentos que servem para transmitir conhecimentos e saberes aos jovens. Nessa relação pai/filho/trabalho o saber é passado de pai para filho/a e serve para fortalecer o movimento social em que estão inseridos.

Ao fazerem parte de um assentamento rural, mesmo aqueles que chegaram por último no assentamento após adquirirem um lote através de compra, de certo modo são inseridos no grupo e são chamados a se envolverem com o movimento social, embora nem todos participem, mas nem por isso deixam de ser convidados para as reuniões. Segundo Brandão (2004, p. 51), “Em um movimento nunca se está só e nunca se fala para o vento, ainda que de vez em quando se berre para as pedras do deserto. Visto que estar em um movimento e é aprender a falar para, a falar em nome de, ou a falar entre pessoas”. Portanto, os jovens que fazem parte do Assentamento Olga Benário e seus familiares, juntos, fazem parte de um movimento social, e foi justamente através deste movimento que esses sujeitos chegaram até aqui e foram assentados.

À medida que estreitávamos os nossos relacionamentos com a juventude do assentamento, era possível notar que a rotina dos trabalhos no campo era sempre a mesma, ocorrendo uma repetição dos serviços. Nesse sentido, os jovens tinham a oportunidade de aprimorar os seus saberes adquirindo novas experiências através de trabalhos práticos sempre tendo uma oportunidade para aprender e aprimorar os conhecimentos. Como a nossa pesquisa estava em busca de identificar os saberes da juventude rural do Assentamento Olga Benário, pedimos aos jovens que apontassem o que eles sabiam fazer. Nesta questão, deixamos os jovens à vontade para assinalarem mais de um item, assim, eles marcaram praticamente todas as opções disponibilizadas no questionário, já que essa questão era livre para apontar quais os saberes eles dominavam.

Para uma melhor compreensão do que estamos falando agrupamos os saberes apontados pelos jovens em 6 categorias: saberes rurais, saberes domésticos, saberes populares e lazer, saber político, saber escolar e saber ecológico. Nessa perspectiva, Tardim (2012, p. 182) complementa que: “Nesses conhecimentos está implícita a exigência de habilidades, destrezas e competências do fazer prático direcionado para o alcance de soluções objetivas, o que proporciona constituir sujeitos com amplo desenvolvimento de suas capacidades e possibilidades humanas”. O quadro a seguir mostra os saberes apontados pelos jovens, que ajuntamos em categorias.

Tabela 2 - Categorias de saberes apontados pelos jovens do Olga Benário

Saberes Rurais	10	Apartar vaca
	4	Arar a terra
	7	Arriar cavalo
	2	Medidas agrícolas
	5	Roça
	7	Tirar leite/ordenhar
Saberes Domésticos	15	Cozinhar
	7	Fazer doces/quitandas
Saberes populares lazer	12	Andar de bicicleta
	8	Dirigir
	9	Pesca
Saber político	3	Política
Saber escolar	15	Escrever
Saber ecológico	11	Respeito ao meio ambiente

Fonte: dados da pesquisa.

A primeira categoria que apontamos diz respeito aos saberes que definimos como saberes rurais, os quais a maior parte dos jovens demonstram possuir. Segundo Cover e Cerioli (2015, p. 56), “Os filhos e filhas dos agricultores familiares e camponeses são inseridos nas atividades agrícolas desde cedo, sendo socializados numa vida de trabalho e contribuição coma família”. Possivelmente, por esse processo é que os jovens agregam mais saberes rurais, como eles mesmos apontam: apartar vacas, tirar leite e arriar cavalos. Inferimos que estes saberes são importantes para quem vive no campo. A ação de apartar vaca é o processo de separar o bezerro da vaca até que ela seja ordenhada, só depois que o bezerro é solto para poder mamar. Quando falamos em tirar leite/ordenhar este, é um trabalho que exige bastante conhecimento e experiência do indivíduo para realizar esta tarefa, caso contrário, o indivíduo que está tirando o leite não vai conseguir êxito na execução da tarefa, gerando prejuízo econômico com a redução da produção de leite.

Quanto aos saberes relativos à vida no campo, o que nos chama a atenção é que somente 2 jovens admitiram conhecer as medidas agrárias. Chamamos de medidas agrárias, por exemplo: o alqueire que em São Paulo mede 24.400 m<sup>2</sup> e em Goiás mede 48.400 m<sup>2</sup>, por essa divergência de medidas e as dificuldades em mensurar áreas rurais e, para haver uma

padronização de medidas, foi adotada o hectare que mede 10.000 m<sup>2</sup>; uma arroba que equivale a 15 kg; a légua 6 km de comprimento, etc.

A outra categoria que apresentamos são os saberes domésticos, como saber cozinhar, o qual todos os 15 jovens participantes da pesquisa admitiram ter. Outros 7 jovens disseram possuir outros saberes domésticos, como saber fazer doces e quitandas. Deduzimos que estes saberes são essenciais à vida desses jovens, uma vez que nem sempre os pais ou responsáveis estão presentes devido aos afazeres fora de casa e, nesse caso, os jovens aprendem pela necessidade.

Agrupamos em outra categoria os saberes que denominamos populares. Consideramos, por exemplo, o andar de bicicleta e a ação de pescar como saberes populares, atividades que o indivíduo aprende com os outros, não necessitando ir à escola. Dos saberes que denominamos como populares saber pescar foi apontado por 9 jovens. Este saber, além de ser uma diversão, traz o pescado, que serve como fonte de alimento para as famílias.

Além desses, também perguntamos aos jovens sobre saberes relativos à cidadania e à política, uma vez que esses saberes fazem parte da vida em sociedade e, no caso dessas famílias que participaram de um movimento social, só pelo ato já estão praticando política. Segundo Caldart (2012, p. 17), “compreender as dimensões da luta política na sociedade brasileira contemporânea é encarar a crueldade dos limites e das potencialidades que a luta pelos direitos humanos nos revela”. Esse é um saber que emerge na luta dos povos que integram os acampamentos e assentamentos rurais.

A quarta categoria que apontamos é o saber político, que julgávamos ser importante para os jovens assentados, mas não foi isso que a pesquisa demonstrou. Apenas 3 jovens mostraram interesse pelo assunto, resultado que nos surpreendeu, mesmo porque esses jovens cresceram em um ambiente de lutas sociais, um campo político em que os pais ou responsáveis no movimento social lutavam pelo direito à terra, desenvolvendo uma política contra o latifundiário no Brasil.

Na quinta categoria citamos os saberes escolares, embora no questionário tenha sido apresentado “escrever”, por outras respostas do mesmo questionário sociocultural percebemos como saberes escolares presentes nesta juventude rural: ler, fazer contas, interpretar textos aprendidos em várias disciplinas como: português, geografia, filosofia, sociologia, história, etc.

E, finalmente, trazemos o saber ecológico pelo qual os jovens admitem se interessar, que acham necessário para a conservação ambiental, mas explicam que muito pouco é feito dentro do assentamento. Sobre esse assunto, Bárbara contribui dizendo que a sua família tem feito um pouquinho:

*Fazendo o reflorestamento também em torno das minas. Igual aqui em casa tem duas minas (nascentes), minha mãe sempre que pode ela vai lá e planta alguma árvore, porque é muito bom você fazer esse reflorestamento em volta. (Bárbara, 19 anos)*

Percebemos que esta jovem cita o saber ecológico por meio da preservação das nascentes com a ação realizada pela mãe, mas ela mesmo não fala que participou desse processo. Entre os vários saberes aludidos por esses sujeitos nesta pesquisa, por grau de importância, foram, em primeiro lugar, o saber cozinhar e ler/escrever, conhecimentos imprescindíveis para a sobrevivência desses indivíduos, e, posteriormente, saber andar de bicicleta e cuidar do com meio ambiente. A hipótese que levantamos é que os jovens do assentamento acham necessários esses saberes, acreditamos até mesmo para que possam desempenhar as funções a eles atribuídas e assim contribuir com os pais na lida diária da parcela.

## **2.5 Juventude e o saber da experiência**

A experiência é outra categoria de análise desta pesquisa, pois ela é adquirida com os pais e outras pessoas, diante disso objetivamos compreender as experiências pelas quais os jovens têm passado e o que têm aprendido com elas. De acordo com Larrosa (2002, p. 27, grifos do autor):

Durante séculos, o saber humano havia sido entendido como um *páthei máthos*, como uma aprendizagem no e pelo padecer, no e por aquilo que nos acontece. Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.

Destarte, indagamos: qual a importância da experiência para os jovens do Assentamento Olga Benário no momento da realização de tarefas? Nesse sentido, Larrosa (2002, p. 19) afirma que: “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”, ou seja, de acordo com este autor, é impossível haver uma separação entre saber e experiência. Nessa mesma perspectiva, Vendramini (2005) esclarece que:

A formação ou a experiência humana apresentam-se como elementos centrais para pensar a organização da vida social de forma ampla, sem perder de vista a especificidade das inúmeras experiências coletivas que vêm se constituindo diante da crescente impossibilidade de produção e reprodução humana através do trabalho. (VENDRAMINI, 2005, p. 75)

Sem perder de vista o objetivo da nossa pesquisa, que é o saber da juventude, também nos apoiamos na experiência para melhor entender o que se passa entre os jovens da comunidade pesquisada. Mesmo esse espaço sendo um terreno de contradições, percebemos que os jovens dão sentido ao que sabem fazer através da experiência colocada em prática. “O espaço do assentamento é um espaço contraditório em si, ao construir experiências inovadoras na sua base material num mundo que reproduz as velhas relações de produção. Portanto, é nesse movimento, entre conflitos e disputas, que as pessoas se educam.” (VENDRAMINI, 2005). Na visão da autora, as pessoas crescem, aprendem e ganham experiência por meio desse processo educativo. Não estamos falando de educação formal, aquela que se aprende na escola, mas de uma educação informal, empírica, em que eles aprendem uns com os outros. Segundo Mascarenhas (2004, p. 17), “Educar e educar-se vai depender de como os homens constroem suas relações”, ou seja, nesta relação temos quem ensina e quem aprende e vice e versa.

Ao serem perguntados sobre onde mais adquirem experiência do que sabem fazer, novamente a família apareceu com destaque entre esses sujeitos. Entre os respondentes, 12 apontaram a família, 2 disseram que é na escola e 1 com os amigos da mesma idade. Essa é a tendência que se observa nas respostas dos jovens do Assentamento Olga Benário em Ipameri, a família sendo apontada constantemente como fonte de saber.

Os dados obtidos nesta pesquisa evidenciam essa tendência de saberes, conhecimentos e experiências entre os jovens deste lugar, neste caso, inferimos que ocorre uma interação entre gerações, nesse lugar estão crescendo. O lugar é visto como um espaço que envolve o ambiente que estão ocupando, sua história, cultura, elementos naturais e culturais, vegetação e outros elementos (ALMEIDA, 2012). Assim, entendemos que neste lugar os jovens afirmam uma identidade que traz forte a presença da família, do movimento social e da cultura estabelecida no meio desta comunidade.

Também pedimos aos jovens que apontassem o local onde eles mais adquiriam conhecimento, e, embora esta questão tenha sido colocada no singular para que eles marcassem apenas uma opção, alguns marcaram mais de uma. Aproveitando as informações por eles passadas, resolvemos aceitá-las, por esse motivo o resultado a seguir refere-se ao total de 15 jovens por item apresentado. Em primeiro lugar apareceu novamente a família sendo apontada por 10 jovens; na sequência, a escola com 9 opções e, em terceiro lugar, a igreja foi a preferida por 1 jovem.

Os dados acima reforçaram para nós a importância da família para a juventude rural deste assentamento. Por mais uma vez prevaleceu o grupo familiar como fonte de saber e

conhecimento, embora entendamos que só a família não é suficiente para o construto do saber entre os jovens. Nesse sentido, Bogo (2003, p. 188) afirma que “As pessoas participam do grupo de família, sendo sua primeira referência. Aos poucos, sentem necessidade de participação de outros grupos que se articulam em torno de necessidades, como igreja, o sindicato, o partido político, etc.”. A fala deste autor vem ao encontro dos dados desta pesquisa, uma vez que os jovens apontaram, por exemplo, a escola como outro local onde adquirem conhecimentos fora do âmbito familiar. Portanto, notamos que à medida que a pesquisa avançava o núcleo familiar ganhava cada vez mais importância junto aos jovens.

## **2.6 No lazer também há saber**

O lazer é fundamental na vida de qualquer indivíduo, por meio desta atividade ocorre um processo de socialização entre as pessoas envolvidas, o que contribui para o desenvolvimento social e cultural de quem se dispõe a praticá-lo. A busca por momentos de lazer acontece naturalmente entre os jovens, servindo para que possa haver uma interação de uns com os outros, diversão e trocas de saberes entre eles.

Para entender melhor a juventude rural do Assentamento Olga Benário e o que se passa entre eles, pedimos que apontassem o tipo de lazer a que têm acesso dentro do assentamento. Novamente nesta questão os jovens podiam assinalar mais de uma opção. Para cada item apresentado nos dados a seguir, temos que levar em consideração o universo de 15 jovens. Assim, 10 entre 15 jovens apontaram tomar banho em córregos e cachoeiras; 7 apontaram os encontros religiosos; 6 as cavalgadas, 4 disseram que o melhor lazer são as festas dentro da comunidade e 3 responderam que é jogar bola com os amigos. De certo modo, encontramos nesta questão as raízes culturais destes jovens, que se entrelaçam com as ações de lazer e ao mesmo tempo estão relacionadas com o ambiente em que vivem.

Os quatro primeiros itens apontados pelos jovens como local de lazer dentro do assentamento tratam de uma forma de lazer coletivo. Por exemplo, as cavalgadas e os encontros religiosos reúnem jovens e adultos numa mesma ação que, além de divertir, possibilita uma troca de saberes entre os participantes. Quando é realizada uma cavalgada, os mais experientes ensinam outras pessoas como montar a cavalo, arriar o animal, fazer com que a sua montaria não fique pulando, correndo, mas sim trotando, realizando de fato um passeio com os animais. Com relação às cavalgadas, este tipo de lazer está ligado diretamente às tradições do campo e também ao trabalho.

Notem que o mesmo animal que é usado para o trabalho durante a semana também serve para divertir. É pelos mesmos caminhos e trilhas que eles usam para ir à escola, à cidade, para o escoamento da produção, que realizam essas cavalgadas que geralmente ocorrem dentro do próprio assentamento.

Dentro do assentamento ocorrem as rezas nos encontros religiosos que acontecem nas casas dos assentados. Nestes encontros é transmitido o saber religioso para a juventude, uma vez que alguns jovens da comunidade participam desses encontros, geralmente com toda a família. Eles rezam o terço, entoam cânticos que falam de fé, amor e esperança. Geralmente após a parte religiosa são servidos doces, biscoitos, bolos, café, etc. Além de fortalecer a união entre os assentados esses encontros religiosos também servem para trocar informações entre eles. Falam da produção, das dificuldades que estão enfrentando, da comercialização dos produtos nas feiras, etc.

Quanto ao lazer fora do assentamento buscamos identificar o que os jovens tinham como local de lazer ou frequentavam na cidade. Pedimos que os jovens apontassem pelo menos três opções de lazer a que podiam ter acesso na zona urbana de Ipameri. Neste item os jovens apontaram, em sua maioria, feiras, festa de rodeio e festas religiosas como sendo os locais preferidos para diversão, além dos bares e da prática de esportes, das *lan house*, das academias de ginásticas, dos shows musicais e também das livrarias. Seguindo a tendência da questão anterior, os jovens mostraram se sentir mais à vontade em se divertir quando se trata do lazer coletivo. Outro ponto interessante a se observar é que os principais entretenimentos apontados pelos jovens na zona urbana, de certo modo, têm uma ligação com o campo, o lugar de onde eles vêm.

Perguntamos aos jovens o que eles faziam no tempo livre dando-lhes a oportunidade de marcarem mais de uma opção nesta pergunta. Do total de participantes desta pesquisa, 10 marcaram que assistem TV; em segundo lugar, 9 jovens marcaram descanso e uso do celular, na sequência, 7 optaram por Ler/Passear. Nesta questão havia outras opções como: estudo, namoro, jogos eletrônicos, uso do computador e jogos de cartas

Engana-se quem pensa que lazer é só para descansar, essas atividades das quais o indivíduo participa dá a ele um aprendizado. O gosto por assistir TV leva o jovem a aprender sobre o mundo através dos telejornais que informam o que acontece em sua cidade, no país e no mundo. Por meio dos jogos de cartas ele aprende estratégias que poderão ser usadas no seu dia a dia. Com os jogos eletrônicos desenvolvem habilidades de percepção de objetos em um determinado local. Esses são alguns saberes que são agregados quando se pratica um lazer.

## 2.7 O saber que vem com as novas tecnologias

E inegável que estamos vivendo a “era das novas tecnologias”, e esse saber tecnológico está presente em nossas vidas, todos nós, de certo modo, dependemos dos novos aparelhos e das novas tecnologias produzidas pelo homem nesse mundo contemporâneo. Diante dessa situação, encontramos os analfabetos digitais (são aqueles indivíduos que não sabem nada de computadores ou informática) em uma sociedade que está cada vez mais dependente da tecnologia em todos os âmbitos da vida social. As novas tecnologias têm provocado transformações no campo utilizando novos métodos de produção e maquinário cada vez mais eficiente no campo e computadorizados.

De acordo com Sales e Almeida, (2015, p. 267), “As transformações que ocorrem no campo têm possibilitado aos/às jovens que vivem em assentamentos rurais, construir percursos diferentes de seus pais”. Para as autoras, os pais dos jovens do campo, no passado, não tiveram acesso às mesmas facilidades tecnológicas que os jovens de hoje têm, como, por exemplo, as facilidades em comunicação através da internet. “Pensar o acesso desses jovens às novas tecnologias no campo e nós remeter a urbanização, a industrialização, a modernização da agricultura” (WANDERLEY, 2000, p. 89 apud SALES; ALMEIDA, 2015, p. 267). Um processo de desenvolvimento que vem ocorrendo nas últimas décadas.

Como os jovens do campo lidam com a informação cada vez mais rápida? Segundo Abramovay (2007, p. 205), “A rapidez nas mudanças cotidianas implica numa exigência: acompanhar os diversos e os novos saberes construídos em um tempo também diferente.” Nesse caso, o autor quer dizer que é exigido cada vez mais um indivíduo conectado com os novos meios de comunicação, e esse fator permite que o indivíduo tenha um contato maior com novos saberes que podem ser ou não adquiridos no ciberespaço. Nessa perspectiva, Sales e Almeida (2015, p. 268) argumentam que:

Através do ciberespaço<sup>23</sup> esses/as jovens do campo produzem formas diferenciadas de se comunicar, de trabalhar e se divertir, pois há várias pessoas conectadas ao mesmo tempo, dispostas a compartilhar dados pessoais, fotos, opiniões, desejos, sentimentos e conhecimento. Com isso o jovem do campo em seu espaço geográfico, conhece outras realidades sociais, ao atravessar fronteiras, compartilhar ideias.

No mundo contemporâneo com as novas tecnologias a internet está cada vez mais sendo necessária, embora nem todos consigam ter acesso à mesma por questões financeiras ou por

---

<sup>23</sup> Segundo Lévy (1999), o ciberespaço, denominado também como “rede”, é o novo meio de comunicação surgido da interconexão mundial de computadores.

não saberem utilizar, por exemplo, um computador. Segundo o IBGE (2017), “a Internet era utilizada em 74,9% dos domicílios brasileiros<sup>24</sup>, estando disseminada na maioria dos domicílios em todas as Grandes Regiões” e, ainda de acordo com esta pesquisa, “entre os domicílios localizados em área rural, também se destacou a indisponibilidade do serviço de internet na área rural (21,3%).” Outro dado que chama a atenção a nível nacional e com relação ao crescimento do uso da internet no campo é que “o acesso à Internet nos estabelecimentos agropecuários<sup>25</sup> cresceu 1.790,1%, passando de 75 mil, em 2006, para 1.425.323 produtores que declararam ter acesso em 2017.” Diante dessas informações, buscamos junto aos jovens do Assentamento Olga Benário sobre o uso dessas novas tecnologias como: computadores, celulares e internet.

Indagamos aos jovens sobre quem possuía computador em casa? Entre os respondentes, 9 disseram que sim e 6 responderam que não. Esses dados, em comparação com a porcentagem divulgada pelo IBGE, estão um pouco abaixo dos dados nacionais. Mas o fato de os jovens não terem computador em casa não é empecilho para que saibam usar o computador. O fato de ter menos computadores no campo não quer dizer que os jovens não têm acesso à internet.

Ao perguntarmos aos jovens do assentamento como era o acesso à internet, 13 deles declararam que acessam a rede mundial de computadores regularmente por telefone celular, computadores da escola ou *lan house*; enquanto 2 responderam que não possuem acesso à internet. Percebemos que a maioria destes jovens rurais está conectada com o mundo virtual, o que dá a eles um conhecimento de mundo para que possam colocar em prática onde vivem.

Em relação à questão anterior, que evidenciou a quantidade de aparelhos no assentamento, esse número não impede o jovem de acessar à internet, pois vimos que eles conseguem utilizando outros meios.

Na sequência, ao serem questionados ainda sobre o assunto internet, os dados revelam que, mesmo não tendo o computador em casa, esta juventude rural pode ter acesso à rede mundial de computadores utilizando, por exemplo, os computadores da escola, 11 disseram que frequentam *lan house* ou os computadores da escola, e 13 jovens no universo de 15 disseram que usam o celular para terem acesso à rede. Esses dados revelam que esses jovens estão conectados com esse mundo digital, tornando-se iguais aos demais jovens do Brasil.

---

<sup>24</sup> Para saber mais o assunto acesse: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens>

<sup>25</sup> Mais detalhes sobre o senso agropecuário do Brasil, acesse: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21905-censo-agro-2017-resultados-preliminares-mostram-queda-de-2-0-no-numero-de-estabelecimentos-e-alta-de-5-na-area-total>

Perguntamos também quem tinha aparelho celular e os dados foram os mesmos da questão anterior, ou seja, 13 possuem e 2 não.

Perguntamos qual a frequência de acesso à internet. Destes jovens, 10 responderam que acessam diariamente à internet e somente 2 disseram que acessam semanalmente; 1 deles disse que entra na internet várias vezes ao dia, enquanto 2 deixaram a resposta em branco. São jovens como os demais que fazem parte desta faixa etária da população que utilizam a rede de computadores em busca de informação, curiosidades, pesquisas e também das redes sociais. Talvez o que facilita esse processo é a proximidade do assentamento com a cidade, onde eles têm acesso à rede com mais facilidade em relação a onde moram. Por ocasião das nossas incursões ao assentamento, constatamos que o sinal da internet naquela região é fraco, no entanto, os jovens usam a criatividade para terem acesso à rede, subindo em árvores ou em lugares mais altos (morros) para conseguirem o sinal. Constatamos também que em algumas parcelas os assentados já colocaram antena de internet rural, o que facilita a comunicação.

Foi dada a oportunidade para que os jovens pudessem apontar até três assuntos que mais lhes interessavam e buscavam na internet, por ordem de importância, tivemos as seguintes porcentagens: em primeiro lugar vêm as redes sociais apontadas por 9 deles, seguindo uma tendência da juventude que busca nas redes sociais uma interação com outros jovens da mesma idade; em segundo lugar, 7 disseram que fazem pesquisas e consultas em *sites* de informação, esse resultado mostra que alguns jovens buscam um saber além das fronteiras e que pode ser aproveitados por eles, e, em terceiro lugar, 5 jovens disseram que usam a internet para baixar músicas/filmes.

Quando perguntados sobre a frequência do uso do celular, 7 entre 15 admitiram que usam todos os dias sem limites de horas, 4 falaram que acessam a internet todos os dias com limites de horas e mais à noite, depois que realizam as tarefas. E as redes sociais mais visitadas pelos jovens, por ordem, foram: 13 usam o WhatsApp; 12 Facebook e 7 utilizam o Instagram. Nesta questão, eles apontaram as três preferências, por esse motivo o resultado acima tem que ser visto de forma individual em relação ao total de 15 jovens participantes desta pesquisa.

Esses dados evidenciam que os jovens do assentamento demonstram ter uma gama de saberes que os conectam ao mundo virtual e às novas tecnologias. Eles transitam do rural para o urbano e do urbano para o rural, agregam saberes urbanos, escolares, mas também possuem os saberes do campo adquiridos junto aos seus pais e à comunidade em que vivem. Mesmo estes jovens apresentando saberes do campo não perdem a oportunidade de aprender em outros espaços, buscando novos saberes em outros lugares, em outras fontes, com outros jovens, outros

sujeitos. Neste sentido, Brandão (2012) nos provoca questionando a utilidade e a legitimidades desses saberes:

Diante da ameaça de uma sequência progressiva da “geração Z” – gerações de jovens “zapeiros” que sequer aguentam ouvir mais de uma música inteira ou – pior ainda – todo um bom filme ou um bom livro – talvez Rousseau, Beethoven ou, pelo menos, Edu Lobo e Dércio Marques, façam mais falta na vida e no saber da vida do que todo aprendizado funcional de um amontoado utilitário e fragmentado de informações travestidas de “tudo o que é necessário aprender”. (BRANDÃO, 2012, p. 49, grifos do autor)

As novas tecnologias são um desafio para os educadores contemporâneos, pois elas chamam mais a atenção do que aquilo que é ensinado nas salas de aula. E essa geração de “zapeiros” a que se refere Brandão (2012) contempla bem esse momento das novas tecnologias discutidas neste capítulo.

### **CAPÍTULO 03 – NO VAI E VEM DOS SABERES EU APRENDO, ELE ENSINA. ELE ENSINA E EU APRENDO**

No capítulo anterior, utilizando o questionário sociocultural aplicado à juventude rural do Assentamento Olga Benário, foi possível identificar vários saberes e as fontes desses saberes junto aos jovens desta comunidade rural em Ipameri. Quanto aos saberes, a princípio, podemos classificá-los em duas categorias: o *saber científico*: como conhecimentos adquiridos nos livros e instituições formais de ensino, ou seja, nas escolas e universidades; e o *saber popular*, que são os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo em lugares, instituições e espaços educativos não formais como, por exemplo, a família e a comunidade. Além de identificar os tipos de saberes, também buscamos compreender as fontes desse saberes desses jovens. Desta feita, identificamos pelo menos três principais instituições que contribuem nesse processo: a família, a escola e a própria comunidade.

O saber científico é o conhecimento adquirido pelos jovens na escola oferecido pelo Estado por meio da educação formal, curricular, encontrado nas diversas disciplinas como: Geografia, Biologia, Química, Física, Ciências Naturais, Matemática, etc. Segundo Pessoa (2004, p. 40, grifos do autor), “A educação que vem sendo oferecida regularmente pelo Estado é ‘a educação que vem sendo estendida para a grande maioria dos habitantes’”. Entendemos que o Estado oferece uma educação generalizada para as pessoas nas instituições de ensino, como escolas e universidades

De acordo com Mascarenhas (2004, p. 15), “Quando falamos em educação, estamos nos referindo à educação formal, sistematizada e ao processo educacional do sistema escolar.” Essa mesma autora ainda contribui dizendo que: “A escola deve garantir ao mesmo tempo uma formação de cultura geral e uma formação específica/profissional.” (MASCARENHAS, 2004, p. 18). Nesta perspectiva, esse saber científico, oferecido nas escolas, contribui para a formação profissional, cultural e também para a vida dos cidadãos.

O saber popular é compreendido aqui como aquele saber que circula nos diversos meios nos quais vivemos na sociedade, vem dos exemplos, das experiências habituais, da observação, da participação, da prática, dos relacionamentos pessoais que existem na comunidade, na vida cotidiana dos indivíduos de um determinado lugar. Segundo Holzer (2003, p. 113, grifos do autor), lugar é um:

Conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a outros conceitos espaciais como

paisagem, espaço e território. Hoje, no entanto, "lugar" é considerado conceito fundamental no estudo da geografia.

Não importa o lugar em que as pessoas vivem, o que importa são as pessoas, as relações sociais, os saberes que os indivíduos carregam e podem ser transmitidos de uns aos outros, sejam numa aldeia, numa comunidade rural ou no espaço urbano. De acordo com Brandão (2017, p. 49, grifos do autor):

Sem o saber que existe na fala, mas cheios do saber que existe na prática, os subalternos criam e recriam a sua própria educação. E ela não existe só para difundir o saber, mas para reforçar o resistir. Alguns estudos de antropólogos franceses na África, confirmados por outros feitos, por brasileiros, aqui no Brasil, demonstram como existe uma sábia arma de resistência popular justamente naquilo que nos acostumamos a desprezar, por ver como "tradicional", "atrasado", "primitivo". A aparente "primitividade" do pobre contra a invasão sobre ele da "modernidade" do senhor é um meio popular avançado de lutar por manter e recriar uma identidade própria de subalterno (de índio, de negro, de colonizado, de escravo, de camponês), de manter o seu próprio saber e as suas próprias redes de educação.

Para este autor, através da educação ocorre uma interação entre as pessoas da comunidade, juntas elas existem, trocam saberes e também aprendem a resistir, a lutar por uma causa, fortalecendo os laços de amizades e familiares ao mesmo tempo em que fortalecem a cultura local.

De acordo com Brandão (2017, p. 9), "Os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem". Nessa relação, pode ocorrer a transmissão de saber, por exemplo, na fabricação de farinha, no plantar de uma cultura, ou ainda no reconhecimento de plantas e raízes que curam certas doenças. São saberes empíricos que circulam dentro da comunidade em que estão inseridos. Então, para Brandão (2017), podemos dizer que ocorre uma circulação de saber entre os membros de uma comunidade. Portanto, o saber popular nada mais é do que um saber coletivo, transmitido de uns aos outros membros de uma comunidade, de forma espontânea, por meio da prática, da experiência e da vivência dos indivíduos, o que não é diferente no Assentamento Olga Benário.

### **3.1 Juventude e as fontes de saberes**

São várias as fontes de saber em que os jovens do assentamento bebem, ampliando os seus horizontes e alargando os seus saberes. Os jovens pesquisados apontam pelo menos três principais fontes de saber: a família, a escola e a comunidade.

A família é fundamental na vida dos recém-nascidos de todas as espécies. Os animais cuidam dos seus filhotes até eles aprenderem a se virar sozinhos. Os pássaros alimentam os

seus filhos nos ninhos até aprenderem a voar. Com o homem, não é diferente, também cabe aos pais a tarefa de criar os filhos, ensinando as primeiras lições da vida. Nesse sentido, a família é a primeira instituição com a qual estes indivíduos têm contato e com quem adquirem os primeiros saberes. Segundo escreve Bernard Charlot (2001, p. 24-25):

O homem nasce inacabado, em um mundo humano que preexiste a ele e que já está estruturado. Inacabado, portanto, aberto às transformações, o filhote do homem encontra o humano sob forma de outros homens e de tudo que a espécie humana construiu anteriormente. Ele se transforma em sujeito humano por apropriação do humano já presente no mundo onde ele chega. Esta transformação exige uma mediação de outros seres humanos (a mãe, os parentes, outros adultos, as instituições). Desde criança ele vem aprendendo no núcleo familiar. O que pode e o que não pode, o respeito de uns pelos outros e especialmente para com os mais velhos. É no grupo familiar que a criança dá os primeiros passos, aprende a falar, em alguns casos a ler e escrever as primeiras letras, os cuidados pessoais e socialização, só depois que esse indivíduo vai para a escola.

Nessa perspectiva, a família é a primeira instituição com a qual o recém-nascido tem contato, recebendo os primeiros cuidados. O tempo se encarrega de transformar de forma cronológica esta criança em adolescente, o adolescente em jovem e o jovem em adulto, esse é o ciclo natural do ser humano. Nesse processo de desenvolvimento a família cumpre um papel fundamental na formação e construção dos saberes desse indivíduo. De acordo com Frigotto (2012, p. 280):

[...] é crucial que toda a criança e jovem dediquem, em seu processo formativo, algum tempo a qualquer forma de trabalho social produtivo, na família e na instituição escola. E isto nada tem a ver com exploração do trabalho infantil. Pelo contrário, trata-se de socializar, desde a infância, o princípio de que a tarefa de prover a subsistência é comum a todos os seres humanos. Trata-se de não criar indivíduos que achem natural a exploração do trabalho alheio.

Mas não é só a família que tem essa função, na verdade, há um conjunto de instituições que participa desse processo. Frigotto (2012) cita também a escola como participante dessa formação, porém, a família aparece em primeiro lugar. Desse modo, Bárbara fala da importância dos seus pais em sua formação de vida.

*A importância é pelo que ela sabe, que ela me passou, eu estou mais preparada para vida, né? Porque não é sempre que a gente vai ter mãe e pai do lado e quanto mais a gente aprende com eles, é muito melhor, quanto mais eles passam o conhecimento pra gente, a gente aprende a lidar sozinha na vida. (Bárbara, 19 anos)*

Aprender faz parte de nossas vidas, de nossos relacionamentos em casa, na comunidade e na sociedade. Neste sentido, aprendemos todos os dias, e, em todos os lugares, novos saberes

podem ser agregados, novas experiências podem ser vividas dando ao indivíduo mais capacidade para desenvolver.

Com os jovens do Assentamento Olga Benário esse processo não é diferente. Tanto no questionário sociocultural quanto nas entrevistas semiestruturadas, os jovens apontaram para direção da família como uma das principais fontes onde adquirem os saberes. A família é sempre o primeiro lugar de aprendizado, segundo afirmam Cover e Cerioli (2015, p. 56), “os filhos e as filhas dos agricultores familiares e camponeses são inseridos nas atividades agrícolas desde cedo, sendo socializados numa vida de trabalho e contribuição com a família”. Para estes autores, o jovem rural tem como local privilegiado de aprendizado o seio familiar, cujos saberes vão sendo adquiridos no dia a dia. Bárbara, 19 anos, filha de agricultores assentados, em sua fala ressalta justamente esta realidade, valorizando o conhecimento que tem, vejamos:

*Tudo que eu sei fazer aqui na fazenda hoje eu aprendi com a minha mãe. Ela que me passou todo o conhecimento que ela tem. E o que aprendi a fazer aqui na fazenda, hoje sou eu que faço. Descascar e plantar uma mandioca, cuidar da horta. [...] Cuido do porco e tiro leite. Todo conhecimento que eu tenho, eu aprendi com a minha mãe. (Bárbara, 19 anos).*

Em sua fala, Bárbara traz alguns saberes que aprendeu com a sua mãe. Podemos classificá-los como saberes domésticos e saberes agrícolas, como vimos no quadro apresentado no capítulo anterior. Essa jovem dá importância ao que sabe fazer, valorizando a sua mãe, dando sentido ao saber que aprendeu e poderá ser levado por toda a vida. A fala da Bárbara vem ao encontro do que escreve Charlot (2001, p. 21): “o sentido atribuído a um saber leva a envolver-se em certas atividades, a atividade posta em prática para apropriar-se de um saber contribui para produzir o sentido desse saber”. Observamos, portanto, que a jovem dá um sentido especial ao que sabe fazer e aprendeu com a mãe.

Nessa mesma direção, Douglas, 26 anos, também cita os saberes adquiridos no seio familiar, como o saber agrícola, o *plantio de hortaliça* e mais uma vez notamos a presença da família como fonte de aprendizado. Douglas faz referência ao que sabe, ao conhecimento, ao aprendizado especialmente advindo dos seus pais e avós.

*Bom, no momento eu trabalho com olericultura: que é plantio de hortaliças. Isso vem junto com que a gente aprendeu com nossos pais e avós, mas também no novo contexto, buscando em cursos oferecidos por empresas de tecnologias, assim como operar um trator, uma colheitadeira, usar um GPS. Novas tecnologias, novas técnicas de plantio. Em geral foram diversas buscas, né? Porque a gente tem que unir todas essas informações e trabalhar de acordo com a terra pede, para você ter uma produção boa. (Douglas, 26 anos).*

Além do jovem ter apontado a família como centro dos conhecimentos, adquirindo o saber agrícola, ele também faz menção a outras fontes e a outros saberes, como, por exemplo, saber dirigir trator, operar máquinas agrícolas e usar o Sistema de Posicionamento Global (GPS). São saberes que foram adquiridos por meio de outras fontes, fora do convívio familiar, através de cursos de aperfeiçoamento oferecidos pelas empresas ligadas à agricultura e ao agronegócio. Nas palavras de Douglas, esse fato mostra-se importante para obter novos conhecimentos e, ao mesmo tempo, ter acesso às novas tecnologias. Esses cursos, segundo relatou nosso entrevistado, contribuem para aumentar suas possibilidades de trabalho em sua parcela e até mesmo para outras pessoas fora do assentamento e, ao mesmo tempo, promovem melhorias não só para ele, mas também para a sua família e demais colegas do assentamento. A visão desse jovem é contrária do que pensa Frigotto (2012, p. 270):

O advento de novas tecnologias, em vez de ser algo que beneficia o trabalhador, volta-se contra ele por causa da intensificação do trabalho e da exploração, e pela ampliação do exército de reserva de desempregados e subempregados. Para a grande maioria dos trabalhadores do campo, em vez de significarem novas possibilidades na melhoria da produção, as novas tecnologias resultam em sua expulsão para periferias urbanas e na ampliação do latifúndio.

Na perspectiva desse autor, as novas tecnologias que, por um lado, podem melhorar o desempenho da produção rural, por outro, criam um problema social, pois podem expulsar o pequeno produtor de suas terras e aumentam o poder do grande produtor do agronegócio.

A escola é outra instituição identificada por nós como local em que os jovens adquirem conhecimento. Para Charlot (2001, p. 18), “A escola não é apenas um lugar que recebe alunos dotados destas ou daquelas relações com o(s) saber (es), mas é também um lugar que induz as relações com o(s) saber(es)”. Portanto, a instituição “escola” é um espaço de convivência entre pessoas diferentes, que se encontram com a mesma intenção: aprender e adquirir conhecimento. Para Brandão (2012, p. 47):

O conhecimento exige um primeiro esforço mais íntegro e ativo do diálogo. Sendo um momento de aprendizado, ele não corresponde somente as informações cumulativas e funcionais que nos obrigam mais a fixação de regras e manejos do que a qualquer exercício de reflexão. Para conhecer através do aprendizado, importa não apenas dominar uma técnica ou compreender uma questão, mas refleti sobre o que aprende e conhece.

Na escola, cabe ao professor ensinar as disciplinas curriculares propostas e, aos alunos, aprender o que está sendo ensinado. Talvez nem todos os alunos tenham o mesmo desempenho para aprender, mas isso não quer dizer que esses indivíduos não possuem saberes. Pode ser que um aluno não tenha um bom desempenho escolar, mas tenha um bom desempenho em uma

atividade prática. A escola deve ser um lugar de liberdade, pois, segundo Brandão (2017, p. 59): “Através da escola a educação deve formar pessoas livres e criativas o bastante para se reconhecerem corresponsáveis pelas suas próprias escolhas”.

No Assentamento Olga Benário vivem 85 famílias distribuídas por mais de 4000 hectares, em uma comunidade rural formada por crianças, jovens e adultos, sendo que a maioria dos assentados passou pela experiência dos movimentos sociais em luta pela conquista da terra, o que nos permite identificar esse grupo de trabalhadores rurais e suas famílias como uma comunidade.

Segundo Silva e Hespanhol (2016, p. 363), “A família é considerada a fonte e a origem das comunidades. Mas, além dos laços de consanguinidade, ou seja, de parentesco, pondera-se que os laços de amizade e vizinhança também são fundamentais para a vida comunitária”. Nesse agir comunitário acontece uma troca de saberes e experiências que funcionam, de acordo com Mascarenhas (2004, p. 20), “como verdadeiras “escolas da vida”, em que os indivíduos e grupos aprendem a se situar no mundo e se posicionar diante dele.”

Esse agir comunitário fortalece a cultura, as tradições e, ao mesmo tempo, promove o que podemos chamar de “educação popular”, que faz com que, por meio de ações comunitárias, o saber, a experiência seja passada de uns para os outros. Nesse sentido, entendemos o motivo pelo qual os jovens apontaram a comunidade como fonte de saber.

### **3.2 O que é ser jovem na visão dos jovens**

Do nascimento até a velhice o homem passa por várias fases ou etapas, em cada uma ele adquire conhecimento que contribui para o seu viver. De acordo com Oliveira (2010, p. 39), “Ser jovem é estar atento a todas as novidades diárias que o capitalismo produz e ter o poder de se apropriar plenamente de tudo que a modernidade pode produzir.” Assim, não apenas buscamos compreender os saberes dos jovens como também compreender como eles percebem a juventude e se assim se reconhecem. Douglas, um jovem de 26 anos, casado, pai de uma filha, respondeu o seguinte:

*Bom, a juventude na minha concepção, é, na verdade, um estado de espírito da pessoa, né? Às vezes, a pessoa possa se sentir jovem em qualquer momento de sua vida, basta estar ativo e correr atrás das suas expectativas e sonhos. (Douglas, 26 anos)*

Para Douglas, “ser jovem” vai além de uma questão identitária, estende-se a questões psicológicas e sociais do sujeito e de suas necessidades. A juventude não pode ser definida

apenas pelas questões etárias, vai além, e isso parece fazer sentido para Douglas. A responsabilidade que assumiu com o matrimônio não tirou dele essa condição de ser jovem.

Para a Bárbara, 19 anos, que já terminou o Ensino Médio e no momento está cursando Técnico em Enfermagem no Senac em Ipameri, ser jovem:

*É você poder sair, poder divertir com os amigos, “fazer resenhas”<sup>26</sup>, também poder ir numa festa sozinha sem tirar a responsabilidade que se tem. É você passar a pensar no futuro também: como o estudo e a faculdade. É ter responsabilidade e também certa liberdade. Liberdade para sair, liberdade para andar sozinha e não sempre com os pais. Poder entrar nos lugares onde antes não podia entrar quando pequenininha. Ser jovem é isso, é ter mais liberdade e ter responsabilidade também. (Bárbara, 19 anos)*

A fala dessa jovem vem ao encontro do que escrevem Durand e Alves (2015, p. 80): “O jovem é um sujeito social que procura sua identidade”. Para Bárbara, esta identidade significa uma maior responsabilidade e liberdade como sendo essenciais. A hipótese que levantamos é que essa jovem ainda vive sobre o controle dos pais e andar sozinha para ela parece ser sinônimo de liberdade, assim, ela poderia ir a lugares sem a tutela dos pais. Essa busca por liberdade também aparece na fala do Matheus.

*Ser jovem é ter liberdade, poder sair numa boa, sem ter preocupação nas festas e aproveitar a vida. (Matheus, 19 anos)*

Observamos que embora falem da liberdade como algo próprio da juventude, a questão responsabilidade encontra-se presente no enunciado de Douglas. Talvez pelo fato de este ser casado e ter as preocupações e a atenção mais voltadas para a família, a esposa e a filha do casal. Pela responsabilidade que assumiu com matrimônio, Douglas deixa transparecer que ser jovem é uma condição, um estado de espírito, independentemente da idade. Por outro lado, percebemos que os outros jovens entrevistados destacaram a palavra liberdade, especialmente as meninas, a hipótese é que elas ainda sofrem com o controle dos pais para poderem sair e divertir, o que para elas soa como controle de onde vão, e com quem vão, por exemplo. Nesse sentido, Dos anjos (2016, p. 93), citando Paulo Freire (2011), destaca que os sujeitos tentam “Viver em liberdade, buscando sempre espaços de autonomia, com vistas à emancipação para atuar independentemente do controle dos outros, compreender sua distinção em relação aos demais e agir com responsabilidade”. Segundo Martinez (2014, p.102), talvez seja esta “liberdade e prazer sem compromisso”, sem controle dos pais que os jovens pesquisados do

---

<sup>26</sup> Resenha significa: festinha, baladinha, baguncinha, esquentar, juntar os amigos pra se divertir. <https://qualeagiria.com.br/giria/resenha/>

assentamento têm buscado ao clamarem por liberdade. Vimos na opinião dos nossos atores sociais pesquisados como eles se autodefiniram como ser jovem. E o que é ser jovem do rural?

Segundo Kummer e Colognese (2013, p. 202), “não há uma única juventude rural, um único modelo de jovem rural. São atores sociais que se diferenciam, mesmo agregando características, modos e pertencimentos identitários correlatos”. Os jovens do campo, segundo Durand e Alves (2015, p. 72), “São sujeitos constituídos na diversidade, sujeitos que têm histórias, cultura, conhecimento e que, pelo seu modo de ser, exigem da sociedade o direito à igualdade e à participação social”. Uma igualdade pela qual os jovens rurais clamam, sem preconceitos e com mais dignidade humana por parte da sociedade. Para Kummer e Colognese (2013, p. 214): “O jovem rural em certa medida se vê estigmatizado diante da aproximação entre o mundo rural e urbano. Isso decorre do fato que o centro de análise urbano é valorativamente superior. Ser ou parecer rural é ser diferente do padrão social.”

Nessa perspectiva, segundo os autores, os jovens rurais trazem um estigma de que quem vive no campo é atrasado, menos desenvolvidos em relação aos jovens urbanos, o que não condiz com a visão dos próprios jovens rurais, como mostra esse depoimento:

*Bom, ser um jovem rural é estar sempre na luta, buscando sempre inovações e tecnologias, mas também respeitando as culturas antigas, é esse “intercalamento”.* (Douglas, 26 anos)

Talvez pelo fato de ser um jovem assentado, participante de um movimento social, ele defina estar sempre na luta. Da mesma forma, também revela que não pode ficar parado no tempo, necessita buscar informações sobre as novas tecnologias que surgem a cada dia. Mas o que Douglas quis dizer com a expressão “intercalamento”? Só depois de a entrevista ter se encerrado, em uma conversa mais prolongada (que não foi gravada), ele nos explicou melhor o que quis dizer com essa expressão. Depois das suas explicações entendemos melhor o que ele falou: “Na verdade é respeitar as culturas antigas e não desprezar a cultura contemporânea, ou seja, para ele é, intercalar o saber popular, o conhecimento empírico com o saber científico aprendido na escola, por exemplo. Segundo Rolo e Ramos (2012, p. 156), “O homem engendra o seu objeto de conhecimento tanto quanto o objeto do conhecimento, historicamente constituído, engendra o homem”, nesse sentido, conhecimentos antigos e novos se misturam, tendo significado para ele.

Ainda querendo entender como compreendem seu lugar de jovem rural, perguntamos a Douglas se ele via diferença entre o jovem rural e o jovem urbano:

*Tem muita diferença. Na verdade, tem toda a diferença, pois, muitos jovens da cidade não têm nenhuma concepção do que é ser jovem do campo, lidar com a terra, com animal, com gado de corte, gado de leite e com plantações. É o jovem do campo tem que ter toda essa concepção da luta diária. (Douglas, 26 anos)*

O discurso traz uma visão do que é ser um jovem rural para ele, destacando os saberes rurais que ele possui e, para ele, isso é o que diferencia o jovem rural do jovem urbano. Percebemos que ele deu um significado aos saberes agropecuários, ou seja, lidar com a terra e com os animais e enfatizou dizendo que o jovem da cidade não sabe fazer. Deduzimos, assim, que esse saber exposto por ele tem importância e faz diferença para quem vive no campo.

Ainda sobre este tema, Emmile sinaliza que:

*Acho que ser uma jovem rural é totalmente diferente dos jovens da cidade, né? Morar no campo é completamente diferente do ar de morar na cidade. Tudo que se tem um jovem da cidade, a maioria dos jovens aqui do assentamento podem não ter. (Emmille, 18 anos)*

De acordo com a visão da Emmile, o jovem do campo nem sempre tem as mesmas condições ou oportunidades que o jovem urbano. A fala dessa jovem vem ao encontro do que escreve Girardi (2008, p. 3), o “urbano, sendo esta fonte de progresso, enquanto o pólo rural seria expressão do atraso”. Talvez seja essa a visão de Emmile, que o urbano é desenvolvido e o rural é atrasado, e os jovens do campo não conseguem ter acesso como os jovens da cidade a certas tecnologias. Nas entrelinhas percebemos que ela sente uma grande diferença entre esses dois mundos, deduzimos que essa situação pode estar relacionada não só à questão social, mas também à questão econômica.

Compreende-se que o jovem rural é aquele não apenas que reside no meio rural, mas que o vivencia, que participa de unidade produtiva de caráter familiar, onde ocupa espaços culturalmente definidos. É o sujeito que se relaciona com um modo de ser específico, vinculado à uma realidade onde o mundo do trabalho e o mundo da vida se fundem e se confundem. Não é, ou está imobilizado nesta condição, não é refém de um espaço ou situação, é um articulador de práticas de vida como qualquer outro, embora mantenha as suas especificidades identitárias que carregam as particularidades de seu modo de vida. (KUMMER; COLOGNESE, 2013, p. 209)

De acordo com estes autores, e em consonância com as falas captadas dos nossos sujeitos do campo, percebemos que ser jovem rural é ter uma identidade ligada à cultura e ao lugar em que vivem. Para os jovens rurais, viver no campo é participar da vida em conjunto com a família, conforme explica o depoimento a seguir:

*Ser jovem rural é você saber lidar com a roça diferente dos jovens da cidade, né? Porque os jovens da cidade, a maioria, praticamente não sabe, é lidar com os serviços rurais, com o serviço da roça, que é cuidar de uma horta, tirar leite, é dar comida pra galinha, pra porco, saber fazer ninho*

*também. É você na hora que não tem gás, é você saber acender um fogão a lenha, é você saber também qual a lenha é boa, qual lenha você pode colocar no fogão. Ser jovem rural é isto, é você saber lidar com os serviços rurais, com os serviços que tem na roça que um jovem da cidade mesmo não sabe. (Bárbara, 19 anos)*

Provavelmente estejam aí alguns aspectos que mostram bem como os saberes rurais estão presentes na vida dos jovens e são cruciais para a sua sobrevivência no campo. Bárbara destaca ainda que os jovens urbanos não apresentam os mesmos saberes que os jovens rurais, talvez essa diferença de saberes, esse contraditório, é que contribui para que ocorra a separação ou que aumente o abismo social entre a juventude do campo e a juventude urbana.

Os jovens do campo, além de dominarem os saberes necessários à sobrevivência onde vivem, também precisam dominar os saberes urbanos, como usar o transporte público, os caixas eletrônicos, os bancos, os serviços de saúde e tantas outras coisas que o campo não dispõe e os camponeses precisam se valer da cidade.

Provavelmente, esses saberes rurais foram adquiridos no convívio com os pais, familiares e amigos, passando pela experiência de aprender a fazer, fazendo, ou seja, na prática. Quando ajuda a mãe logicamente são os saberes domésticos que sobressaem, se a ajuda é para o pai, nesse caso, os saberes estão voltados para a lida no campo, como fazer uma cerca ou ajudar o pai a curar a bicheira de um animal. Aqui percebemos que no campo não tem trabalho de menina ou de menino. O jovem do campo desenvolve o trabalho de acordo com a situação e a necessidade pedem. Encontramos casos de meninas que dizem saber capar um porco, ordenhar uma vaca, assim como meninos que cozinham e fazem outros trabalhos domésticos muitas vezes atribuídos às meninas.

Matheus tem uma visão diferente dos outros jovens, e, para ele, ser jovem rural:

*É mais tranquilo, né? Porque assim, mais longe da cidade, da violência, aqui a gente reúne os amigos assim, contamos histórias, ficamos de boa, né? Na roça é mais tranquilo. Tem mais liberdade também, você pode fazer o que quiser, praticamente. Na cidade qualquer coisa que você faz, tem um “punhado”<sup>27</sup> de gente olhando, é mais ruim. (Matheus, 19 anos)*

Este jovem tem uma visão positiva da vida no campo, enfatiza a tranquilidade de viver ali, as amizades com os colegas, as relações que o jovem rural tem. Para ele, as amizades e a liberdade de viver no campo são muito importantes, ao mesmo tempo, ele não relaciona o jovem urbano com o rural. Situação similar também é encontrada por Alves (2015, p. 150) Em São

---

<sup>27</sup> A palavra “punhado” no linguajar popular significa: uma grande quantidade de pessoas reunidas ou concentradas num mesmo lugar.

Geraldo da Piedade, em Minas Gerais, “Os jovens até veem vantagem em morar na zona rural, como a falta de violência e o cuidado dos vizinhos, mas acham que tem mais desvantagens.”.

### **3.3 A relação da Juventude do assentamento com o lugar e o saber**

Passados 15 anos da criação do Assentamento Olga Benário de Ipameri, identificamos, por meio do questionário sociocultural, laços de afetividade entre os jovens residentes no Olga Benário. Segundo os dados apurados, 12 jovens admitiram que moram nesta comunidade rural de 11 a 15 anos; 2 responderam que moram no assentamento de 1 a 5 anos e 1 admitiu que vive no local de 6 a 10 anos.

Com base nessas informações, constatamos que a maioria dos jovens pesquisados tem laços afetivos com este lugar desde criança. Segundo Queiroz (2015, p. 154), “A corrente da Geografia Humanista, com base no existencialismo, foca o conceito de lugar, entendido como espaço vivido.”. Levando em consideração que o lugar é o espaço de vivência do indivíduo e que o Assentamento Olga Benário de Ipameri existe desde 2005, os participantes desta pesquisa se enquadram na faixa etária entre 15 e 29 anos, deduzimos que entre eles exista um sentimento de pertencimento ao lugar, pois a maioria dos jovens pesquisados, cerca de 80%, admitiu morar a mais de 11 anos nesta comunidade. Levando em consideração o tempo de residência destes jovens neste lugar, a hipótese que levantamos é que entre essa juventude existem laços afetivos e de amizades além de uma maior interação juventude/comunidade. E, nesse caso, a comunidade é o lugar em que ocorrem várias relações. De acordo com Moreira e Espanhol (2007, p. 51, grifos do autor),

O lugar se estrutura na relação do “eu” com o “outro”, o palco da nossa história, em que se encontram as coisas, os outros e a nós mesmos. O corpo situa-se na transição do eu para o mundo, o ponto de vista do ser-no-mundo, sendo a condição necessária da existência humana.

Se o lugar é esse palco de relacionamentos entre as pessoas defendido pelas autoras, e de acordo com as respostas dos jovens de que a maioria vive no assentamento por mais de 11 anos, deduzimos que as relações entre eles ficam cada vez mais fortes à medida que o tempo passa, pois, para esses jovens, cada vez mais aumenta o sentido de pertencimento a esta terra que foi conquistada pelos pais. De acordo com Canuto (2012, p. 132), “A terra não é só espaço de produção, mas lugar da vida; e, nesse espaço, devem ser desenvolvidas relações harmoniosas com a natureza e com todos os seres vivos que a habitam”. Podemos dizer que o assentamento

é um território, um lugar que os pais destes jovens rurais conquistaram fixando moradias, produzindo, criando animais e formando uma comunidade rural. Para Fernandes (2012, p. 746),

Pode-se dizer, então, que o território camponês é uma unidade espacial, mas também é o desdobramento dessa unidade, caracterizada pelo modo de uso desse espaço que chamamos de território, por causa de uma questão essencial que é a razão de sua existência. A unidade espacial se transforma em território camponês quando compreendemos que a relação social que constrói esse espaço é o trabalho familiar, associativo, comunitário, cooperativo, para o qual a reprodução da família e da comunidade é fundamental.

Quando das nossas incursões a este lugar, um assunto que se fez presente nos diálogos com a juventude local e até mesmo com os seus pais ou responsáveis esteve relacionado à conquista da terra e às lutas que vieram depois de serem assentados. Sobre esse assunto, Stédile e Fernandes (1996, p. 34) afirmam que “Mesmo depois que a família está assentada, ela passa a lutar por créditos para a produção, por estrada, pelo preço de seu produto etc”. Segundo estes autores, a luta não termina quando ocorre o assentamento, na verdade, as lutas pós-assentamento são outras. Mas os jovens também se recordam dos tempos antes do assentamento e a luta que os pais tiveram para conquistarem a terra. São histórias que se fazem presentes na memória de todos, não só dos jovens, mas também dos pais ou responsáveis que lutaram por um pedaço de terra para morar, trabalhar e criar a sua família.

Pelo fato da maioria dos jovens terem mais de 11 anos de residência no assentamento, buscamos compreender, a partir das suas histórias, quais foram as suas experiências de viver num acampamento. Sempre é bom lembrar que o acampamento é uma fase que antecede ao assentamento essencial à luta social pela reforma agrária. Em suas falas, estes jovens trazem histórias desse tempo. Portanto, além de ouvir as histórias narradas por seus pais ou responsáveis, os jovens falam também do que passaram ainda quando crianças. Cenas que ficaram registradas em suas memórias e que dificilmente serão apagadas com o tempo.

Já vimos até aqui nas declarações dos entrevistados que a conquista pela terra ocorreu através de muita luta, um trabalho em conjunto das pessoas e um movimento social. Confira na sequência a fala de Douglas sobre esse assunto:

*Bom, a conquista da terra ela foi uma conquista árdua, uma luta muito pesada, foi sofrida porque as pessoas moraram muito tempo, mais de anos, dentro de barracas sobre condições extremamente precárias. As pessoas fizeram manifestações, ficaram juntamente com suas famílias, às vezes passavam necessidades das coisas. Então, a luta não é simplesmente uma luta simples pra você adquirir ali a sua posse, mas foi uma luta muito pesada. (Douglas, 26 anos)*

Observamos que este jovem começa dizendo da dureza de viver no acampamento, mas fala da experiência em morar numa barraca de lona, da precariedade do lugar e da falta de alimentos que se fazia presente no acampamento. Viver num acampamento não é nada fácil, são momentos de luta pela terra que deixaram marcas e parecem estar vivos em sua memória. De acordo com Caldart (2012, p. 23):

Estar no acampamento é resultado de decisões difíceis tomadas com base nos desejos e interesses de quem quer transformar a realidade. Todavia, decidir pelo acampamento é optar pela luta e resistência. É preciso saber lidar como medo: ir ou ficar? O medo de não dar certo, da violência dos jagunços e muitas vezes da polícia.

No caso relatado por Douglas, esse “viver” no acampamento foi uma decisão tomada pelos seus pais, e que a ele coube acompanhá-los até mesmo pela questão da idade. Este jovem também falou da violência no campo que gerava medo e apreensão. Geralmente, a violência no campo é fruto de uma disputa de classes entre latifundiários contra os sem-terra ou vice-versa. Uma disputa que deixa marcas em quem participa, desperta no sujeito um aprendizado e consciência de luta do trabalhador sem-terra por uma reforma agrária. Nesta disputa, ocorre o saber social, em que os envolvidos participantes de um movimento social aprendem a combater os opressores. Bruno, Lacerda e Carneiro (2012, p. 523) corroboram dizendo:

Associada à noção de propriedade da terra como domínio, temos a violência como prática de classe. Seja física ou simbólica, é uma violência estruturante que expõe velhos e novos padrões de conduta e de pensamento, e impede o reconhecimento do outro mediante o uso da força ou da coerção.

A experiência de passar por uma situação como a retratada por estes autores cria nesses trabalhadores o sentimento de união, que também é passado para os filhos. Bárbara revela que ela mesma não se lembra porque quando fez parte do acampamento era muito nova, mas a sua mãe conta sempre para ela o que passaram no acampamento.

*Quando minha mãe entrou para o acampamento, eu tinha por volta de 3 anos. Assim que ela começou a entrar nos acampamentos, ficava de um lado para o outro. Eu ainda me lembro quando eu ia dormir, ela sempre falava pra mim: minha filha, a mamãe tá aqui hoje, a gente fica de um lado para o outro, mas Deus vai dar um pedacinho de terra pra gente fazer a nossa casinha, porque todo sofrimento que estamos passando hoje vai ter um retorno bom. Porque Nada vem de graça, nada vem fácil, de mão beijada. Então, tudo o que a gente quer conseguir tem um sofrimento por trás. Ela falava que, quando a gente tivesse o pedacinho de chão, a gente poderia falar que era nosso, não íamos ficar de um lado para o outro. É a conquista desta terra aqui foi assim: a base de luta, dificuldades que passamos. Graças a Deus a gente conseguiu esse pedaço de terra aqui, que foi sofrido, mas valeu a pena a gente ter passado por tudo o que a gente passou há alguns anos atrás. [...] No movimento tudo era muito complicado, tinha pessoas que não nos aceitavam e pessoas de fora que chamavam a gente de sem-terra, falavam que a gente roubava terra... essas coisas (Bárbara, 19 anos)*

Diante desse depoimento, queremos ressaltar a sabedoria dessa mãe no diálogo com a sua filha ao ensinar uma lição da luta pela terra sem atacar ninguém, respeitando o outro, e ao mesmo tempo valorizando o movimento social em que estavam inseridas, sem perder a esperança de conquistar a terra. Esse respeito apresentado por essa mãe é um saber social, carregado de valores que ela julgava importante serem transmitidos para aquela criança.

Nessa perspectiva, para Mascarenhas (2004, p. 24), “Estamos diante de um processo de maturação que envolve a aprendizagem de novas informações, novos valores, atitudes e comportamentos”. Esse amadurecimento que a autora fala é muito importante para o movimento social e faz parte do crescimento como cidadão consciente da sua luta, além disso, vem ao encontro do depoimento de Bárbara sobre os saberes adquiridos por ela no seio familiar. Esta jovem demonstra um profundo entendimento de que o sofrimento passado pela família foi uma experiência que valeu a pena, apesar de ouvir de pessoas fora do acampamento que eles roubavam a terra dos outros.

Matheus, 19 anos, compartilha, através de sua história, um ato de violência e uma experiência que gostaria de esquecer, mas que vem sempre à sua memória. Vejamos:

*Uai, meu pai conta uma história pra mim assim: certa vez, eles invadiram uma terra, né? Aí a polícia chegou e pegou minha mãe e depois colocaram uma arma na cabeça do meu irmão. Aí, o povo se juntou, tombou a viatura da polícia e tomaram meu irmão de volta. Caso contrário, a polícia ia dar um tiro na cabeça do meu irmão. Eram poucos policiais, então eles não encararam, tiveram que ir embora. Para gente chegar até o Olga Benário foi muita batalha, luta deles, eu era pequenininho e não tenho lembrança, mas não foi fácil para eles. Os meus pais contam que lutaram muito para chegar até aqui, foi muito sofrido. (Matheus, 19 anos)*

As palavras do Matheus corroboram com o que escreve Guimarães (2015, p.33): “A barbaridade dos casos e a flagrante participação de agentes públicos fizeram com que esses casos repercutissem na imprensa e o tema da violência no campo ganhou dimensão nacional e passou a integrar os debates públicos”. Este jovem, ao seu modo, retratou a violência sofrida no campo e que marcou a sua vida. Uma experiência que se mistura com a sua própria história, de um lado, o policial representando o Estado opressor, de outro, a conscientização dos trabalhadores sem-terra em busca dos seus ideais, que são amparados por Lei. Os conflitos no campo sempre existiram, a exclusão dos menos favorecidos é histórica e, de acordo com Garcia (2012, p. 462):

Ainda que a história do Estado brasileiro seja efetivamente uma história de exclusão, de manutenção de privilégios das elites e de preservação das condições dadas de poder (como, aliás, é da natureza de todos os Estados), há igualmente tensões internas, contradições, modificações de entendimento que oscilam ora no sentido de ampliar a repressão, ora no de contemplar a legitimidade dos movimentos. Em qualquer caso,

evidentemente, não se deve esperar tolerância com atos de violência contra a pessoa, ainda que a história demonstre que a maior parte das vítimas da violência no campo, especialmente as fatais, são os camponeses e militantes da Reforma Agrária, como evidenciam as estatísticas da comissão Pastoral da terra (CPT).

Nesse sentido, inferimos que os relatos de violência, fome, miséria e várias dificuldades fizeram parte da vida desses jovens e de suas famílias. Essa foi uma experiência de vida que essa juventude rural, hoje assentados, passou e ficou, de certa forma, registrada em suas memórias.

### **3.4 Um exemplo para a juventude rural**

Quanto mais interagíamos com esta juventude do campo mais queríamos saber sobre eles, compreender esses sujeitos a partir do seu espaço, da sua cultura e do modo de vida desses sujeitos. De acordo com Mascarenhas (2004, p. 16), “A cultura constitui, um processo através do qual os homens orientam suas ações e dão significados. Dentro desse processo há um saber vivo e continuamente transmitido entre pessoas e grupos”. Esse saber vivo a que se refere a autora ocorre por meio de um processo educativo de forma natural dentro de uma comunidade, dos grupos, famílias, etc. Mascarenhas (2004, p. 16) afirma ainda que “as construções históricas e cotidianas da cultura são saberes, valores códigos e gramáticas de relacionamentos entre diferentes categorias de atores culturais”. A cultura de um povo não nasce de um dia para o outro, ela é construída ao longo dos anos, através das tradições, das festas, da religião e da relação que o indivíduo estabelece com o lugar onde vive, está enraizada e passa de geração a geração.

Em uma de nossas visitas ao Assentamento Olga Benário, na parcela 14, encontramos uma plantação de hortaliças que não usa agrotóxicos, na verdade, os moradores utilizam adubação orgânica e técnicas que causam o mínimo de impacto ao meio ambiente. Este fato vem ao encontro do que explica Tardin (2012, p. 183), “A natureza do conhecimento camponês faz dele um efetivo prático empírico, que preponderante e necessariamente faz ensinando e ensina fazendo, ao mesmo tempo em que comunica oralmente explicações dos saberes intrínsecos a cada objeto e prática”. De acordo com este autor, os saberes empíricos são passados através do trabalho, da experimentação e da prática, ou seja, do aprender a fazer, fazendo.

Por meio dos saberes populares e dos conhecimentos e práticas sobre cultivar a terra, eles mesmos produzem os compostos orgânicos e os repelentes para as pragas que atacam a

plantação que, segundo o Douglas, não causam nenhuma intoxicação ao ser humano ao consumir as hortaliças.

Nesta parcela, conhecemos Dona Sebastiana, sogra do Douglas, que ajuda nos trabalhos. Ficamos curiosos para saber o que eles usavam para obter um resultado bastante satisfatório na produção e se seria possível nos passar a receita, o que foi prontamente atendido. Confira a seguir uma receita popular que ajuda a combater as pragas da plantaçoão.

*Os ingredientes são:*

*Um quilo de sabão de coco;*

*Um litro de querosene*

*Três litros de água.*

*Modo de preparo.*

*Coloque o sabão ralado em três litros de água no fogo para dissolver, vai mexendo até dissolver tudo. Em seguida tire do fogo e misture com o querosene. Reserve até esfriar.*

*Modo de uso*

*Coloque um litro da mistura em vinte litros de água e faz o combate a cada quinze dias.*

*(Essa receita nos foi passada pela Dona Sebastiana, 50 anos)*

Figura 9 – Produção de hortaliça no Assentamento Olga Benário – Ipameri - GO



Fonte: Arquivo pessoal para esta pesquisa.

Nesta plantaçoão de verduras e hortaliças, é possível observar que, ao lado dos canteiros, existem algumas árvores nativas do cerrado, parte de uma área de reserva ambiental dentro desta parcela. Estas árvores protegem do vento forte, que pode prejudicar a plantaçoão, causando prejuízo econômico. Em diálogos com Douglas, ele compartilhou que as árvores servem para

quebrar o vento<sup>28</sup>, o que ele considera muito importante para evitar pequenos estragos na produção provocados pelos ventos.

Nesse caso específico estão utilizando a vegetação natural do cerrado, mas também podem ser utilizados outros tipos de vegetação, árvores que poderão ser plantadas, e quando estiverem no ponto de corte poderão ter dupla função, primeiro a quebra do vento e, segundo, o fornecimento de madeira que poderá ser usada na propriedade ou comercializada. “Quebrar o vento” com o uso de plantação é um saber que circula entre os trabalhadores do campo e vem sendo passado de geração a geração.

De acordo com a senhora Sebastiana, uma assentada do MST no Olga Benário, a principal renda da família vem dessa horta, que envolve o trabalho de todos os membros da família, ou seja, o esposo, o genro e as duas filhas. Toda a produção é comercializada na cidade, aos domingos na feira livre e às quartas-feiras na Feira do Produtor realizada no pátio do Jôquei Clube de Ipameri, esta feira que acontece no meio da semana tem início às 17 horas, estendendo-se até às 21 horas.

Ao visitar a feira, notamos a presença dos jovens filhos dos assentados participando ativamente nas barracas e ajudando na comercialização. Alguns desses jovens inclusive sendo os responsáveis pelo caixa. Nesta feira também são comercializados outros produtos com origem no Assentamento Olga Benário, como: farinha de mandioca, bolos, quitandas, mané-pelado, ovos caipiras, frangos, doces, etc.

De acordo com o Sr. Wilson, a feira é importante para os assentados, pois ajuda a vender a sua produção de farinha e, ao mesmo tempo, quebra o preconceito que ainda existe contra os assentados. A Feira do produtor também serve para mostrar outro lado do assentamento que é pouco conhecido pela população ipamerina, um assentamento que está dando certo e onde cultivam orgânicos, livres de fertilizantes químicos ou agrotóxicos.

Ainda sobre a questão de com quem o jovem aprendeu a fazer o que sabe, Matheus responde o seguinte:

*Uai, eu aprendi com meu pai e minha mãe, né? Tudo assim que eu sei de roça, tudo que mexer assim eu sei. De roça eu sei fazer praticamente tudo, amanso cavalo, amanso boi, tiro leite de vaca, sei trabalhar com vaca de corte, tudo, tudo, faço curral, cerca. De roça eu sei tudo, roçar pasto, capinar, tudo. (Matheus, 19 anos)*

---

<sup>28</sup> Quebra-vento é uma barreira vegetal usada para proteger as plantas contra a ação de ventos fortes, além de proporcionar um ambiente favorável à produtividade das lavouras e dos animais. O objetivo principal do quebra-vento é reduzir a velocidade do vento. Acesso em 03/10/2019 - Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/fichas-agroecologicas/arquivos-praticas-conservacionistas/2-quebra-vento.pdf>

Matheus atribui o que sabe fazer aos seus pais. Percebemos o destaque novamente à família nesse processo de ensino/aprendizagem e o saber se tornando a principal referência para este jovem. De acordo com a resposta dada por Matheus sobre o que o jovem sabe fazer, e usando da flexibilidade que permite a entrevista semiestruturada, fizemos uma pergunta que não estava prevista. Perguntamos como era amansar “cavalo e boi”, os animais que ele relatou na questão anterior. Desinibido e mostrando autoridade no que falava, respondeu:

*Uai, é domar eles, amansar os bicho, andar neles. Também tem um boizinho aqui (mostrando porta da sua casa), que eu amansei ele. Aí fura o nariz dele, põe uma argola para amansar ele bem, pra andar assim e fica de boa. Amansar o animal eu aprendi mais com o meu pai, um pouco assim com os meus amigos de conhecimentos mesmo, com os amigos assim, mas é não é fácil não, se não tiver a manha, assim não consegue amansar não. (Matheus, 19 anos)*

Na busca por identificar de onde vem os saberes da juventude, perguntamos ainda a Matheus quem são esses amigos? Ele respondeu:

*São aqui do assentamento mesmo, outros da cidade também, tenho uns colegas lá. Uai, pega assim de novinho, pra trabalhar nele certinho, por cabresto, por rédea nele assim de boa. (Matheus, 19 anos)*

Perguntamos a Matheus se ele achava difícil amansar os animais:

*Pra mim não. Eu aprendi já quando estava amansado um animal, levei uns tombos, tenho até a boca machucada, ganhei quatro pontos na boca, caí montando eu e um amigo meu, nós foi montar numa novilha e caímos lá. (Matheus, 19 anos)*

Matheus fala desses saberes de maneira espontânea, evidenciando ser um saber que foi adquirido através das ações cotidianas, deixando por vezes transparecer que diversão e trabalho no campo se misturam. Notamos nesse processo uma circulação do saber entre os jovens do assentamento e uma interação com jovens da cidade. Essa relação da qual fala este jovem permite alargar os saberes que são colocados em prática espontaneamente.

O aprender e os saberes citados por nossos atores sociais vêm ao encontro do que fala Charlot (2001, p. 28):

*Aprender é uma relação entre duas atividades: a atividade humana que produz aquilo que se deve aprender e a atividade na qual o sujeito que aprende engaja – Sendo a mediação entre ambas assegurada pela atividade daquele que ensina ou forma. Em termos simples: para apropriar-se de um saber, é preciso introduzir-se nas relações que permitiram produzi-lo.*

Entendendo que a família é um centro de transmissão de saberes para os filhos, os pais, nesse caso, exercem a função de educadores, sendo aqueles que ensinam. São professores que

o filho encontra na jornada da vida aprendendo com estes alguns saberes aos quais dão significados. Valorizando o saber que vem da família, encontramos em Brandão (2017, p. 8) que:

As meninas aprendem com as companheiras de idade, com as mães, as avós, as irmãs mais velhas, as velhas sábias da tribo, com esta ou aquela especialista em algum tipo de magia ou artesanato. Os meninos aprendem entre os jogos e brincadeiras de seus grupos de idade, aprendem com os pais, os irmãos-da-mãe, os avós, os guerreiros, com algum xamã (mago, feiticeiro), com os velhos em volta das fogueiras.

De acordo com este autor, fica evidente como o saber é transmitido de geração em geração, por membros da família e da comunidade. O saber que é transmitido de quem tem mais conhecimento para os que tem menos conhecimento. Nesse sentido, identificamos como se dá a circulação do saber no seio familiar e na comunidade. O mesmo que acontece no Assentamento Olga Benário.

Emmile, por sua vez, usando de poucas palavras, falou que tudo o que sabe fazer aprendeu com os seus pais:

*Eu aprendi a fazer com a minha mãe farinha, polvilho, arrumar a casa, fazer comida. Com o meu pai eu aprendi a tirar leite, apartar o gado, ajudar ele a arrumar a cerca, essas coisas assim.* (Emmile, 18 anos)

Percebemos que vários são os saberes presentes com essa jovem: os fazeres domésticos foram transmitidos pela sua mãe e os afazeres do campo que tiveram a presença do pai formam o construto de saberes incorporados por ela.

Por último, Bárbara, com muita serenidade nos revelou que:

*Tudo o que eu sei fazer aqui na fazenda, eu aprendi com a minha mãe.* (Bárbara, 19 anos)

Mais que qualquer outro membro da família, entretanto, a mãe é vista e reconhecida com gratidão como a grande responsável pelo que se aprendeu. Nesse caso, é visível o sentido de gratidão que esta jovem demonstra ter pela sua mãe, e reforça dizendo:

*Ela que me passou todo o conhecimento que ela tem, elaaa, me repassou, e o que eu sei fazer aqui na fazenda hoje que eu faço. É descascar uma mandioca, poder plantar uma mandioca, é você cuidar da horta, é como eu disse anteriormente é você saber um fogão de lenha né, porque aqui em casa na cozinha de fogão à lenha, eu ajudo muito ela assim, porque não é sempre que a gente tem dinheiro pra poder comprar um gás, né? Cuidar do porco também, tirar leite todo, todo conhecimento que eu tenho eu aprendi com a minha mãe.* (Bárbara, 19 anos)

Brandão (1981) já nos chamava a atenção para esta questão de gênero fortemente presente na construção de saberes, afirmando que “as meninas aprendem com as companheiras

de idade, com as mães, as avós, as irmãs mais velhas”. Esse saber que vem de outras pessoas com mais experiência é que faz toda a diferença na vida dessas meninas do assentamento.

Observamos que a presença da família está muito forte junto à juventude do assentamento segundo os registros feitos pelos participantes da pesquisa. Percebemos que a todo momento esses jovens fazem questão de dizer que os pais ensinaram tudo o que sabem. Diante desses relatos, indagamos: qual o papel ou a importância de outras instituições no transmitir dos saberes a esta juventude rural do Assentamento Olga Benário? Entendendo que o ser humano passa por um processo contínuo de aprendizagem, tivemos o interesse em saber “Se o que os jovens aprendem na escola, eles conseguem colocar em prática no assentamento”.

Sobre essa mesma questão, Emmile contribuiu dizendo:

*Ajudo muito minha mãe nas contas, quando a gente vai vender farinha, polvilho. Eu leio as coisas pra ela do comércio. (Emmile, 18 anos)*

A resposta desta jovem mostra que os pais também aprendem com os filhos, e, ao mesmo tempo, revela a importância do ensino escolar para a sociedade. Observamos neste contexto a ocorrência de uma prática de letramento, que vem ao encontro do que fala Tedesco (2017 p. 222), “em ambientes familiares onde os pais não leem e escrevem, é possível, muitas vezes, perceber a existência de eventos de letramento que, amparados pelas práticas de letramento, interagem com as atividades desenvolvidas na escolarização”.

A mesma questão foi levantada também com os outros participantes da pesquisa. Bárbara contribuiu dizendo:

*Eu utilizo passando pra minha mãe. Porque assim, agora que ela tá voltando a estudar lá na cidade, ela está fazendo o quarto ano. E ela até então era analfabeta, ela não sabia ler, ela só sabia escrever o nome dela. E ela gosta muito de mexer com venda do que ela produz aqui no assentamento, ela gosta muito de vender lá na cidade, e na escola dela também. E quando eu comecei a aprender sobre as questões de matemática eu repassava pra ela, porque como ela não tinha um certo conhecimento sobre isso, eu repassava pra ela e ela me perguntava: “minha filha a mamãe vai lá na cidade, vou vender isso e isso? Quanto que dá? Eu quero vender por tanto”. Então eu explicava pra ela, eu passava o conhecimento que eu tinha adquirido na escola pra ela e isso ajudou muito porque ela passou a ter uma certa noção sobre o preço que ela queria vender e sobre o que ela ia receber, e o lucro que ela ia ter sobre o que ela produz aqui na fazenda. (Bárbara, 19 anos)*

Essa prática descrita por Bárbara de transmitir o conhecimento, o saber escolar para a sua mãe é um reconhecimento de gratidão por tudo que esta já lhe ensinou, agora é a vez desta jovem retribuir ensinando a sua progenitora. Segundo Charlot (2001, p. 26,27), “aprender é uma construção de si que só é possível pela intervenção do outro que só tem êxito se encontrar o sujeito em construção”, neste sentido, podemos entender que o ser humano está sempre em

constante processo de construção e a circulação do saber corre de pai para filho, dos mais velhos para os mais novos, dos filhos para os pais e entre os jovens da mesma idade. Essa mãe provavelmente não teve oportunidades de estudar quando mais jovem, agora encontra na sua filha o meio para aprender.

Vemos aí a importância do que os jovens aprendem na escola, como eles utilizam os saberes escolares em prol da família. Como é importante essa troca de conhecimentos entre gerações, a filha falando que passa para a sua mãe o conhecimento escolar que possui, da mesma forma que o Matheus:

*Coloco, tipo assim, os conhecimentos que a gente aprende lá, que os professores ensinam você tenta trazer para campo, né? Contabilidade esses trem, igual comecei estudar lá, aprendi a ler, e muita coisa. (Matheus, 19 anos)*

Nessa relação do jovem com o saber escolar ele relata que aprende e o que aprende, ao seu modo, consegue passar para os pais. Quando Matheus diz “esses trem”, provavelmente está se referindo ao que aprende sobre as matérias curriculares ofertadas na escola. Na sequência da fala deste jovem, Douglas relata que o que ele aprende na escola não tem muita importância para a sua vida no campo:

*Na verdade muito pouco, porque não tem nenhuma matéria voltado para o assunto agrário, algum assunto voltado pro campo, algum assunto voltado para o jovem, a ensinar o jovem a trabalhar a terra. Ter noções de como lidar com a terra e animais eee de forma voltada à pecuária, então, na verdade, o que a gente adquire é mais sobre aquilo que a gente aprende com as pessoas mais próximas que lidam no campo e depois técnicas agronômicas. (Douglas, 23 anos)*

Se por um lado vimos que as meninas apresentaram interesse em repassar os seus conhecimentos para as suas mães, colocando em ação o que aprendem na escola, por outro lado, os meninos relataram que aquilo que aprendem na escola pouco serve para eles no campo. A hipótese é que as meninas ficam mais próximas das mães, o que permite essa troca de conhecimentos entre elas. Pelo contrário, os meninos dizem que pouco se aplica dos saberes escolares no campo. Nesse caso, os jovens relatam a necessidade de disciplinas curriculares voltadas para as suas práticas agrícolas até mesmo para que possam aprimorar os trabalhos na parcela. Este jovem reclama que na escola ensinam coisas que estão no currículo escolar, mas que, na prática, não tem muito interesse para quem vive no campo.

Na perspectiva de identificar sobre a circulação do saber entre os nossos atores sociais presentes no Assentamento Olga Benário, ou seja, entre os pais e os jovens, perguntamos a

Emmile qual a importância da troca de conhecimentos entre ela e sua mãe? Ela classificou como:

*Muito importante porque é com ela que eu aprendo a fazer as coisas. Tudo que sei é graças a ela. Sei que um dia ela não vai estar por perto, então, os seus conhecimentos é ensinamentos eu tenho guardado comigo. (Emmile, 18 anos)*

A fala dessa jovem vem ao encontro do que escreve Charlot (2001, p.21): “O que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se despertar nele certos ecos: se fizer sentido para ele”, e o que podemos perceber é que o que foi ensinado pela mãe desta jovem, a mesma viu sentido e os guarda, inclusive dizendo que um dia vai repassar esses saberes aos seus filhos. Esse saber fica registrado e pode ser transmitido a outros indivíduos.

Bárbara dá a entender que o que aprendeu com sua mãe é uma experiência que levará por toda a vida, e através dos ensinamentos repassados pela sua progenitora ela tem segurança para enfrentar a vida. Vejamos este relato :

*Eu estou mais preparada pra, pra vida, né? Porque não é sempre que a gente vai ter mãe e pai do lado e quanto mais a gente aprende com eles, é muito melhor, quanto mais eles passam o conhecimento pra gente, a gente não aprende só a lidar sozinho na vida nos dias de hoje, mas também a gente aprende que a gente tem um certo conhecimento maior sobre a humildade que a gente deve ter, sobre que o que a gente planta hoje se a gente quiser comer amanhã a gente tem que plantar hoje , a gente tem que lutar hoje , tem que correr atrás no hoje e não deixar pra amanhã. (Bárbara, 19 anos)*

Matheus acha importante os ensinamentos transmitidos pelos pais para aprender a fazer de forma correta.

*Quando você aprende a fazer uma coisa, a gente não esquece não, fica com a gente. (Matheus, 19 anos)*

O aprendizado a que se refere este jovem são os saberes adquiridos por ele no seio familiar. Por último, Douglas relata que acha importante aprender com os pais, pois vai contribuir com a família.

*Se você aprende a fazer uma atividade e faz certinho, isso contribui com a família na gleba, contribuindo para melhorar onde a gente vive. Entendo que os conhecimentos dados pelos nossos, pais, pelos mais velhos, é um conhecimento que a gente aprende com alguém que já passou por isso. A chance de errar é menor. (Douglas, 26 anos)*

### 3.5 Jovens rurais e saberes: o que ensinar a outros jovens

Bernard Charlot (2001) coordenou uma pesquisa sobre a juventude em três países: França, Brasil e Tunísia, com o objetivo de identificar a relação dos jovens com os saberes. Na referida pesquisa foi criada uma situação: Que saberes eles ensinariam para um ET, se encontrassem com um no sofá de casa e este fosse passar uma semana na Terra e o que ele aprendesse fosse levado para o seu planeta. Com essa situação, o objetivo foi estimular os jovens a falarem dos saberes que eles consideravam relevantes para a sua sobrevivência.

Inspirados nesta ideia de saber o que os jovens do campo ensinariam para um jovem de uma cidade grande, perguntamos aos jovens rurais o que eles sabem fazer no campo e acham importante ensinar para o jovem urbano. Emmile respondeu sobre a importância dos afazeres diários que ela sabe.

*Ensinaria a fazer polvilho que é uma coisa que eles não saberiam, ensinaria a andar a cavalo, a apartar vaca, tirar leite, a mexer com os bezerras, fazer farinha, mexer com mandioca, plantar milho. (Emmille, 18 anos)*

Esta jovem fala com propriedade dos saberes cotidianos aprendidos com a sua família. Ela apresenta os saberes rurais e domésticos dando a estes importância significativa. Esta fala vem ao encontro do que escreve Charlot (2001, p. 38): “nos saberes listados e na maneira a que se refere a eles [...] poderíamos chamá-los de ensinamentos familiares”. Ensinações como esses permanecem para sempre. Buscando compreender as escolhas dos saberes, perguntamos também porque essa jovem acha importante ensinar esses conhecimentos, ao que ela explica:

*Ah, porque eu acho que todo mundo deve saber, né? A melhor coisa do mundo é você aprender e se sabendo de tudo um pouco você vai viver muitas coisas boas. (Emmille, 18 anos)*

Nas suas palavras percebemos que ela associa o saber com o viver e acha importante ensinar coisas básicas, mas que são rotineiras na zona rural. A jovem ainda demonstra uma visão holística do mundo, evidenciando a importância de saber de tudo um pouco.

A mesma pergunta foi feita para Bárbara, e, diferente da Emmille que aponta saberes práticos, cotidianos, ela começa falando da humildade que se deve ter e que ela considera um saber, ou seja, saber ser humilde para, em seguida, também abordar os saberes cotidianos da vida no campo.

*Bom, eu acho que humildade é a primeira coisa, né? Apesar que muitos dizem que tem, que sabe o que é você ter humildade, mas, na verdade, não sabe o real sentido de você se ter humildade. Porque*

*a gente que mora na fazenda, a gente tem que, tem que ser bastante humilde, bastante educado e pra eles seria bom explicar sobre o nosso dia a dia aqui na fazenda, explicar como se planta, explicar como se colhe, explicar tudo certinho sobre a terra, sobre a adubação, a também a andar de a pé, né?, porque não é sempre que a gente é... tem um transporte pra poder ir pra cidade, pedir carona também que eu acho que muitas pessoas assim tem muita vergonha de falar assim eu vou ter que ir pra cidade de a pé, ter que ficar pedindo carona é muitas pessoas não gostam disso e eu acho que isso seria muito importante mostrar o nosso dia a dia, porque isso é o que a gente vive. Não é sempre que a gente vai ter um carro pra poder ir pra cidade, não é sempre que a gente vai poder ir na cidade comprar um mistura. Ensinar a tratar de galinha também, eu acho que isso também é muito importante e saber se virar com o que a gente tem aqui no assentamento. (Bárbara, 19 anos)*

Esta jovem que sempre esteve no movimento social ao lado dos seus pais, na luta pela terra, relata a importância da humildade e destaca os saberes que são necessários para viver no campo. Ela cita ainda a falta de transporte e como faz de vez em quando para se deslocar até cidade e, por fim, acha importante ensinar usar o que tem à disposição. Esses saberes é que vão dando identidade aos nossos jovens. Uma relação com a terra, com o campo, com a cultura rural. De acordo com Alves e Belo (2012, p. 61), “O respeito e a valorização das culturas locais são fundamentais na construção das identidades dos sujeitos”.

Mas porque, afinal, esta jovem acha importante ensinar esses conhecimentos para os jovens da cidade e o que a leva a crer que ela própria detém este saber?

*Eu acho que é importante porque assim eles também ia saber lidar, porque as vezes eles podem vir a parar no interior, tudo bem que eles estão numa cidade grande, mas eles podem vir a parar no interior e acabar indo pra uma fazenda e seria muito complicado se ele chegasse lá e não soubessem a lidar com os serviços que tem na roça, que tem pra gente fazer. E todo o conhecimento que a gente adquire é melhor, né? Quanto mais conhecimento a gente tiver melhor é. (Bárbara, 19 anos)*

Bárbara fala com naturalidade porque ensinaria aos jovens da cidade o que sabe, valorizando o conhecimento que tem, a realidade que vive e o que pensa desses jovens no futuro. Ressalta ainda que conhecimento nunca é demais, pois o que tem hoje pode não ter amanhã. Possivelmente nesta fala ela toma como referência empírica os momentos que tiveram que se deslocar de um lugar para outro, viver em movimento até conseguirem a estabilidade em que se encontram agora.

Por sua vez, Matheus, usando um linguajar simples e com um sorriso estampado no rosto, disse que ia:

*Ensinar trabalhar, né?, pôr para “ralar”. Homem tem que nascer para trabalhar. Eu colocaria eles pra fazer cerca, trabalhar com labanca<sup>29</sup> e cavadeira, ralar esquisito. Ensinar a montar no boi também, mexer com cavalo. Tirar leite, roçar pasto, por eles para suar mesmo para dar calo nas*

---

<sup>29</sup> A observação de campo nos mostrou que “labanca” é uma ferramenta de ferro que serve para furar buraco no chão para fincar um poste no processo de fabricação de uma cerca de arame.

*mãos. Esses jovens que vem da cidade são moles demais, parados (risos) não aguenta muita coisa não. (Matheus, 19 anos)*

De forma plural, os jovens rurais ressaltam a importância do campo na vida da sociedade, mas, ao mesmo tempo, querem compartilhar com os jovens da cidade o modo de vida na zona rural. Mostrar a realidade dos trabalhos no campo para poder ser respeitado, ensinar a viver com o que se tem, mostrar ao outro que se o campo não produz as pessoas da cidade terão dificuldades para adquirir os alimentos. Segundo o que fala Matheus, ele ensinaria isso porque:

*Geralmente, é o que se tem pra roça, né? Roça não tem outro tipo de serviço, e isso mesmo. Mais ralado, mais serviço braçal. Eu acho que as pessoas da cidade não dão muita importância pra coisas do campo, acho que não, né? Pensa que é fácil né. Não sabe que é ralado não, tirado tudo do braço, suor. (Matheus, 19 anos)*

Nesta visão, segundo Matheus, os jovens da cidade não estão acostumados com o trabalho do campo, em sua fala ele demonstra que o jovem urbano deveria saber fazer o que eles fazem no campo. A hipótese levantada aqui é que o jovem do campo tem um saber agrícola e conta com experiência para realizar o trabalho que precisa ser feito na parcela em que moram, um saber que o jovem da cidade não tem e que ele julga ser importante. Matheus também demonstra que o jovem da cidade precisa passar pelo que eles passam, sentir o que eles sentem na pele, o trabalho duro que eles enfrentam, aprender o que os jovens do campo têm aprendido. Dar a oportunidade aos jovens urbanos de se relacionarem com a terra e com os saberes rurais, talvez assim, esses sujeitos urbanos passassem a dar mais valor ao sujeito do campo. Nesse sentido, Charlot (2001, p. 25) diz que “o sujeito se constrói a partir de uma situação inicial de indistinção com o mundo e com os outros (cf. Walon, Lacan, entre outros). Portanto, no próprio movimento em que se constrói, ele constrói o outro como distinto de si mesmo (especialmente “o outro” humano)”. Nesta relação com o saber, segundo este autor, é possível haver a construção do saber do outro em si.

E, por fim, respondendo sobre o mesmo assunto, Douglas fala que:

*Primeiramente, porque eu acho que é importante uma pessoa que vem de uma cidade grande, uma metrópole como e Goiânia, entender a importância que tem o campo na vida deles. Porque se o produtor não produz, o alimento não chega a mesa, se o produtor cruzar os braços hoje, daqui a quarenta dias ninguém tem o que comer, então eu mostraria para eles o valor que tem o produtor e o respeito que tem que ser dado ao produtor. Porque o produtor tem uma luta diária, ele, tipo assim, as vezes, ele não tem final de semana, o produtor que mexe com leite, ele dá uma entrega total, porque a vaca tem que ser ordenhada diariamente. Bom, eu também mostraria um pouco do dia a dia, né?, da lida, mostraria para ele um pouco de como é trabalhar a terra, ééé isso aí. (Douglas, 23 anos)*

Este jovem evidencia uma consciência de classe, de luta, de valorização do saber e do fazer rural, do respeito que se deve ter com o próximo, da conscientização e da relação campo cidade. Douglas dá ênfase à cultura rural e à vocação do trabalhador do campo em produzir, em tom de denúncia da falta de respeito e valorização desta mão de obra tão necessária para toda a sociedade.

De acordo com este jovem, as pessoas da cidade devem dar uma maior importância aos trabalhadores do campo, porque é de lá, da zona rural, que sai o alimento produzido no campo para as pessoas da cidade. De acordo com Carvalho e Costa (2012, p. 32):

Mesmo sendo a principal produtora de alimentos, a agricultura camponesa no país enfrentou, e enfrenta, desde o seu surgimento no período colonial até a época atual, os mais distintos tipos de empecilhos: dificuldades políticas do acesso à terra, várias formas de pressão e repressão para a sua subalternização às empresas capitalistas, exploração continuada da renda familiar por diversas frações do capital, indução direta e indireta para a adoção de um modelo de produção e tecnológico que lhes era e é desfavorável e a desqualificação preconceituosa e ideológica dos camponeses, sempre considerados à margem do modo capitalista de fazer agricultura.

Douglas, em sua fala, valoriza ainda os saberes práticos e a lida diária com os animais e com a terra, atividade que para ele é normal, mas que para o outro pode ser uma novidade, um aprendizado. Este jovem diz que mostraria na prática, talvez seja isso que ele sabe, sente-se confortável para transmitir.

*Bom, eu ensinaria ele como lidar com a terra, plantar, talvez num dia de campo eu ensinaria a ele como plantar uma muda no chão, como plantar uma semente numa bandeja para colocar na estufa para ela poder crescer e depois para colocar por ele no chão, acho que é por aí. (Douglas, 23 anos)*

Em geral, percebemos que os jovens do assentamento acham importante ensinar o que eles sabem fazer no campo aos jovens da cidade. O saber deve ser compartilhado com os outros. Segundo Charlot (20001, p. 17), “não se pode ter acesso a um saber ou, mais genericamente, aprender, se, ao mesmo tempo, não entrar nas relações que supõem (e desenvolvem) este saber, este aprender.”. Nesse caso, o jovem da cidade ao visitar o jovem rural entraria nesse mundo, nessa relação, e passaria a viver, mesmo que temporariamente, neste lugar, onde a ele poderia ser ensinado e caberia a ele aprender, agregar estes saberes que ele tem à sua disposição.

Perguntamos aos jovens que importância eles davam para o que eles sabem fazer, as experiências adquiridas por eles e como isso ajudaria nas tarefas diárias na parcela em que estão assentados. Diante deste questionamento, Bárbara, 19 anos, respondeu:

*Acho muito importante, porque é, assim, sem a experiência que a gente adquire com os outros, a gente não sabe fazer alguma coisa, né?, ou pode dar errado. Mas quando a gente vê alguém fazendo e a gente faz também, assim a gente passa a ter experiência e fica mais confiante no que vai fazer.* (Bárbara, 19 anos)

A fala dessa jovem vem ao encontro do que relata Larrosa (2002, p. 21), experiência é “o que nos acontece”, e quando passamos por algo isso é o que fica, reduzindo as chances de fazer errado. Matheus, por sua vez, responde falando da importância do que sabe fazer de serviço no assentamento.

*Realizar os serviços, ter um conhecimento um pouco de cada coisa, né? Esses trem assim. Experiência assim, fui fazer uma cerca mais um cara, aí o cara não sabia balizar uma cerca, aí eu peguei fui fazer a cerca com ele lá, acabou que eu não trabalhei nada ele ficou furando os buraco lá e eu só olhando a cerca pra ele, ganhei o dia de serviço de boa, trabalhei dois dias de serviço lá só olhando a cerca pra ele. O dono do serviço fazendo a cerca e eu só olhando pra ele (risos,) ganhei o dinheiro fácil.* (Matheus, 19 anos)

Em sua fala, Matheus se gaba de saber fazer e ainda tira proveito da situação, de acordo com a fala desse jovem, a experiência em fazer cerca de arame foi importante, pois ele ganhou o dia sem pegar no pesado. Nessa relação de trabalho, sobressaiu o saber da experiência, adquirido por esse jovem anteriormente em outra situação pela qual passou. Pedimos ao jovem para que explicasse o que é balizar:

*Uai, balizar é você alinhar a cerca. Você coloca um poste aqui e alinha os outros ao você vai longe. Eu, quando era mais novo, meu pai me ensinou, eu tinha uns de anos de idade, aí não aguentava trabalhar assim, né? O meu pai ia trabalhar, mas a minha mãe, então eu ficava na ponta, assim, né? Com um pau grosso, o esticador, né? O meu pai fincava o esticador lá, colocava uma vara e eu alinhava pra ele. E a cerca ficava certinho.* (Matheus, 19 anos)

O que você aprende, a experiência que você adquire ou passa, de certo modo, fica guardada e um dia você tem a oportunidade de usá-la. Esse é o saber da experiência, que nos é transmitido, que fica (LARROSA, 2012). O que este jovem aprendeu com os seus pais ainda criança é um aprendizado que ficou em sua memória, sendo útil para ele em um determinado momento.

Ainda sobre essa mesma questão, Emmile fala que sem a experiência tudo é difícil, mas com experiência é diferente.

*Ah, e muito importante, né? Porque se você não tiver experiência você não faz nada. É tudo novo, mas tendo experiência fica mais fácil de você prosseguir.* (Emmille, 18 anos)

Com a intenção de descobrir que saberes esta juventude rural gostaria de aprender fora do assentamento se tivesse a oportunidade de frequentar uma escola de educação profissional, Bárbara foi direto ao assunto, dizendo:

*Eu gostaria de aprender sobre agricultura, aprender sobre animais também, porque na fazenda a gente precisa muito saber sobre agricultura, saber lidar com a terra, com plantação, porque a gente tem o conhecimento do que aprendeu, mas não é nada profissional. A gente tem o conhecimento do que aprendeu, mas não é nada profissional. E sobre animais também porque aqui na fazenda a gente precisa muito de veterinário, porque, as vezes, uma vaca não dá conta de parir e aí a gente, muitas pessoas aqui no assentamento sabe retirar o bezerro, né? Mas não tem como de retirar como eles sabem, as vezes você tem que fazer uma outra coisa diferente e assim como ninguém sabe, acaba que perdendo o animal, e eu acho que isso seria bom. Eu queria mesmo e aprender sobre agricultura e sobre animais também. (Bárbara, 19 anos)*

Esta jovem, valorizando as suas origens e a sua cultura rural, fala que gostaria de poder aperfeiçoar os conhecimentos, os saberes que tem de forma correta, com mais técnica. A hipótese é que essa jovem tem um espírito de coletividade, presente nos seus ideais, por ter participado do movimento social desde pequena. Ela expressa em suas palavras um modo de pensar coletivo. A educação, neste caso, segundo esta jovem, serviria para atender não só a ela, mas também toda a comunidade a que pertence.

Douglas fala que se tivesse a oportunidade de estudar numa escola profissional gostaria de ver mais:

*Sobre integração de lavoura – pecuária e meio ambiente - que eu acho que é um assunto muito falado é pouco ensinado. Porque muito é cobrado do produtor pra que ele proteja o meio ambiente é muito pouco e incentivado a ela pra que ele cuide do meio ambiente. Porque pode ter muitas cobranças o produtor, mas se o produtor cruzar os braços ninguém se alimenta, então, o que acontece, tem que ter mais incentivo do governo, incentivos não só fiscais, mas também como orçamentários pra que o produtor consiga zelar do meio ambiente, zelar das nascentes é produza de maneira eficiente. (Douglas, 26 anos)*

Este jovem fala que gostaria de poder aprender mais sobre produzir sem destruir, pois eles são muito cobrados pelo governo, e sem um retorno financeiro do Estado. Segundo Cruz (2012, p. 598), “Essas comunidades têm uma relação profunda com a natureza”, e são essas relações que fortalecem a agricultura de subsistência, um tipo de agricultura que predomina nos assentamentos rurais. Talvez por esse motivo este jovem gostaria de poder estudar mais sobre o assunto, para poder fazer de forma correta.

Emmile, usando de poucas palavras, respondeu:

*Ah, eu faria agronomia, veterinária, porque eu mexeria com animais, com a terra. (Emmile, 18 anos)*

Este é um dilema que os jovens enfrentam, segundo Kummer e Colognese (2012, p. 6), “que caminho seguir, por qual profissão se dedicar”, são questões que martelam na cabeça dos jovens. Nas entrelinhas, percebemos o desejo desses jovens de ficar, permanecer no campo, retribuindo aos pais, por meio dos estudos, o que pode ser utilizado no campo. Emmile revela o desejo de fazer um curso ligado ao campo.

Queríamos descobrir se existe uma circulação de saberes entre esta juventude nesta comunidade. Bárbara contribuiu respondendo que:

*Existe sim essa troca entre a gente aqui. Andar de cavalo mesmo, eu era bastante medrosa quanto a andar de cavalo, tinha muito medo. Há uns anos pra trás ia ter uma cavalgada aqui no assentamento e um colega nosso e os seus pais que estavam programando, então, minha mãe falou assim, “minha filha você vai?”, eu respondi que tinha muito medo. Então ela falou que ia conversar com um amigo (o Matheus) e ele ia me ensinar. E foi com o saber dele, que ele me repassou, hoje eu sei e isso pra mim foi uma troca de saberes entre nós. (Bárbara, 19 anos)*

Vimos pelas palavras desta jovem que o saber circula entre a juventude do Olga Benário, ela demonstrou que não sabia, mas que aprendeu com um colega. Aconteceu nesse caso um intercâmbio de saberes do Matheus para a Bárbara. Nessa perspectiva sobre a circulação do saber, segundo Brandão (2017, p. 16), “todo o saber que se transfere pela educação circula através de trocas interpessoais, de relações física e simbolicamente afetivas entre as pessoas”. Já vimos com o próprio Brandão, que educação não é só o que se aprende na escola, ela pode acontecer em qualquer situação na comunidade (BRANDÃO, 2017).

Ao ser questionado sobre situações e experiências de troca de saberes entre a juventude do Olga Benário, Douglas responde:

*Às vezes em alguma reunião, alguma dúvida que um tem, o outro tenha, aí a gente consegue expor assim uma dúvida talvez que a pessoa já tem uma experiência com aquilo, vamos supor com gado é não sabe como fazer um manejo correto, não sabe como fazer um casquiamento, mas o vizinho sabe, então tem muita essa troca de conhecimento, aí não só nessa área também tanto como na área de produção de lavoura de silagem, talvez você não sabe o ponto correto de fazer um corta correta do seu milho, mas o seu vizinho sabe, aí ele vai lá te ajuda, te mostra, fala o daqui uma semana o seu milho está no ponto correto pra fazer a silagem, ele vai dar tantos por cento de proteína, que é o que o gado precisa. Então essa é a vantagem da toca de saberes. (Douglas, 26 anos)*

Em sua fala, Douglas deixou claro para nós que o saber circula entre os amigos, essa troca de conhecimentos, experiências e saberes ocorre pela necessidade que eles têm. Talvez pela falta de assistência técnica especializada dentro do assentamento, isso faz os jovens procurarem uns aos outros para tirar dúvidas e aprender como fazer. Os saberes circulam num movimento de ida e volta. Nessa perspectiva, Larrosa (2011) fala que:

A experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento *de ida* porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento *de volta* porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc. (LARROSA, 2011, p. 6-7, grifos do autor)

Indagado sobre as experiências que promovem aprendizagem e troca de saberes no assentamento e como isso ocorre, Matheus respondeu:

*Geralmente, eles vem pra cá, a gente pega uns bezerras, vai montar, pega cavalo sai, vai mexer com gado para os outros assim, ajudar os outros, ai aprende, sempre aprende. Tratar de um animal, matar uma galinha, dar uns tiro de vez em quando também.* (Matheus, 19 anos)

Quando o Matheus fala que “*eles vem pra cá*” está se referindo aos colegas das outras parcelas que moram no assentamento e que o procuram para fazer alguma atividade, nesse momento, ocorre a troca de saberes e experiências, quem não sabe aprende com quem sabe e assim, aos poucos, todos vão aprendendo a lidar com as necessidades do campo.

### 3.6 O saber que alimenta a luta pela a terra

Identificar os saberes sobre esse tema se faz necessário uma vez que estes jovens fazem parte de um movimento social, de uma comunidade rural assentada e carregam o estigma de sem-terra. Embora já tenhamos levantado no questionário sociocultural que 80% desta juventude reside neste lugar entre 11 e 15 anos, deduzimos que eles não chegaram a participar diretamente da luta pela terra, mas ouviram e ouvem as histórias passadas pelos pais sobre este acontecimento. Esse, aliás, é um saber que, quase sempre, tem como única fonte o meio familiar e a comunidade, visto que a escola negligencia completamente o debate sobre a reforma agrária e a luta pela terra, conforme demonstra o depoimento da Bárbara, que admite conhecer muito pouco:

*Tirando o que minha mãe me passou eu aprendi muito pouco, porque na escola a gente não tem. Tudo bem que no livro de geografia e história fala, cita sobre a reforma agrária, mas não é um conteúdo muito aprendido assim, dentro da sala, porque uma aula de um dia, dois dias, então a gente, a gente aprende muito pouco na questão assim se for para aprender na escola sobre reforma agrária, a gente não aprende muita coisa, é bem pouquinho mesmo. É o que eu conheço sobre reforma agrária é o que minha mãe me falou mesmo. Que a gente tem essa terra hoje é graças a reforma agrária que acolheu a gente no movimento, no MST, a gente tem essa terra hoje é graças a reforma agrária que a gente pode. No movimento eu aprendi muito pouco, mesmo porque eu era muito pequena e quando a gente ia nas reuniões as crianças ficavam a parte, porque a gente gritava muito, né? (risos) Essas reuniões eram pra decidir o que eles iam fazer, por isso tive pouco conhecimento mesmo.* (Bárbara, 19 anos)

Esta jovem admite que o pouco que sabe sobre reforma agrária aprendeu em casa, ao mesmo tempo, faz uma queixa do tema não ser trabalhado com mais atenção na escola. Certamente, este é um assunto que não tem muito interesse para o governo e, por isso, os livros didáticos apenas passam pelo assunto sem aprofundar a questão e alguns professores pouco falam sobre esse tema.

Esse tema reforma agrária tinha como propósito provocar os jovens a se manifestarem sobre o assunto, e também identificar o grau de envolvimento desta juventude com o movimento social, até mesmo para saber como os jovens se veem dentro do movimento. De acordo com Brandão (2004, p. 47), “O movimento social talvez seja, hoje em dia, um local universalmente muito importante para a vivência do encontro do “nós”.” Percebemos que o movimento social é importante e um processo de formação dos mais jovens, mas é este é o saber que esta jovem demonstra ter.

Douglas tem a seguinte opinião quando perguntado sobre o que ele sabe sobre reforma agrária:

*Eu sei que a terra é comprada pela União, porque às vezes as pessoas têm uma concepção que é totalmente errada que as pessoas estão ali roubando ou furtando a terra. É totalmente errada essa opinião [...] a terra é comprada pela União, a terra é paga para o seu dono, né? Então, é uma luta árdua, é uma luta pesada para a pessoa do campo que quer adquirir sua terra. Porém, ela é satisfatória, é posteriormente a pessoa vai ter que pagar essa terra para a União para depois adquirir um título de posse dessa terra. (Douglas, 26 anos)*

Este jovem traz uma visão sobre a reforma agrária diferente da de Bárbara, ele fala o que sabe sobre a reforma agrária, mas não diz como aprendeu, mas deixa claro que a terra foi conquistada por eles através do movimento social. Percebemos que os jovens do assentamento têm pouco envolvimento com o movimento social, a luta pela terra foi dos pais. Notamos que estes jovens demonstram ter pouco conhecimento sobre reforma agrária, não apresentando uma consciência de luta pela terra, como os seus pais tiveram no passado. Nesse sentido, o saber social de luta pela terra está ficando esquecido. Nesse contexto, talvez esteja na hora de reinventar o movimento de luta pela terra atraindo novos militantes. De acordo com Bogo (2004, p. 193-194),

Nesta luta pela reforma agrária, formar muitos militantes e dirigentes é tão importante quanto conquistar a terra. Esta preocupação com a elevação do nível de consciência ideológica dá força à organização como a água que penetra pelas raízes das árvores após longo período de estiagem.

O autor fala da renovação, do espírito de luta de movimento social, fato que surge justamente pela falta de interesse que os jovens assentados apresentam hoje. Matheus até fala da luta que os pais tiveram pela conquista da terra e também denuncia a negligência da escola:

*Eu sei pouco assim, mas é uma coisa que tem que ser lutado para conseguir a terra, porque essa terra aqui é da reforma agrária, né? E para conseguir teve que lutar não foi fácil não. Que eu sei é isso mesmo, não tenho muito conhecimento não. Na escola aprendi muito pouco, e meu pai assim não me ensinou quase nada sobre isso. (Matheus, 19 anos)*

Por esta pesquisa ter sido desenvolvida dentro de uma área de assentamento rural e a maioria das famílias assentadas serem oriundas de movimentos sociais, esperávamos que estes jovens pudessem falar com mais propriedade sobre o assunto, o que não aconteceu. Mas ainda sobre a Reforma Agrária, Bárbara contribuiu dizendo:

*Eu penso que ela foi muito importante na vida da minha mãe, na minha também, porque a gente tem essa terra hoje é graças a reforma agrária. Ninguém veio parar aqui porque não tinha nada para fazer, todo mundo que está aqui teve um motivo, por ter parado no movimento e ter passado tudo que passou, principalmente o preconceito, quando a gente ia na cidade (Ipameri), muitas pessoas escondiam nos estabelecimentos, nem queriam atender a gente. Saía, virava o rosto, muitas pessoas acusavam a gente de ladrão. E eu meio que não entendia muito isso, perguntava minha mãe. Mãe, porque que fulano lá escondeu da gente? Ela pega e fala: - Minha filha, com o tempo você vai entender porque eles escondem e, conforme eu fui crescendo, minha mãe foi me falando. Na escola a gente sofria muito preconceito por ser sem-terra. Ficavam chamando a gente de sem terrinha, de ladrãozinho, essas coisas, e na reforma agrária a gente aprende que não é isso. O conhecimento que a minha mãe me repassou dizia: "- Minha filha isso aqui que a gente tem não é roubado, isso aqui que a gente tem, você lembra do sofrimento que a gente teve, sofremos, passamos por luta e o que a gente tem hoje e graças a reforma agrária que acolheu a gente e deu o retorno para a gente agora, porque todo sofrimento que a gente passou graças a Deus conseguimos um lugar para morar e não é roubado. (Bárbara, 19 anos)*

A escola também aparece na fala da jovem como ausente das discussões sobre a reforma agrária e os assentados, que sofrem preconceitos dentro da própria instituição, que parece fechar os olhos para a situação.

Durante a pesquisa notamos que os jovens do assentamento tinham a necessidade de falar sobre o preconceito, algo que estava sempre posto em nossos diálogos com esta juventude, talvez por não terem outros espaços onde possam falar sobre esse tema. O preconceito é a raiz do ódio contra trabalhadores sem-terra que conquistaram o seu lote através de muita luta. Este é um preconceito enraizado na sociedade pelos grandes proprietários de terra que fazem o discurso de que as suas terras podem ser roubadas, e esse sentimento é reproduzido na sociedade, ocorrendo fatos como o que foi narrado pela Bárbara. O que percebemos nesse caso foi a sabedoria dessa mãe que não fomentou em sua filha o ódio contra quem os discriminava, ao contrário, transmitiu uma lição à sua filha de respeito com o outro, mesmo sentindo na pele

a indiferença das pessoas. Nesse sentido, Chaves (2000), utilizando de uma letra de música, retrata muito bem essa situação vivida por essa mãe e sua filha em Ipameri.

No fundo do mundo/ acontece um lugar/ perdido para muitos/ difícil de achar/ pois para chegar/ é preciso sentir/ que o futuro existe/ naquele que insiste/ em repartir./ Terra de educar/ portal do amanhã/ quem chega pra ser/ trabalha cantando/ descobre sorrindo/ que o dia é mais lindo/ quando existe amanhã// Amanhã partirei/ terra de educar/ vou levando comigo/ o que sei e aprendi/ meu saber repartir/ e depois voltarei.// Eu venho de gente/ que luta e sofre/ trabalha, se mata/ pra encher outros cofres/ mas tem esperança/ num mundo melhor/ com igualdade e respeito/ e sem preconceito/ (CHAVES, 2000, p. 82)

Esta letra retrata bem a situação de quem se encontra no movimento dos sem-terra. Mas a sabedoria de humildade aprendida e repassada, nesse caso da mãe para a filha, é que prevalece na luta contra este preconceito.

### **3.7 Os saberes ecológicos e a questão da sustentabilidade**

Atualmente quando falamos em meio ambiente logo pensamos em preservação da natureza, em educação ambiental nas escolas, em ações de preservação ambiental, coisas desse gênero. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA)<sup>30</sup>, o meio ambiente deve ser tratado com mais respeito pelos cidadãos e dentre as principais áreas de preocupação e atuação deste órgão internacional estão: mudanças climáticas, gestão de ecossistemas e biodiversidade, uso eficiente e produção sustentável dos recursos naturais. Diante desses assuntos que consideramos de ordem mundial, mas que fazem parte do local, buscamos identificar junto aos jovens assentados do Olga Benário ações e saberes que eles e seus familiares mobilizam dentro do assentamento em prol do meio ambiente.

Historicamente no Brasil os assentamentos rurais têm uma forte ligação com a preservação da natureza, o reflorestamento, o uso sustentável dos recursos hídricos e a valorização da fauna e da flora. Mas, e o jovens do Olga Benário, o que sabem sobre esse tema? O que estão fazendo em prol do meio ambiente?

---

<sup>30</sup> Estabelecido em 1972, o PNUMA tem entre seus principais objetivos: manter o estado do meio ambiente global sob contínuo monitoramento; alertar povos e nações sobre problemas e ameaças ao meio ambiente; e recomendar medidas para melhorar a qualidade de vida da população sem comprometer os recursos e serviços ambientais das gerações futuras. Com sede em Nairóbi, no Quênia, o PNUMA dispõe de uma rede de escritórios regionais para apoiar instituições e processos de governança ambiental e, por intermédio dessa rede, engaja uma ampla gama de parceiros dos setores governamental, não-governamental, acadêmico e privado em torno de acordos ambientais multilaterais e de programas e projetos de sustentabilidade. Para maiores informações sobre o assunto acesse: <https://nacoesunidas.org/agencia/onumeioambiente/>

*Aqui não é igual na cidade, né? Que passa o caminhão de lixo recolhendo. A gente mesmo que cuida do que a gente descarta. Igual resto de comida, resto de fruta, de verdura, a gente junta num vasilhame e faz lavagem para dá para porco, ou senão a gente faz o adubo orgânico que também é com o resto de alimento que sobra, a gente armazena ele num recipiente e deixa por alguns dias. Os vasilhames de refrigerante que a gente usa não jogamos fora, reutilizamos colocando água, né? Porque não é todo mundo que tem vaca aqui, ou às vezes a pessoa tem vaca só que não está parida, aí não tem o leite, então a gente vai no vizinho com a garrafa e busca leite. É o resto do lixo a gente recolhe e põe fogo mesmo. Preservando o meio ambiente assim. Fazendo o reflorestamento também em torno das minas. Igual aqui em casa tem duas minas (nascentes), minha mãe sempre que pode ela vai lá e planta alguma árvore, porque é muito bom você fazer esse reflorestamento em volta.*  
(Bárbara, 19 anos)

Nesta fala, Bárbara revela algumas ações realizadas dentro do assentamento, de forma correta, em relação ao meio ambiente, ela apresenta um saber ecológico que talvez tenha sido aprendido na escola ou no cotidiano do assentamento, com os pais, amigos, etc. Ao mesmo tempo em que esta jovem fala de ações positivas em relação ao meio ambiente, na sequência ela menciona que coloca fogo no lixo, nos restos que, segundo ela, não têm serventia, eliminando-os, nesse caso, essa última prática provoca um impacto negativo ao meio ambiente. Bárbara ressalta ainda uma ação desenvolvida pela sua mãe sobre a preservação das nascentes (plantando árvores), porém, observamos que esta jovem em nenhum momento relatou ter participação desta ação. Esse saber ecológico ao qual estamos nos referindo vem ao encontro do que relata Ribeiro (2013, p. 115): “Os saberes ecológicos, mais especificamente, no que diz respeito à educação ambiental, foram ao longo dos tempos sendo disciplinarizados, mesmo que haja defesa de que estes devam ser prática do dia a dia e não virar conteúdos escolares”. O que esta autora está dizendo é que o tema é trabalhado na escola, mas não deixa de ser realizado no cotidiano.

De acordo com Brandão (2004, p. 86, grifos do autor), “a partir de ações diretas ‘com a comunidade’ e em seu nome que uma atuação ambiental é posta em prática”. Segundo este autor, as ações colocadas em prática nas comunidades ajudam a preservar o meio ambiente local. Entendemos que as ações de preservação ambiental devem envolver toda a comunidade local, para que possam obter um resultado melhor. De acordo com Ribeiro (2013, p. 56), são “Saberes que caracterizem os/as Sem Terra são produzidos, sobre seus modos de vida, sobre suas práticas e valores”.

Ainda sobre a questão meio ambiente, Douglas colabora dizendo:

*Eu acho que a princípio no primeiro ponto é respeitar as APP<sup>31</sup>. Então, se você já cerca sua área de preservação permanente que é regida pela Lei, você já está colaborando com a preservação do*

---

<sup>31</sup> Conforme definição da Lei n. 12.651/2012, Área de Preservação Permanente (APP), é uma área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a

*meio ambiente. Bom, Uma ação direta que a gente fez, é igual a gente tem uma represa de captação de água, a gente cercou a cabeceira dela, juntamos a comunidade fomos lá e plantamos, mas de mil mudas de árvores e o projeto e cada ano plantar cada vez mais mudas de árvores para que? Para proteger a cabeceira da nascente. (Douglas, 26 anos)*

Por ser morador de um assentamento rural de Reforma Agrária, e ver de perto as necessidades do meio ambiente local e, por outro lado, as exigências do governo, o jovem chama a atenção para a necessidade de atender às exigências ambientais criadas pelo governo para, em seguida, citar várias ações desenvolvidas não só por ele, mas também por outros membros da comunidade. Segundo Brandão (2017, p. 9), “o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de *saber*, existe também como algum modo de ensinar”. De acordo com este autor, quando na comunidade desenvolvem uma ação como a que foi relatada por esse jovem, na verdade está ocorrendo um processo educativo, uma troca de saberes e experiências. No caso relatado foram colocados em prática saberes ecológicos e saberes comunitários.

Nesse contexto, Matheus, por sua vez, relata:

*Uai, o meu pai preserva as nascentes todas. Não corta pau, não mata. Prefere comprar do que cortar, aproveita uma árvore caída dependendo do que vai fazer. Desmancha uma coisa assim para fazer a outra, ele não gosta não, de cortar, não. Se cortar ele fica brabo, não gosta não. E cercou as nascentes para evitar que as vacas não pisam, né? (Matheus, 19 anos)*

Através da fala desse jovem, de certo modo, percebemos que existe uma educação ambiental e ela está sendo transmitida e executada entre os membros do Assentamento Olga Benário. Algumas atividades estão sendo realizadas na comunidade ou de forma isolada, como apontou Matheus, o caso de seu pai. Fica claro que os saberes ecológicos estão sendo passados entre os moradores do assentamento. São os saberes que ficam no meio da juventude rural, camponesa e poderão prosseguir com este ensinamento para as gerações futuras. Preservar o meio ambiente significa melhorar a qualidade de vida para a população. Segundo Filho (2004, p. 129), “A forma de vida camponesa mantém sua especificidade a partir de sua relação concreta com a produção de sua existência. Isso significa dizer que a terra, muito mais que um meio de produção é ao mesmo tempo, a própria vida do trabalhador da terra”. Portanto, é preciso preservar o meio ambiente, os meios de produção e a própria vida deste sujeito do campo.

Nesse sentido, Bárbara fez seguinte colocação:

---

estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. Acesso em 25/01/2020 às 8:41  
<https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/area-de-preservacao-permanente>

*Quero falar sobre um sentimento que eu tenho aqui sobre o assentamento, para mim, foi a melhor coisa que aconteceu, porque quando minha mãe entrou para o movimento da reforma agrária ela tinha dois filhos e não tinha onde morar e foi a única alternativa que ela tinha, a única saída que ela tinha era essa. Eu tenho um sentimento de alegria, consciência limpa e sei que onde nós estamos não foi roubado, o que tivemos que passar por um processo todo de luta é um sentimento de tristeza quando fala que estamos em lugar roubado. (Bárbara, 26 anos)*

Quando essa jovem se refere ao assentamento como o melhor que aconteceu em sua vida, percebemos que ela está se referindo ao lugar, ao território, à casa, à liberdade que foi conquistada pela sua mãe e outros companheiros de assentamento, mas, ao mesmo tempo, ela se diz triste por não ser reconhecida como cidadã, ela se queixa de preconceito, de ser vista com uma ladra de terra. O que Bárbara fala vem ao encontro do que escreve Molina (2004, p. 26),

O campo como lugar de vida não se configura como estando em extinção, mas sim como território onde se forma a juventude camponesa, de múltiplas possibilidades, de novas relações entre os seres humanos e entre a natureza, de novas articulações e possibilidades de produção/reprodução da vida.

Em suma, os saberes apresentados nas entrevistas concedidas pelos jovens do assentamento foram aprendidos na família, na escola ou na comunidade, com os amigos, familiares, professores. O saber sempre terá espaço em nossas vidas, pois nós, “seres humanos”, somos dotados de inteligência com capacidade de aprender, inventar, copiar, fazer, refazer, ouvir e observar, socializar, reunir e reinventar. E as próximas gerações que ainda vão nascer irão, com certeza, continuar esse ciclo da humanidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando emprestada a frase atribuída ao filósofo grego Sócrates, “Só sei, que nada sei”, e de acordo com a pesquisa realizada junto à juventude do Assentamento Olga Benário de Ipameri onde fomos em busca de identificar os saberes desta juventude rural, percebemos que por mais que tenhamos alguns saberes, existem outros saberes, outras realidades, outras experiências e diante de tantos saberes talvez possamos dizer que “nada sabemos” ou que “temos muito para saber”.

O contato com os sujeitos da pesquisa – a juventude rural – nos proporcionou conhecer outras pessoas, fazer novos amigos, ver de perto a realidade em que eles vivem no campo, conhecer um pouco da cultura desses sujeitos, entender a importância que eles atribuem à conquista da terra por meio da luta social e entender como estes jovens lidam com o preconceito por serem moradores da zona rural e serem conhecidos como sem-terra.

Durante os meses que passamos entre idas e vindas nas incursões ao Assentamento Olga Benário e tentando construir um olhar de etnográfico, ouvimos histórias, observamos o comportamento, as relações homem/natureza e o senso de coletividade que ainda se vê nesta comunidade rural. Também tivemos a oportunidade de participar de algumas atividades com essa gente. O mutirão, por exemplo, uma experiência que nos colocou por pelo menos por um dia no lugar dos moradores do campo, tendo a oportunidade de sentir o que eles vivem diariamente.

Esta pesquisa nos permitiu agregar novos saberes e mostrou na prática o que Paulo Freire dizia: “Não há saberes mais nem saberes menos, há saberes diferentes” (FREIRE, 1987). Aprendemos a valorizar mais ainda os povos do campo, sobretudo, a juventude rural, que enfrenta muitas dificuldades, uns desistem, outros permanecem no campo e dão continuidade ao trabalho dos pais. Este estudo mostrou que as pessoas do campo hoje já não são como as de antigamente em relação à educação, existe uma consciência maior hoje em dia para que as pessoas estudem mais, pois entendem que a educação abre portas para o futuro.

Por diversas vezes tivemos a oportunidade de aprender com esta comunidade rural, outras vezes também ensinamos – nesse sentido, foi possível entender melhor e na prática a frase de Bernard Charlot (2001), “toda relação com o saber é também relação com o outro”, e é justamente nesse relacionamento plural com os outros que percebemos como ocorre a circulação dos saberes entre uns e outros.

Foi possível identificar entre os jovens do assentamento os saberes agrícolas, pecuários, domésticos, ecológicos, escolares e populares. Também foi muito enriquecedor ver a

importância e os significados que eles dão a esses saberes, que, para eles, parecem naturais, pois foram acontecendo em diversos momentos da vida, no próprio convívio com os amigos, familiares, etc.

Pudemos identificar que ocorreu nesse processo uma “educação popular”, evidenciando um processo de ensino e aprendizagem pautado nos conhecimentos, nos saberes e na experiência do sujeito. E, quando falamos em educação popular, logo vem em nossa mente Carlos Rodrigues Brandão (2017, p. 3), que nos diz que “Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.” Esta frase vem justamente ao encontro desta juventude rural do Assentamento Olga Benário, que convive com a educação formal na escola, mas também passa pela educação informal, agregando saberes que fazem a diferença para quem vive no campo.

Devemos levar em consideração que as ferramentas empregadas para a realização desta pesquisa – a observação, o questionário sociocultural e entrevista semiestruturada – nos proporcionaram, enquanto pesquisadores, investigar e obter dados que serviram para analisar esta juventude do campo. No decorrer desta pesquisa as respostas foram surgindo e algumas interrogações foram sendo levantadas, inclusive temas que poderão ser explorados numa possível continuidade desta pesquisa ou por outros pesquisadores neste grande laboratório social que é o Assentamento Olga Benário de Ipameri.

A pesquisa “Saberes da Juventude no Assentamento Olga Benário em Ipameri – GO” trouxe respostas evidenciando não só importância da família na vida destes jovens rurais, mas também da escola e da comunidade, entre outros que também contribuem na construção dos saberes desta juventude. Poderíamos chamá-los de instituições ou fontes de saberes, o que não importa, pois o que realmente importa é de onde vem o saber que fica entrelaçado nesta comunidade. Nos pequenos gestos, na simplicidade de um povo, nos momentos que passamos juntos, observando e analisando, encontramos personagens que nos ensinaram uma lição de amor ao próximo, de humildade e respeito uns com os outros, com o meio ambiente e com a própria vida.

Para conseguir extrair dos jovens do Assentamento Olga Benário que saberes eles possuíam e como era a relação deles com os saberes, foi necessário ganhar a confiança dos mesmos e dos pais, visitando, interagindo, só assim, aos poucos, foi possível entender esta juventude no seu espaço de vivência.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes:** outros olhares sobre a diversidade - Brasília – Ministério da educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade. Unesco, 2007.
- ALVES, Maria Zenaide. Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG. FAE/UFMG, Belo Horizonte: 2013.
- ALVES, Maria Zenaide; FALEIRO, Wender (Org). **Terrafor:** formação de professores e partilha de saberes. 1. ed. Uberlândia-MG: Navegando Publicações, 2018.
- ARAGÃO, José Wellington Marinho de; NETA, Maria Adelina Hayne. **Metodologia Científica.** [recurso eletrônico] Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017.
- BELO, Diego Carvalhar. Acampamentos do MST e sua importância na formação da identidade do Sem Terra. **Revista Nera** – ano 17, nº 24 – janeiro/junho de 2014 – issn: 1806-6755.
- BENINCÁ, Mainara da Costa; OLIVEIRA, Raquel Maria de; LEAL, Cátia Regina A. Almeida; RIBEIRO, Dinalva Donizete. **A relação campo/cidade associada à evasão de jovens rurais de assentamentos do sudoeste de Goiás.** XXI ENCONTRO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. ISSN 1983-487X - UFU – Uberlândia, 2012.
- BOGO, Ademar. Arquiteto de Sonhos. 1. ed. São Paulo – SP: Expressão Popular Ltda, 2003.
- BONDIÁ, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação,** Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 1. ed. 1981. 57. imp. Tatuapé-SP: Editora e Livraria Brasiliense, 2013. Coleção Primeiros Passos.
- \_\_\_\_\_. **O que é educação popular.** Editora Brasiliense. 1. ed. 2006. 3. reimp. 2012. 1. Edição *eBook*, 2017. Coleção Primeiros Passos.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. O outro ao meu lado: algumas ideias de tempos remotos e atuais para pensar a partilha do saber e a educação de hoje. In: MOLL, Jaqueline et al. (Orgs.) **Caminhos da Educação Integral no Brasil:** direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 46-71.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A vida reinventada. Movimentos sociais e Movimentos Ambientais. In: PESSOA, Jadir de Moraes (org) **Saberes do Nós:** Ensaio de educação movimentos sociais. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.
- BRUNO, Regina; LACERDA, Elaine; CARNEIRO, Olavo B. Organizações da classe dominante no campo. In: CALDART, Roseli Saete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO,

Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro e São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e Expressão Popular, 2012, 519-532.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

CALDEIRA, Clovis. Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural. **Brasiliana**, 1956.

CANUTO, Antônio. Comissão Pastoral da Terra (CPT) In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 282-287.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

CARVALHO, HM de; COSTA, Francisco de Assis. Agricultura camponesa. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 28-34.

CASTRO, Rodrigo Dugulin de. **A migração sazonal do Vale do Jequitinhonha no séc. XIX: meios de vida, translocalidade e fluxos**. Viçosa, MG: UFV, 2014.

CHARLOT, Bernado. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Relação com o saber: Formação dos Professores e Globalização – Questões para a educação hoje**. Trad. Sandra Loguércio. Porto Alegre: Artmed, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da relação com o saber às práticas educativas** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos 16 mb; e-PUB).

COVER, Maciel; CERIOLI, Paulo Ricardo. Juventude rural e modelos de desenvolvimento agrário. In: LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Isabel Antunes (Org.). **Juventudes do Campo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

CRUZ, Valter do Carmo. Povos e comunidades tradicionais In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 282-287.

DE MELO MONTEIRO, Rafael; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Relações de poder e produção territorial: as contingências da vida no Assentamento Olga Benário em Ipameri (GO). **Geo UERJ**, 2014, 1.25: 200-222.

DE FREITAS, César Gomes; DE FARIAS, Cleilton Sampaio; VILPOUX, Olivier François. A produção camponesa de farinha de mandioca na Amazônia sul ocidental. **Boletim Goiano de Geografia**, 2011, 31.2: 29-42.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de antropologia**, 1996, 13-37.

DO CARMO, Jânio Gomes; CLEMENTE, Evandro Cesar. A contribuição do Pronaf para o desenvolvimento rural: uma análise dos seus efeitos e desdobramentos para os assentados rurais nos municípios de Teodoro Sampaio e Caiuá-SP. **Revista Tamoios**, 2018, 14.1.

DOS ANJOS, Maria de Fátima et al. Pertencimento e educação: o ser jovem no semiárido. **Revista Terceiro Incluído**, 2016, 6.1: 87-100.

DURAND, Olga Celestina da silva; ALVES, Suzy de Castro. **Juventude do campo na busca da escolarização/qualificação: uma experiência em santa Catarina** – In LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Isabel Antunes (Orgs.). **Juventudes do Campo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

FERREIRA, Ricardo. **Estudando na cidade eles querem o quê?** Sentidos de escolarização no Assentamento Olga Benário de Ipameri-GO. Dissertação [Mestrado em Educação]. Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

FILHO, Ari Lazzaroti. O processo educativo da luta pela terra no Estado de Santa Catarina. In PESSOA, Jadir de Moraes (Org) **Saberes do Nós: Ensaio de educação movimentos sociais**. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

FIRMINO, Waldivino Gomes. **Itinerários camponeses: de lá para cá e daqui pra li até o Assentamento Olga Benário em Ipameri (GO)**. 2013. Dissertação [Mestrado em Geografia] - Universidade Federal de Goiás, 2013.

FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes. **A formação para o ensino de ciências nos currículos de pedagogia nas instituições públicas de ensino superior do sudeste goiano**. Dissertação [Mestrado em Educação] - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. **Sonoros ofícios: cantos de trabalho: circuito 2015/2016**. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Educação “bancária” e educação libertadora**. Introdução à psicologia escolar, 1997, 3: 61-78.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação politécnica In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 274-286.

GARCIA, José Carlos. Legitimidade da luta pela terra. *Dicionário da Educação do Campo*, In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO,

Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 460 - 467.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas** 1. ed.13. reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan; Jorge Zahar Ed, 1989.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **O rural e o urbano: é possível uma tipologia**. Estudo elaborado como parte da Tese de Doutorado intitulada “Preposição Teórico- Metodológica de Uma Cartografia Geográfica Crítica e Sua Aplicação no Desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira.” Presidente Prudente, 2008.

GROPPO, Luís Antonio; COUTINHO, Suzana Costa. A educação popular e o campo das práticas socioeducativas: considerações sobre a história da educação popular e de seus desafios atuais. **EccoS Revista Científica**, 2016, 40: 129-143.

JANATA, Natacha Eugênia. **Juventude que ousa lutar!: trabalho, educação e militância de jovens assentados do MST**. Florianópolis, SC, 2012. 278 p.; 21cm.

JANATA, Natacha Eugênia; VENDRAMINI, Célia Regina. Trabalho e escola na constituição de jovens de assentamento do MSR. In LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Isabel Antunes (Orgs.). **Juventudes do Campo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Tempo da Ciência**. v. 20, n. 39, UNIOESTE/Campus de Toledo/PR, 2013.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, 2002, 19: 20-28.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, 2011, 19.2: 04-27.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução: Heloisa Monteiro e Francisco Settinieri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Isabel Antunes (Orgs.). **Juventudes do Campo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

LOPES, A. R. C. **Conhecimento Escolar: Ciência e Cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Otávio Luiz (Org.) **Juventudes e sociedade no Brasil: estudos transdisciplinares**. v. 2. Frutal: Prospectiva, 2016.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Infância rural e trabalho infantil: concepções em contexto de mudanças. In: **DESIDADES: Revista Electrónica de Divulgación Científica de la Infancia y la Juventud**, 2018, 21: 46-58.

MARTINEZ, Lucas; SALVA, Sueli. Os jovens e as relações com o saber: elementos para construção de uma pesquisa. **RELAcult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, 2016, 2.4: 99-106.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, USP, São Paulo, v.30, nº 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MASCARENHAS, Angela Cristina Belém. A educação para além da escola. O caráter educativo dos movimentos sociais. In PESSOA, Jadir de Moraes (Org). **Saberes do Nós: Ensaio de educação movimentos sociais**. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Tradução de Angelina Teixeira Peralva. In: **Revista Brasileira de Educação**, 1997 nº 5 e 6.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. **O lugar como uma construção social**. **Revista Formação**, n. 4, v. 2, p. 48-60, UNESP, 2007.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 34-42.

OLIVEIRA, Cássia Milena Nunes. **MST: A juventude como caminho**. 2010. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de História – São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1996, v. 39 nº 1.

PALUDO, Conceição. **Educação popular**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 282-287.

PEREIRA, Mirian Rosa. **Custos de transação e comercialização da produção do Assentamento Olga Benário** (Ipameri – GO). 2016. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, Universidade Federal de Goiás, Escola de Agronomia (EA), Goiânia, 2016.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes do nós: ensaios da educação e movimentos sociais**. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

ROLO, Márcio; RAMOS, Marise. **Conhecimento**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 149-156.

RIBEIRO, Vândiner. **Currículos e MST: Relações de poder-saber e a produção da “subjetividade lutadora”**. 2013. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, 2013.

ROSSI, Maria Aparecida Lopes; PERES, Selma Martinez. **Alfabetização e letramento** - unidade 5. In. ALVES, Maria Zenaide; FALEIRO, Wender (Org). **Terrafor: formação de professores e partilha de saberes**. 1. ed. Uberlândia-MG: Navegando Publicações, 2018.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999 – 2006)**, vol. 1. Belo Horizonte-MG: Argvmentvm, 2009.

SANTOS, Ana Caroline Trindade dos. **Juventude rural e permanência no campo: um estudo de caso sobre a juventude do assentamento rural Flor do Mucuri-Se**. UFP: Centro de Ciências Aplicadas, PPGSS, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar**. *Série ideias*, 1988, 5.

SILVA, Severino Felipe da; NETO, José Francisco de Melo. **Saber popular e saber científico**. In: **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.24, n. 2, p. 137-154, jul. - dez. 2015.

SILVA, Juniele Martin; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. **Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de Catalão (GO)**. *Soc. & Nat.*, Uberlândia, 28 (3): 361-374, set/dez/2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320160303>

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente**. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil, 3. Reimpressão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

TARDIN, José Maria. **Cultura camponesa**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 149-156.

TEDESCO, Marcos Anderson. Marly Krüger de Pesce, Rosana Mara Koerner. **Práticas de letramento na família Possibilidades para a ação docente**. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 11, n. 20, p. 219-232, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/>

VENDRAMINI, Célia Regina. A Experiência Coletiva como Fonte de Aprendizagens nas Lutas do Movimento Sem Terra no Brasil. **Revista Lusófona de Educação**, 2005, 6, p. 67-80.

VIANA, Maria José Braga. A relação com o saber, com o aprender e com a escola: uma abordagem em termos de processos epistêmicos. **Revista Paidéia**, FFCL - Fundação Monsenhor Messias, MG, 2003,12(24), p. 175-183.

WEISHEIRMER, Nilson. Sobre a situação juvenil na agricultura familiar. In. LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Isabel Antunes (Orgs.). **Juventudes do Campo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica (Coleção Caminhos da Educação do Campo), 2015.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 24, p. 1 – 260, maio/ago. 2006.

WELLER, Wivian. PFAFF, Nicole (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Reforma agrária e meio ambiente: superando preconceitos contra o rural. **Retratos de Assentamentos**, 2009, 12.1: 33-46.